



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

LEONARDO MELIANI VELLOSO

UM MARAVILHOSO IMAGINÁRIO:
A REPRESENTAÇÃO DO MARAVILHOSO NA LITERATURA DE
VIAGENS E NA CARTOGRAFIA MEDIEVAL E RENASCENTISTA

CAMPINAS

2016

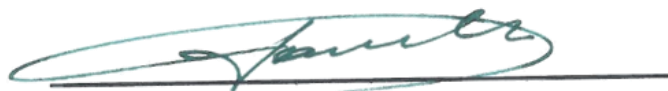
LEONARDO MELIANI VELLOSO

UM MARAVILHOSO IMAGINÁRIO

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em História, na Área História Cultural.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Paulo Celso Miceli

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO LEONARDO MELIANI VELLOSO, E ORIENTADO PELO PROF. DR. PAULO CELSO MICELI.



CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

V546m Velloso, Leonardo Meliani, 1991-
Um maravilhoso imaginário : a representação do maravilhoso na literatura de viagens e na cartografia medieval e renascentista / Leonardo Meliani Velloso. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Paulo Celso Miceli.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Imaginário. 2. Cartografia. 3. Escritos de viajantes. I. Miceli, Paulo, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: An imaginary wonderful

Palavras-chave em inglês:

Imaginary

Cartography

Writings of travelers

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

Paulo Celso Miceli [Orientador]

Adma Fadul Muhana

Pedro Paulo Abreu Funari

Data de defesa: 24-05-2016 **Programa**

de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em vinte (20) de maio de 2016, considerou o candidato Leonardo Meliani Velloso aprovado.

Prof. Dr. Paulo Celso Miceli

Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari

Profa. Dra. Adma Fadul Muhana

Prof. Dr. Oswaldo Machado Filho (suplente)

Profa. Dra. Josianne Francia Cerasoli (suplente)

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica do aluno

*Dedico este trabalho aos meus pais,
Mara e Walter.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço o essencial apoio da Capes, pela bolsa de Mestrado que financiou a pesquisa e sem a qual os estudos de pós-graduação *stricto sensu* se tornam inviáveis.

A minha sincera gratidão ao meu orientador, Paulo Celso Miceli, pela ajuda, paciência, cuidadosa orientação, pelos almoços e garrafas de vinho, pela conversa e amizade, sem a qual este trabalho não teria acontecido.

Aos professores que tanto contribuíram para a minha formação como historiador, especialmente, Leandro Karnal, José Alves, Pedro Paulo Funari e Luzia Margareth Rago, agradeço pelas muitas horas de aulas que serão para sempre indispensáveis.

Agradeço aos amigos e colegas de graduação que compartilharam de tantas aulas, dúvidas, festas e cafés: João Paulo Gama, Rafael Reis de Andrade, Rafael Santesso Verdasca, Jaqueline Moraes, Raquel Piacenti, Felipe Cerejo e Leonardo Novo. Agradeço especialmente a Jorge Augusto Fray, pelos muitos anos de amizade e conversas, pela minuciosa leitura deste trabalho e pela indispensável ajuda com a criação do título.

Aos novos e velhos amigos que presenciaram os momentos iniciais e finais da redação desta dissertação: Izabela Pavani, Rafael Francisco Suffi, Giovanna Andreo, Filipo Pires Figueira, Welder Garrido, Déborah Rangel, Dayane Xavier, Daniel Rauh, Igor Pereira Vieira, Elias Nassif, agradeço pela amizade e pela paciência. Agradeço também a Tallita Dellariva, que compartilhou dos desesperos do mestrado e a Antony Henrique Tomaz Diniz, pelas conversas antropológicas que tanto auxiliaram este trabalho.

Agradeço aos meus amigos de música Ricardo Marks, Júlio Pilenso, Bruno Jorge e Eduardo Haszler, pelo incentivo e parceria na hora do lazer.

Agradeço finalmente aos meus pais, Walter Ferreira Velloso Jr. e Mara Talarito Meliani, que sempre me incentivaram a estudar e me despertaram o amor a pesquisa.

*Dá Veloso, espantado, um grande grito:
- Senhores, caça estranha – disse – é esta!
Se inda dura o gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que o humano espírito
Desejou nunca; e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.
Luís de Camões, Os Lusíadas*

RESUMO

Nesta dissertação de mestrado estudaremos como os Livros de Maravilha, ou *Mirabilia*, do final da Idade Média, estão inseridos na antiga tradição de descrição de lugares fantásticos, localizados nos extremos do mundo conhecido. Por meio do estudo detalhado de Livros de Maravilha como *As viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento* – especialmente estes dois -, vamos em busca de elementos comuns entre essas formas de narrativa e suas relações com as representações do maravilhoso que, para o historiador Luís de Albuquerque, foram legadas pela antiguidade grega; pretendemos reconhecer e analisar sua presença em outras formas de manifestação e produção cultural do Renascimento, como a literatura de viagens e a cartografia. Essa trajetória de pesquisa será acompanhada, sempre, pela leitura de textos produzidos pela História Cultural, com inflexão nos temas da teratologia e das relações de alteridade.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Imaginário
2. Cartografia
3. Literatura de viagens

ABSTRACT

In this masters dissertation we shall study how the Books of Marvels, or *Mirabilia*, from the late Middle Ages, are inserted in the ancient tradition of description of fantastic places, located on the edges of the known world. Through a detailed study of Books of Marvels such as *The voyages of Jean of Mandeville* and the *Libro del Conosçimiento* – specially this two -, we will search for common elements between this forms of narrative and its relations with the representation of the marvellous which, for the historian Luís de Albuquerque, were bequeathed by greek antiquity; we intend to recognize and analyze its presence in other forms of Renascence cultural manifestation and production, such as travel literature and cartography. This research trajectory will be accompanied, always, by the Reading of texts produced by Cultural History, with focus on the themes of teratology and relations of otherness.

KEY WORDS:

1. Imaginary
2. Cartography
3. Travel literature

LISTA DE IMAGENS

1. Mapa de zonas de Orbis Breviarum	35
2. Mapa T/O de Santo Agostinho	35
3. Mapa de Ebstorf	39
4. Mapa de Hereford	40
5. Tábula Rogeriana	41
6. Mapa Mundo de Vesconti	43
7. Carta Pisana	44
8. Atlas Catalão, Folhas 3 e 4	46
9. Atlas Catalão, Folhas 5 e 6	46
10. Mapa de Walsperger	48
11. Mapa de Fra Mauro	49
12. Globo de Behaim	51
13. Mapa de Juan de La Casa	52
14. Mapa de Cantino	53
15. Mapa de Waldseemüller	53
16. Mapa-múndi de Mercator, 1538	54
17. Mapa-múndi de Mercator, 1569	55
18. Europa Regina	56
19. Leo Belgicus	56
20. Typus Orbis Terrarum	57
21. Blêmio	73
22. Homem de lábio imenso	73
23. Homem de pé imenso	73
24. Homem de orelhas imensas	73
25. Homem sem nariz	73
26. Andrógino	73
27. Blêmios	73
28. Homem de pé imenso	73
29. Fênix, Crônica de Nuremberg	75
30. Fênix, Mapa Borgia, detalhe	75
31. Grifo, Mapa de Ebstorf, detalhe	78

32. <i>Grifo, Sálterio de Alfonso</i>	78
33. <i>Dragão, Mapa de Ebstorf, detalhe</i>	80
34. <i>Dragão, Mapa Borgia, detalhe</i>	80
35. <i>Dragão, Mapa-múndi do Saltério, detalhe</i>	81
36. <i>Serpente Marinha, Carta Marina, detalhe</i>	81
37. <i>Cinocéfaló, Crônica de Nuremberg</i>	84
38. <i>Cinocéfaló, Libro del Conosçimiento</i>	84
39. <i>Mapa da Europa 1572, detalhe</i>	92
40. <i>Mapa de Fra Mauro, detalhe</i>	94
41. <i>Mapa da África, 1540</i>	95
42. <i>Carta de la barbarie de lanegretie e de la guine, detalhe</i>	99
43. <i>Atlas Catalão, detalhe 1</i>	101
44. <i>Atlas Catalão, detalhe 2</i>	101
45. <i>Mapa da Europa, detalhe</i>	101
46. <i>Carta de Zuanne Pizigano, detalhe</i>	102

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. LITERATURA DE VIAGENS	18
Relatos de viagem e livros de geografia	22
Livros de maravilhas	26
3. CARTOGRAFIA	34
Uma pequena história da cartografia medieval	36
4. IMAGINÁRIO E REPRESENTAÇÃO	61
Permanências antigas e medievais	65
Monstros, povos e maravilhas	71
Reinos, ilhas e lugares	91
5. O SENTIDO DO FANTÁSTICO	106
A representação do fantástico nas <i>Viagens de Jean de Mandeville e no Libro del Conosçimiento</i>	107
O dilema de Colombo: o outro positivo ou negativo?	127
6. CONCLUSÃO	131
7. REFERÊNCIAS	134
Fontes primárias	134
Bibliografia	135
Fontes digitais	136

Introdução

O fascínio que o Maravilhoso inspira já dura alguns milênios. Maravilhoso esse que povoa um imaginário rico e vasto, cujas origens antigas se misturam para formar um verdadeiro emaranhado de histórias. Essa vasta gama de seres monstruosos, povos estranhos, lugares fantásticos situados nos extremos do mundo conhecido, objetos maravilhosos e tesouros preciosos habitam um sem número de obras, desde a antiguidade até a baixa Idade Média e o Renascimento e ainda além; algumas com mais abundância, como o muito lido (embora envolto em diversas discussões acerca de sua autoria e de seu valor documental e filosófico) *As viagens de Jean de Mandeville*¹, ou o anônimo e pouco conhecido *Libro del Conosçimiento*²; e outras com menos, como os relatos de viagem do explorador árabe Ibn Battûta, o *Presente Sobre as Curiosidades das Cidades e as Maravilhas das Viagens*³, ou o *Livro das Maravilhas*, do veneziano Marco Polo⁴. Figuram amplamente nos mais variados mapas, como decoração, representação do desconhecido ou do perigoso, ou como uma real tentativa de sua localização. Aparecem desenhadas em tapeçarias e pinturas e esculpidas em estátuas.

Esse imaginário fantástico e maravilhoso é o tema deste trabalho; um tema que abarca diversas problemáticas, que, pela sua subjetividade (visto que falamos em imaginário, ou seja, a imagem que homem faz de determinados elementos), se aproxima da História Cultural e de seus preceitos, especialmente da história da leitura de Roger Chartier, pois como ele bem afirma:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.⁵

¹ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Tradução, introdução e notas Susani Silveira Lemos França. Bauru:SP: EDUSC, 2007. Optamos por utilizar aqui a edição em português organizada por Susani Silveira Lemos França, que contém notas explicativas e uma introdução que analisa e explica diversos aspectos da obra.

² LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). *Libro del conosçimiento de todos los rregnos et tierras et señórios que son por el mundo, et de las señales et armas que han*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico", 1999. Optamos pela edição publicada pela instituição Fernando El Católico que além da transcrição da obra em espanhol arcaico, possui um fac-símile do manuscrito Z, artigos sobre a obra pelos quatro organizadores analisando-a quanto a diferentes aspectos, laminados com os diversos brasões e flamulas representadas nos quatro manuscritos conhecidos do *Libro* e uma reprodução de alta qualidade do *Atlas Catalão* atribuído a Abraham Cresques.

³ IBN BATUTA. *Voyages et périples choisis*. Paris: Gallimard, 1992. Por falta de uma edição em português, optamos pela edição em francês organizada e com anotações de Paule Charles-Dominique.

⁴ POLO, Marco. *As viagens*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

⁵ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Difel. 2002. pp. 16-17

Ou seja, buscamos identificar como esse imaginário fantástico foi construído, quais são as suas origens, e como e onde ele foi representado, qual foi a imagem que o homem lhe deu e porque lhe foi dada tal representação.

Para tanto temos como principal objetivo mostrar a relação entre o imaginário fantástico e sua representação. Faremos, então, três movimentos; primeiro analisaremos as duas principais fontes para este imaginário e sua representação: a literatura de viagens e a cartografia; depois analisaremos o imaginário fantástico que vigorou na baixa Idade Média e no Renascimento, mostrando suas características e traçando suas origens, e faremos um apanhado dos seres, lugares e objetos maravilhosos que povoam esse imaginário, mostrando onde se originam e onde foram representados; por último, através de uma análise aprofundada das fontes, especialmente as *Viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento*, em conjunto com um debate historiográfico acerca dos problemas de alteridade, buscaremos entender porque esse fantástico é representado da forma como é, mostrando qual o seu sentido.

Esses três movimentos serão divididos em quatro capítulos. No primeiro trataremos da literatura de viagens, apresentaremos suas características e tipos. Optamos por trabalhar especificamente com dois desses tipos, os relatos de viagem e os livros de geografia, pois são os que mais apresentam os elementos fantásticos que nos interessam. Trabalharemos suas características específicas e exemplificaremos obras, bem como faremos uma comparação entre os dois tipos. Por último apresentaremos os Livros de Maravilha, uma categoria que agrupa relatos de viagem e livros de geografia que tenham como objetivo descrever, ou que apresentem uma abundância, de elementos maravilhosos. A essa categoria pertencem as *Viagens* e o *Libro*. As obras *A medida do mundo*, de Paul Zumthor⁶, *Introdução ao estudo dos descobrimentos portugueses*, de Luís de Albuquerque⁷, *O medo do mar nos descobrimentos*, de Paulo Lopes⁸ e *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*, de Jacques LeGoff⁹, serão de grande importância, como referência e debate historiográfico acerca do tema.

⁶ ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madri: Cátedra. 1994.

⁷ ALBUQUERQUE, Luis de. *Introdução a história dos descobrimentos*. Coimbra: Atlantida, 1962

⁸ LOPES, Paulo. *O medo do mar nos descobrimentos: representações do fantástico e dos medos marinhos no final da idade média*. Lisboa: Tribuna da história, 2009.

⁹ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Ed.70, 1990

No segundo capítulo trataremos da cartografia e da sua importância como receptáculo desse imaginário fantástico, visto que nos mapas encontramos uma abundância de representações visuais daquilo que era descrito nos livros de maravilha. Apresentaremos uma pequena história da cartografia medieval, buscando mostrar como essa se modifica até o Renascimento. É importante ressaltar que procuramos evitar qualquer termo como *evolução* ou *avanço*; o mapa é, acima de tudo, uma representação do imaginário do homem acerca do espaço onde vive, dessa forma um mapa do século XV como o *Orbis Terrarum* de Ortelius não é mais evoluído que um mapa esquemático T/O do século II, ele apenas representa um conhecimento e um imaginário mais complexo acerca do seu espaço. Mais uma vez as obras de Paul Zumthor e Luís de Albuquerque serão de grande importância para o capítulo, mas também devemos ressaltar o verbete *Atlas* da enciclopédia Einaudi, escrito por Ugo Tucci¹⁰, e que apresenta uma concisa visão acerca da cartografia e da sua importância. Ainda a obra *O descobrimento do mundo*, de Oswald Dreyer-Eimbcke¹¹, fornecerá um importante debate acerca do tema.

No terceiro capítulo discorreremos acerca do imaginário. Este capítulo será dividido em duas grandes partes, na primeira apresentaremos o imaginário da baixa Idade Média e buscaremos mostrar quais elementos o formam; dessa forma identificaremos cinco tradições culturais cuja mitologia e folclore contribuíram para a formação desse imaginário: a tradição clássica, ou greco-romana, germânico-escandinava, gaélico-bretã, judaico-cristã e oriental. Além da já citada obra de Jacques Le Goff, podemos destacar a grande importância das obras *História do medo* de Jean Delumeau¹², *Mitos e lendas celtas*, de Charles Squire¹³ e *Gods and myths of northern Europe*, de H.R. Ellis Davidson¹⁴. Na segunda parte catalogaremos diversos seres, objetos e lugares fantásticos que habitam esse imaginário, mostrando sua origem e aonde são representados, para tanto iremos às fontes primárias e trabalharemos com as obras de Heródoto, Plínio, o velho e Santo Isidoro de Sevilha, bem como as *Viagens* e o *Libro, o Livro das Maravilhas*, de Marco Polo, o *Bestiário*, de Da Vinci¹⁵ e a *Navegação de São Brandão*¹⁶.

¹⁰ TUCCI, Ugo. *Atlas*. In. ENCICLOPEDIA Einaudi. Porto: IN/CM, c1984. v. 1

¹¹ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O Descobrimento da Terra*. Trad. Alfred Josef Keller. São Paulo: melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1992

¹² DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.

¹³ SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2005

¹⁴ DAVIDSON, H.R. Ellis. *Gods and myths of northern Europe*. Londres: Penguin Books. 1965.

¹⁵ DA VINCI, Leonardo. *Bestiário, fábulas e outros escritos*. Porto: Assírio e Alvim. 2005

¹⁶ BENEDEIT. *El Viaje de San Brandan*. 5. ed. Madrid: Ediciones Siruela, 1995.

No último capítulo, finalmente, voltaremos a essas fontes primárias para entender o significado da representação desse imaginário. Discorreremos acerca da visão do homem Europeu da baixa Idade Média, nos apropriando do discurso de alteridade para entender porque esse homem representava o fantástico, o maravilhoso e o monstruoso como o representava. Apresentaremos primeiramente uma análise mais profunda da representação do fantástico nas *Viagens de Jean de Mandeville* e no *Libro del Conosçimiento* fazendo uma relação das séries e espécies que compõe a tópica definidora do fantástico, comparando, em seguida, os dois textos. Depois, pensando na obra *A conquista da América* de Tzvetan Todorov¹⁷, e especialmente no dilema de Colombo ante a consideração de que os habitantes da América eram, ao mesmo tempo, iguais, justificando a catequese, e diferentes, justificando a escravidão, trabalharemos as duas obras lado a lado, destacando como o outro assume aspectos negativos, como os homens monstruosos, ou positivos, como o grande Khan de Catai, em cada uma delas, e quais são esses aspectos, lembrando que eles são, sempre, definidos pelo narrador. Além da obra de Todorov, também podemos ressaltar a obra: *O espelho de Heródoto*, de François Hartog¹⁸, indispensável para a discussão de alteridade e de enorme importância para a discussão do capítulo.

Nossa metodologia baseia-se, como já dito, nos preceitos da História Cultural. Assim, apesar de apresentarmos um debate historiográfico com diversos autores, nossa maior referência são as fontes primárias. É nelas que buscaremos a subjetividade que nos interessa, o imaginário fantástico representado em texto ou imagem, pois como bem afirmou Lucien Febvre:

A história faz-se, sem dúvida, com documentos escritos, quando eles existem; e, até mesmo, na sua falta, ela pode e deve fazer-se. A partir de tudo o que a engenhosidade do historiador pode lançar mão para fabricar seu mel, na falta de flores usuais. Portanto, a partir de palavras e sinais; de paisagens e pedaços de argila; das formas de campos e de ervas daninhas; dos eclipses de lua e das coleiras de parelha; da perícia de pedras feitas por geólogos e da análise de espadas metálicas feitas por químicos. Em suma, a partir de tudo o que, pertencente ao homem, depende e está a serviço do homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, as preferências e as maneiras de ser do homem. Uma grande parte – e, sem dúvida, a mais apaixonante – de nosso trabalho de historiador não consistirá no esforço constante para que as coisas silenciosas se tornem expressivas, leva-las a exprimir o que elas são incapazes de dizer por si mesmas a respeito dos homens e das

¹⁷ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁸ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

sociedades que as produziram e, finalmente, para constituir entre elas essa ampla rede de solidariedade e ajuda mútua que supre a falta do documento escrito?¹⁹

É da análise dessas fontes primárias, diga-se a literatura de viagens e a cartografia, baseada no debate historiográfico com os autores citados que tiraremos nossas conclusões. É a partir desse debate que lançaremos um olhar sobre o imaginário do homem do fim da Idade Média, entendendo então o sentido que esse lhe dava. Isso nos leva diretamente a outro tema: nosso recorte temporal. Mesmo que trabalhem com documentos de diversas épocas, desde a antiguidade até o Renascimento, nosso recorte primário é o período entre o fim da Idade Média e o início do Renascimento, diga-se séculos XIV a XVI. É a representação do fantástico nesse período que nos interessa primariamente; no entanto, para entendê-la é necessária também uma análise de fontes anteriores das quais herdaram seu imaginário, obras como as de Heródoto, Plínio e Santo Isidoro, da Antiguidade e da Alta Idade Média.

¹⁹ FEBVRE, Lucien. *Ver uma outra história* (1949). In *Combates pela história*. Paris: Armand Colin, 1953. P. 428

Literatura de viagens

O que é literatura de viagens? Podemos dizer que literatura de viagens é um gênero literário específico, onde se pode agrupar obras que, não obstante suas imensas diferenças, possuem uma sensível identidade própria, tratando todas elas de viagens. Sejam relatos da viagem feita ou imaginária, sejam livros descrevendo a geografia do mundo ou diários de bordo, cartas de conquista²⁰, cartas de navegação; enfim, todas tratam de viagem. De modo geral, a definição de Bakhtin para os seus *romances de viagem* bem descrevem a literatura de viagens como um todo:

A personagem é um ponto que se movimenta no espaço, ponto esse que não possui características essenciais nem se encontra por si mesmo no centro da atenção artística do romancista. Seu movimento no espaço são as viagens e, em parte, as peripécias-aventuras (predominantemente do tipo experimental), que permitem ao artista desenvolver e mostrar a diversidade espacial e socioestática do mundo (países, cidades, culturas, nacionalidades, os diferentes grupos sociais e as condições específicas de sua vida). (...) O tipo de romance de viagens tem como característica uma concepção puramente espacial e estática da diversidade do mundo. O mundo é uma contiguidade espacial de diferenças e contrastes.²¹

Da mesma forma os narradores-personagens da nossa literatura de viagens atendem a essas características: seja no relato de viagem, no livro de geografia ou na carta de conquista, o centro da atenção é a viagem e não o viajante em si; não interessam as sensações ou pensamentos do narrador-personagem e sim as descrições que faz do mundo, os países, cidades, culturas, nacionalidades, os diferentes grupos sociais e as condições específicas de sua vida, ou mesmo a sua conquista. As diferenças em termos de estilo e narração dessas obras são, entretanto, inúmeras e não importa a este trabalho enumerá-las, visto que trabalharemos, especificamente, com dois desses tipos textuais, quais sejam os relatos de viagem e os livros de geografia, sobre os quais nos deteremos mais demoradamente à frente.

Devemos a seguir apontar alguns pontos sobre a literatura de viagens que mostram o porquê da sua importância e da sua escolha para esta pesquisa. Primeiramente, podemos considerar a literatura de viagens um gênero muito antigo pois, bem antes de Heródoto

²⁰ Por cartas de conquista entendemos a correspondência enviada aos reis europeus relatando a conquista de novas terras, como a carta de Pero Vaz de Caminha, ou as cartas de Cortéz que compõem a *Conquista do México*.

²¹ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 205-206

descrever os lugares por ele visitados, a *Iliada* e a *Odisseia*, de Homero já figuravam como uma espécie de matriz dos relatos de viagem, o que não quer dizer que devam ser consideradas livros de geografia propriamente ditos, mas as duas obras, especialmente a segunda, apresentam em alguns de seus elementos (a viagem marítima, os perigos, no mar e nas ilhas, e o retorno a casa) características que podem ser encontradas em muitos relatos de viagem posteriores, afinal nessas obras se encontra o “relato de périplo imaginário, realizado pelo herói mítico, a percorrer caminhos abertos, exclusivamente, nos espaços da elaboração poética”²², como disse Paulo Miceli. Séculos depois de Homero, Estrabão (c.50 a.C. – 25 d. C), famoso pela sua *Geografia*, afirmou que deve-se a Homero informações “praticamente ausentes em outras fontes conhecidas, tratando da origem dos povos e das suas migrações, da fundação das cidades e do estabelecimento dos impérios e repúblicas”²³, acrescentando que Homero foi o fundador da ciência geográfica e também de toda a ciência²⁴. Podemos considerar que esses livros eram bastante conhecidos e lidos durante a Idade Média, mantendo sua popularidade nos séculos iniciais dos tempos modernos, haja vista as inúmeras semelhanças entre eles e as obras propriamente geográficas produzidas nesses períodos. Livros como as *Collectanea rerum memorabilium* de Solino, escritas no século III antes de Cristo, a *Geografia* de Estrabão, a *Naturalis Historia* de Plínio o Velho, escrita no século I, ou ainda o *De Situ Orbis* de Pompônio Mela, do mesmo século, são, segundo Paulo Lopes, “algumas das obras que mais influenciaram a representação do mundo na Idade Média”²⁵. Luís de Albuquerque em seu livro *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses* nos diz:

[as enciclopédias medievais] como as *Specula*, de Vincente de Beauvais (meados do século XIII), ou o *Liber Naturae*, de Conrado Meygenberg (de um século mais tarde), continham sempre uma parte onde eram expostas as ideias geográficas do autor, em geral compiladas dos textos gregos ou, com maior frequência, latinos²⁶.

Foram produzidos também durante a Idade Média diversos *De Situ Orbis*, seguindo o formato do livro original e dando uma descrição do mundo “concisa e breve”²⁷; o primeiro

²² MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no teatro do mundo*. Campinas: Editora da UNICAMP. 2012. p. 34

²³ *Idem*

²⁴ *Idem*

²⁵ LOPES, Paulo. *O medo do mar nos descobrimentos: representações do fantástico e dos medos marinhos no final da idade média*. Lisboa: Tribuna da história, 2009. p. 26

²⁶ ALBUQUERQUE, Luis de. *Introdução a história dos descobrimentos*. Coimbra: Atlantida, 1962. p. 120

²⁷ *Idem*.

apareceu no século IX, “correndo, aliás, anonimamente; um dos últimos, ou mesmo o último, foi escrito por Duarte Pacheco Pereira, que manteve o título tradicional em latim, apesar de escrever em português”.²⁸ Podemos ver como existe uma permanência dessa escrita geográfica antiga e como esta influencia a escrita de viagens e geográfica medieval e moderna e, conseqüentemente, o seu imaginário sobre o mundo.

Luís de Albuquerque leva-nos a um segundo ponto importante. As enciclopédias por ele mencionadas compilavam suas descrições geográficas de textos antigos. A leitura e apropriação de passagens da obra de outros autores era uma prática comum na Idade Média. Foucault em seu texto *O que é um autor?* afirma:

[...] os textos que chamaríamos atualmente de científicos, relacionando-se com a cosmologia e o céu, a medicina e as doenças, as ciências naturais ou a geografia, não eram aceitos na Idade Média e só mantinham um valor de verdade com a condição de serem marcados pelo nome do seu autor. ‘Hipócrates disse’, ‘Plínio conta’ não eram precisamente as formulas de um argumento de autoridade; eram os índices com que estavam marcados os discursos destinados a serem aceitos como provados.²⁹

Também era comum que os nomes dos autores antigos fossem citados como uma referência de autenticidade, mesmo que o texto em si não fosse propriamente o daquele autor. Assim, fosse no momento da cópia, onde o copista inseria suas próprias experiências, ou ao escrever seu livro, para completar certas lacunas, ou dar autoridade ou prova àquilo que escrevia, copiava de obras prévias aquilo que lhe faltava, ou citava o nome de seus autores; o que é mais uma prova de que essas obras circulavam bastante entre os letrados europeus. François Hartog, em seu *Espelho de Heródoto*, disse:

Jamais uma narrativa é um aparecimento original. Ela é sempre tomada de uma outra narrativa, e o percurso da narrativa de viagem é também o percurso de outras narrativas. O sulco de descobertas do Pacífico antes de transformar-se em escrita, começa recortando a escrita de narrativas anteriores. Do mesmo modo, Cristovão Colombo embarcou com o livro de Marco Polo.³⁰

Por último, devemos apontar a quantidade de obras de literatura de viagens produzidas durante o fim da Idade Média. Paulo Lopes, em seu livro *O medo do mar nos*

²⁸ *Idem.*

²⁹ FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, Volume III, Estética*. São Paulo: Editora Forense Universitária. 2009. p. 275

³⁰ HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto*. P. 302

descobrimientos, lista alguns dos relatos de viagem que contribuíram “para o reforço de uma visão diferente do elemento marinho”³¹, ou seja, foram responsáveis pela formação de um imaginário sobre o mar e sobre o mundo. As obras listadas pelo autor são:

- *A Fazenda do Ultramar* (Almerich)
- *Liver Sancti Jacobi* (Américo Picaud)
- *Livro de Viagens* (Benjamin de Tudela)
- *Relação de Viagem* (Abu Hâmid al-Gharnâti)
- *As Relações das Peripécias que Sobrevêm Durante as Viagens* (Ibn Jubayr)
- *Viagem no País dos Búlgaros do Volga* (Ahmad Ibn Fadlân)
- *Presente Sobre as Curiosidades das Cidades e as Maravilhas das Viagens* (Muhammad Ibn Battûta)
- *Livro das Maravilhas* (Marco Polo)
- *Embaixada a Tamerlão* (Ruy González de Clavijo)
- *Andanças e Viagens* (Pero Tafur)
- *El Victorial ou Crônica de Pero Niño* (Gutierre Diéz de Games)
- *Livro das Maravilhas do Mundo ou As Viagens de Jean de Mandeville* (Jean de Mandeville)
- *Livro do Infante Don Pedro de Portugal* (Gómez de Santisteban)
- *Navigatio Sancti Brendani*
- *Diário da jornada do conde de Ourem ao concílio de Basilea*
- *Carta ao guardião de Perusa desde Chaitón* (André de Perusa)
- *Carta de Almalik* (Pacual de Vitoria)
- *Cartas de Khanbalik* (João de Montecorvino)
- *De modo sarracenos extirpendi* (Guilherme Adam)
- *Directorium ad passagium faciendum* (Guilherme Adam)
- *Libro del Conosçimiento* (anônimo)
- *História Maravilhosa do Grande Khan* (Ricoldo de Motecroce)
- *Mirabilia descripta* (Jordão de Severac)
- *Topografia Cristã* (Cosma Indicopleusta)
- *Viagem* (Odorico de Pordenone)

³¹ LOPES, Paulo. *Op. Cit.* pp. 47-48

- *Le Canarien* (Pedro Bontier e João Verrier)
- *Viagem através do Império Mongol* (Guilherme de Rubruck)
- *História dos mongóis* (João de Plano Carpini)

São 28 títulos citados que, segundo o autor, representam apenas alguns dos livros que influenciaram esse imaginário. Além de atestar a abundância de obras sobre temas relacionados às viagens (povos exóticos, lugares distantes, etc.) isso cresce em importância por conta de suas sucessivas cópias e, posteriormente, impressões. Susani Silveira Lemos França, na introdução à edição das *Viagens de Jean de Mandeville* que utilizaremos aqui, afirma que essa obra, especificamente, teve “aproximadamente 250 manuscritos só do século XV, seguidos, a partir do final deste século, por várias edições em diversas línguas”³², a primeira das quais data de 1480.

Esses livros podiam ser achados por toda a Europa, e por possuírem cópias em diversas línguas, podemos dizer que não ficaram restritos ao público erudito e clerical, mas que também atingiram um público comum, especialmente depois da prensa. Entre os livros citados pelo Menocchio de Carlo Ginzburg durante seu primeiro processo, figura nada menos do que *Il cavalier Zuanne de Mandevilla* (O cavaleiro Jean de Mandeville), tradução italiana das *Viagens*. Ginzburg afirma que dos livros citados no processo, metade era emprestada, entre eles as *Viagens*³³. Isso nos mostra como esses livros correram a Europa, passando de mão em mão, durante vários séculos, visto que as *Viagens* é uma obra do século XIV e Menocchio a leu no XVI.

- Relatos de viagem e Livros de geografia

A viagem fazia parte da realidade do mundo medieval. Fosse por motivos religiosos, como uma peregrinação - fosse ela cristã ou um *haji* islâmico -, motivos belicosos, como, guerras, conquistas, cruzadas, ou jihads - ou mesmo para fugir dessas, como as populações que fugiram da expansão mongol - motivos comerciais, para vender ou buscar mercadorias – como as caravanas dos Irmãos Polo e depois do próprio Marco Polo - ou mesmo motivos de necessidade, como doenças ou falta de terra fértil, viajar era parte da

³² VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Tradução, introdução e notas Susani Silveira Lemos França. Bauru:SP: EDUSC, 2007.pp. 25-27

³³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2012. pp. 67-69

realidade medieval. Até o século XV a maioria destas empreitadas era realizada por via terrestre, o que causava a estes viajantes um distanciamento de casa, às vezes por anos. Ao retornar de suas viagens, esses migrantes contavam suas aventuras a familiares e amigos, enquanto alguns deixavam um testemunho escrito, como fez Marco Polo, ao ditar, no presídio, um dos relatos mais lidos de toda a Idade Média. Muitos desses relatos descreviam as maravilhas que se encontravam além, bem como os milagres testemunhados em lugares santos. Alguns dos viajantes mais eruditos usaram suas experiências, bem como aquilo que leram e ouviram de seus iguais para escrever compêndios e livros de geografia, onde buscavam descrever todos os países do mundo então conhecido.

Ao fim da Idade Média, uma crescente curiosidade acerca dos confins da terra levou a um considerável aumento do interesse pelos relatos e histórias de viagens, assim como pelos livros de geografia – como foi o caso de Ptolomeu. Esses dois gêneros podem ser representados por um vasto número de obras, muitas das quais com grande número de cópias, tanto no mundo cristão quanto no muçulmano, sendo possível afirmar que esses livros foram, em grande parte, responsáveis pela manutenção e propagação do imaginário fantástico do qual aqui trataremos.

Em termos de forma, os dois gêneros diferem principalmente no que diz à narrativa. Enquanto os relatos de viagem possuem, em sua maioria, um formato testemunhal, os livros de geografia se apresentam em forma de compêndio:

Cheguei à Bilbays, grande cidade cujos jardins são numerosos e onde não encontrei qualquer pessoa sobre quem valha a pena falar.³⁴

Vemos claramente nesta pequena passagem da obra de Ibn Battûta o uso predominante da primeira pessoa e o uso de suas opiniões pessoais para descrever as pessoas pouco interessantes de Bilbays. O *Príncipe dos Viajantes*, como ficou conhecido, produziu um dos mais importantes relatos de viagem do mundo islâmico, o *Presente Sobre as Curiosidades das Cidades e as Maravilhas das Viagens*. Ainda que não a primeira - visto que a *Rihla* de Ibn Jubayr contando sua peregrinação a Meca em 1183-1185 é comumente caracterizada como um modelo que muitos seguiram³⁵ - sua *Rihla* é sem dúvida uma das

³⁴ IBN BATUTA. *Voyages et périples choisis*. Paris: Gallimard, c1992. p.45

³⁵ EUBEN, Roxanne Leslie. *Journeys to the other shore: Muslim and Western travelers in search of knowledge*. Princeton: Princeton University Press, 2006. p. 63

mais vastas peregrinações do mundo muçulmano ou cristão, durou quase trinta anos e se estendeu do Oriente Médio a China e das estepes asiáticas a África subsaariana. Posteriormente ele ainda faria mais duas viagens, primeiro a Andaluzia depois a Mali, antes de retornar ao Marrocos definitivamente. Muito do que se sabe sobre a vida de Ibn Battûta provem da sua obra e da introdução escrita por Ibn Juzzayy. Roxanne L. Euben, em seu livro *Journeys to the other shore*, conta um pouco da vida do viajante bem como analisa sua obra. Battûta nasceu em 1304 em uma família Berbere com meios para lhe prover uma educação nas ciências religiosas e legais. Em 1325 ele decidiu deixar a casa dos pais e partiu em um *haji*, uma peregrinação, para Meca; suas viagens, no entanto, se estenderam e nos quase trinta anos que se seguiram ele enfrentou intempéries das mais variadas, foi roubado, atacado, capturado, naufragou, adoeceu diversas vezes e ao final de tudo juntou uma considerável fortuna, incluindo “numerosos escravos (...), bem com diversas esposas”³⁶. Depois de suas viagens ele serviu como *qadi*, um juiz, e morreu no Marrocos entre 1368 e 1369. Euben afirma que apesar da grandeza de suas viagens, a obra não foi amplamente conhecida no mundo muçulmano nos “séculos que seguiram a morte de Ibn Battûta, mas cópias da obra foram preservadas em diversos lugares através do Oriente Médio.”³⁷

A passagem a seguir, retirada do livro três da *Naturalis Historia*, de Plínio, o Velho, é um excelente exemplo de um livro de geografia, mostrando-nos com clareza seu caráter de compendio, com uma narrativa impessoal, descritiva e enciclopédica:

Capítulo XVII. Gália. Toda a Gália, por um nome chamada Comata, é dividida em três tipos de povos, e esses na maior parte divididos um do outro por rios: Bêlgica, do Scaldis ao Sequana; Celta, desse ao Garuna; e essa parte da Gália é também chamada Lugdunense. Dalí até os pés dos Monte Pirineus, Aquitânia, antes chamada Armórica.³⁸

Ainda que a *Naturalis Historia* trate dos mais variados temas, desde o movimento dos astros até a origem das pedras preciosas, os livros de número três a seis tratam especificamente da geografia do mundo, o que permite classificar a obra como um livro de geografia.

³⁶ *Ibidem*, p. 64

³⁷ *Ibidem*, p. 65

³⁸ PLINIO, O VELHO. *Pliny's natural history: In thirty seven books*. Edição e tradução de Jonathan Couch. Londres: G. Barclay. 1847. v.2 p. 24

No que se refere à composição, os livros de geografia foram escritos em sua grande maioria por religiosos ou eruditos, enquanto os relatos de viagem possuem uma variedade mais visível: podemos encontrar desde peregrinações religiosas, como a da abadessa Egéria, no século IV, ou a de São Brandão, realizada no século V (ainda que escrita posteriormente no século IX), até as viagens de um cavaleiro, como Mandeville, ou mercadores e exploradores, como Marco Polo e Ibn Battûta.

A maioria desses relatos apresentava ou buscava descrever o caminho para um destino final, como Roma, Jerusalém, Meca ou Santiago; lugares aonde o terrestre e o divino se encontravam, como podemos ver nesta passagem das *Viagens*:

A seu tempo, descreverei (...) especialmente para aqueles que tem o desejo e o propósito de visitar a nobre cidade de Jerusalém e os santos lugares que a cercam. E eu quero falar sobre o caminho que eles podem tomar para lá, pois eu muitas vezes fiz esse caminho e cavalguei por ali em boa companhia.³⁹

Dessa forma, é muito comum que o caráter de testemunho vá além de uma simples forma narrativa, pois a intenção de contar àqueles que ficaram os milagres e maravilhas que foram vistos era uma forma de legitimar suas viagens, bem como reintegrar o viajante ao mundo familiar. As palavras de Bakhtin mais uma vez jogam luz ao problema:

O homem vivente se estabelece ativamente de dentro de si mesmo no mundo, sua vida conscientizável é a cada momento um agir: eu ajo através do ato, da palavra, do pensamento, do sentimento; eu vivo, eu me torno um ato; contudo, não expresso nem determino imediatamente a mim mesmo através do ato; por seu intermédio realizo uma significação concreta, semântica, mas não a mim mesmo enquanto algo determinado e determinável; só o objeto e o sentido se contrapõe ao ato.⁴⁰

Para esses viajantes, portanto, relatar a viagem era legítima-la, sua existência, para ele e especialmente para seus ouvintes, só acontecia mediante sua narração, ou seja, somente o ouvinte ou leitor poderia significar a veracidade de uma viagem, pois o viajante que não narra, para todos os efeitos, não viajou.⁴¹

³⁹ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* p. 35

⁴⁰ BAKHTIN, Mikhail. *Op. Cit.* p. 128

⁴¹ É interessante perceber que hoje, em tempos de redes sociais, aquele que não expõe na internet fotos e vídeos das viagens que realizou ou dos lugares onde esteve para que seus iguais vejam e interajam, sente que não viajou.

Na Idade Média, é bom lembrar, as práticas de oralidade eram dominantes, sendo comum dar valor primeiro àquilo que se ouvia e, depois, ao que se via. Sobre isso, Paul Zumthor afirma: “Ter ouvido dizer uma coisa adquiria de forma natural um valor de autoridade. A vista, quando muito, confirmava”.⁴² Não só no testemunho oral, mas também no texto escrito, podemos encontrar tal prática: em uma passagem do capítulo 4 das *Viagens de Jean de Mandeville*, ao discorrer sobre a filha de Hipócrates, transmutada em dragão, o narrador afirma: “Há quem diga que, na ilha de Lango, habita ainda a filha de Hipócrates, com a forma e a aparência de um dragão de 100 braças de comprimento; isso segundo dizem, pois eu nunca vi.”⁴³, o que representa um reconhecimento da autoridade de quem lhe falou sobre a filha de Hipócrates, legitimando o que se contava.

Esses relatos, fossem eles escritos ou orais, haja vista o fato de que a maioria dos viajantes, terrestres ou marítimos, não sabia escrever, possuem uma grande importância devido à significação de que se revestiam no imaginário coletivo.⁴⁴ Isso nos leva ao ponto principal deste capítulo e à mais importante referência sobre imaginário utilizada neste trabalho: os Livros de maravilhas.

- Livros de maravilhas

Os livros de maravilha figuram entre as mais instigantes obras do fim da Idade Média. Repletas de descrições de elementos fantásticos e maravilhosos, esses livros correram a Europa e foram em grande parte responsáveis pelo imaginário fantástico e maravilhoso à época da expansão marítima, ainda que posteriormente tenham sido considerados inverossímeis e associados com a ficção. Podemos considerar livros de Maravilhas todas as obras que apresentem o sentido do maravilhoso. São na sua maioria relatos de viagem e livros de geografia que mesclavam às suas descrições as mais variadas maravilhas. O maravilhoso, para nós, compõe um universo de elementos que consiste daquilo que era considerado não usual, daquilo que causava ao observador, leitor ou ouvinte uma sensação de fascínio, deslumbramento ou estranhamento, afinal, “o domínio do maravilhoso é a estupefação dos homens e mulheres da Idade Média”.⁴⁵

⁴² ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madri: Cátedra. 1994. P. 295

⁴³ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* p. 52

⁴⁴ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 285

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. P. 20

A própria palavra *Maravilhoso* merece atenção. Le Goff identifica o vocabulário como um problema fundamental ao estudo do presente tema:

Trata-se em primeiro lugar de saber o que é que entendemos por maravilhoso e de compreender, em segundo lugar, como é que os homens da Idade Média entendiam e exprimiam aquilo a que nós hoje chamamos maravilhoso.⁴⁶

O termo correspondente no vocabulário medieval que, segundo Le Goff, era de uso corrente nos meios eruditos e clericais, é a palavra *mirabilium* e seu plural *mirabilia*. Ainda segundo Le Goff, para os homens cultos da Idade Média e para aqueles que deles recebiam informação (assim como para nós, como já dito), esses *mirabilia* compreendiam um universo – uma “coleção” nas suas palavras – enquanto que para a linguagem moderna o *maravilhoso* compreende uma categoria.⁴⁷ Em outras palavras, enquanto para o sentido moderno *Maravilhoso* é um adjetivo - dizemos que algo *é maravilhoso* -, para o sentido medieval algo *faz parte do Maravilhoso*: um universo, uma coleção de coisas variadas que são capazes de fascinar, seja por suas origens, por suas características belíssimas ou monstruosas, ou pelo que são capazes de fazer.

Esse sentido de coleção traz uma relação com os relatos de viagem e com os livros de geografia, primordialmente uma descrição de lugares ao redor do mundo, mas que também se apresentam (as vezes intencionalmente, como no caso do *Libro del Conosçimiento*) como uma coleção daquilo que se viu e que se pode ver nos lugares descritos. Isso nos leva a um segundo ponto levantado por Le Goff; ao confrontar a palavra *mirabilia* estamos diante da raiz *mir* (de palavras como *miror* e *mirari*) que nos sugere um sentido de visão, daquilo que se vê, e embora Le Goff afirme que “os *mirabilia* não são naturalmente apenas coisas que o homem pode admirar com os olhos, coisas perante as quais se arregalam os olhos”⁴⁸ (e aqui ressaltamos mais uma vez o sentido de fascínio que acompanha a palavra) o sentido da visão está presente em todo esse imaginário.

Por fim Le Goff ressalta a presença do termo *maravilhoso* nas línguas vulgares quando, nas suas palavras, elas “emergem e se tornam línguas literárias”⁴⁹. A palavra *maravilhoso*

⁴⁶ LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Ed.70, 1990. p. 17

⁴⁷ *Ibidem*. pp. 17-18

⁴⁸ *Ibidem*. p. 18

⁴⁹ *Idem*

pode ser encontrada em todas as línguas românicas ou latinas, no português, *maravilloso* no espanhol, *marveilleux* no francês, *meraviglioso* no italiano. Nas línguas germânicas, por outro lado, esse sentido fica ligado à palavra *wunder*. O inglês, finalmente, se encontra numa encruzilhada, possuindo as duas heranças, nas palavras *wonder* e *marvel* que, quando usadas como verbos, possuem o sentido de *se maravilhar*, *fascinar*, frente à algo, mais uma vez o sentido de fascínio está intimamente ligado à palavra.

Tracemos uma distinção entre os termos *fantástico* e *maravilhoso*, visto que são dois termos próximos, ainda que diferentes. Por *maravilhoso*, como já dito, entendemos tudo aquilo que causa ao observador a sensação de fascínio. Por *fantástico* entendemos tudo aquilo que provoca ao observador aquela mesma sensação de fascínio, mas que hoje sabemos ser inexistente. A essa categoria pertencem seres monstruosos como os acéfalos e cinocéfalos, animais como o dragão, o grifo e a fênix e a árvore de Jean de Mandeville que dava por fruto “aves muito gordas e boas de se comer”⁵⁰; a essa categoria também incluiremos as bruxas, bruxaria e a magia em geral (que tem sua origem no demoníaco para os cristãos e no divino para os pagãos) e os milagres do cristianismo, ao que se soma ainda as relíquias religiosas, como lascas da cruz de Cristo ou os ossos de Santa Catarina (cuja origem do poder é divina ou sagrada).

No entanto, é importante ressaltar que essa divisão é feita apenas por nós, pois entendemos que “se quisermos conhecer (...) o imaginário das sociedades afastadas de nós no tempo, ou aliás no espaço, não evitaremos traçar o limite que o separa do real exatamente onde esse limite passa por nós mesmos, em nossa própria cultura”⁵¹, como afirmou Evelyne Patlagean, visto que enquanto para o nosso imaginário contemporâneo existe uma divisão entre real e não real (evidenciado na nossa divisão de *maravilhoso* e *fantástico*), para o imaginário medieval e renascentista não havia diferença entre as duas categorias, todos esses elementos faziam parte do universo dos *mirabilia*. Assim, o palácio do grande Khan do Catai, por exemplo, era descrito por Marco Polo como absolutamente majestoso, uma maravilha:

O palácio é cercado por uma muralha quadrada com uma milha de lado. Em cada canto do murado ergue-se um belo palácio, onde são guardados todos os petrechos de guerra do grão cã (...). E ainda entre esses quatro palácios há outros quatro: de modo que ao redor desses muros há oito palácios, todos cheios de petrechos (...). E nesse muro,

⁵⁰ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p

⁵¹ PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In LE GOFF, Jacques. (sob dir. de). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. p. 297

na face do meio dia, há cinco portas, e no meio está uma porta grandíssima, que nunca se abre nem fecha senão quando o grande cã por ela passa (...). E dentro desse muro há outro, e ao redor dele há oito palácios, como no primeiro, e do mesmo modo são feitos (...). Na face voltada para o meio dia há cinco portas, e no outro lado, uma. E no centro desse murado está o palácio do grão cã, que é feito do modo como vos contarei.

É o maior que já se viu; (...) As paredes dos salões e aposentos são cobertas de ouro e prata, nelas estão esculpidas belas histórias de mulheres e cavaleiros, pássaros, animais e muitas outras coisas bonitas; e a cobertura é feita de maneira tal que nada se vê além de ouro e prata. (...) Digo-vos também que do lado norte, à distância de uma flechada, construiu-se um monte que tem cem passadas de altura e uma milha de giro (...). E digo-vos que ele mandou cobrir toda a terra do monte com lápis-lazúli, que assim ficou verde (...) por isso se chama monte verde. E no topo do monte há um palácio tão grande que mirá-lo é grande maravilha; e não há quem o olhe sem grande alegria; e para ter essa bela visão foi que o grande senhor mandou construí-lo, para seu conforto e prazer.⁵²

A igreja de Santa Sofia em Constantinopla, que Mandeville descreve como “a mais bela e mais nobre igreja do mundo”⁵³; e o reino de Preste João, um reino cristão muito poderoso e rico numa terra longínqua, inspiram o mesmo fascínio, apesar de o último ser inexistente. Assim, uma descrição da corte do Grande Khan era tão maravilhosa e fascinante quanto uma descrição do reino de Preste João; o elefante era um animal tão exótico quanto um grifo; e a fênix tão real quanto uma águia; todos esses elementos habitavam o mesmo universo.

Desse modo, inúmeros livros de geografia, principalmente aqueles baseados em obras da antiguidade, que descreveram seres, povos, monstros e reinos maravilhosos, e mesmo muitos relatos de viagem que não são comumente associados a categoria dos livros de maravilha por serem considerados relatos verídicos, como *As Viagens* de Marco Polo ou os diários de Colombo, mas que também possuem em suas descrições elementos de deslumbramento e fascínio (além de alguns elementos fantásticos) podem ser considerados Livros de Maravilhas.

Podemos tomar como excelentes exemplos de livros de maravilhas as duas obras escolhidas para representar esse gênero neste trabalho: *As viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento*; elas são, respectivamente, um relato de viagem e um livro

⁵² POLO, Marco. *As viagens*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997. pp. 68-70

⁵³ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 39

de geografia. Ambos apresentam uma vasta descrição de elementos fantásticos e maravilhosos e foram escolhidos por dois motivos principais:

- 1) As duas obras apresentam muitos dos mesmos elementos fantásticos;
- 2) Uma é muito conhecida, possuindo um vasto corpus (as *Viagens*) enquanto a outra possui um corpus pequeno e restrito.

As duas obras possuem elementos básicos dos seus respectivos gêneros; As *Viagens* possui uma narrativa testemunhal evidenciada logo na terceira página da obra, quando o autor se apresenta:

(...) eu, Jean de Mandeville, cavaleiro – ainda que não por mérito -, nascido na Inglaterra, na cidade de St. Albans, atravessei o mar no ano de 1322, no dia de São Miguel, e a partir dessa data fiquei durante muito tempo no além-mar, vendo e visitando diversos lugares, províncias, reinos e ilhas.⁵⁴

Esse caráter testemunhal e o uso da primeira pessoa continua ao longo da obra enquanto ele conta suas diversas viagens.

O *Libro* por sua vez, ainda que possua um recorrente uso da primeira pessoa, possui o típico formato de compendio, especialmente acerca dos escudos e brasões dos reinos que descreve; seu nome completo é *Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras e señoríos que son por el mundo et de las señales et armas que han* (Livro do conhecimento de todos os reinos e terras e senhorios que são pelo mundo e dos sinais e armas que tem). Tem, portanto, o objetivo de enumerar todos esses reinos e descrevê-los quanto a sua geografia, governo, flora, fauna, costumes, etc.

Parti do reino de Castela e fui ao reino de Portugal e onde achei quatro cidades grandes, a saber: Lisboa e o Portogallo e Sant Aren e Braga. E correm por eles três rios grandes que são: Tejo e Guadiana e Duero, de que já contei antes. E este reino faz divisa com o mar do Poente et com o reino de Castela e Leão e a insígnia deste reino é esta que se segue:⁵⁵

Podemos ver pela passagem citada o formato básico das descrições do *Libro*, uma descrição básica da geografia do reino incluindo suas principais cidades e fronteiras e

⁵⁴ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 35

⁵⁵ LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). *Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras e señoríos que son por el mundo, et de las señales et armas que han*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico", 1999. p. 156

uma imagem de seu escudo ou brasão, o que levou muitos eruditos a estudar o livro como uma referência para heráldica.

Esses dois livros possuem, no entanto, inúmeros pontos comuns no que diz à descrição de maravilhas. Nas duas obras podemos encontrar descrições do reino de Preste João por exemplo:

Esse imperador, o Preste João, domina uma vasta extensão de terras, onde há muitas boas cidades e vilas e muitas ilhas grandes e largas, pois toda a terra da Índia está dividida em ilhas em razão dos grandes rios que nascem no Paraíso e dividem toda a terra em muitas partes. Também no mar tem o imperador muitas ilhas.⁵⁶

Parti da cidade de Graçiona porque as cidades deste império não podem se contar, e andei por muitas terras e cidades e cheguei a cidade de Malsa, onde mora sempre o Preste João, patriarca da Nubia e da Etiópia. E na ida fui sempre a margem do rio Eufrates que é uma terra muito povoada e muito abundante, e desde que fui a Malsa, fiquei lá por um tempo porque via e ouvia a cada dia coisas muito maravilhosas.⁵⁷

Embora as obras localizem o reino em lugares diferentes, não há discordância quanto à sua magnificência e grandiosidade. Temos também referências a seres monstruosos como os acéfalos:

Em outra ilha, a sul, vivem também pessoas de feia constituição e má índole. Não tem cabeça, possuem os olhos nos ombros e a boca curvada como a ferradura de um cavalo, situada no meio do peito.⁵⁸

[...] e lá existem umas gentes que tem as cabeças fincadas em seus peitos que não tem nenhum pescoço, mas eu não as vi.⁵⁹

No entanto, com a expansão de uma ciência mais empírica, essas obras passaram a ser desacreditadas e relegadas ao lugar da ficção pelo fato de que seus elementos mais fantásticos não correspondiam à verdade e mais se assemelhavam a ficção e aos romances de cavalaria; aquele famoso trocadilho com o nome de Fernão Mendes Pinto, autor de

⁵⁶ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 229

⁵⁷ LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). Op. Cit. p. 170

⁵⁸ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 184

⁵⁹ LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). Op. Cit. p.159

uma peregrinação recheada de maravilhas, é um bom exemplo desse desdém: “Fernão, mentes? Minto.”

Essa atitude fez com que, por muito tempo, essas obras fossem desconsideradas como documentos históricos, pois não descreviam acontecimentos reais, ou sua autoria era duvidosa. O debate acerca da identidade de Jean de Mandeville é um bom exemplo: Susani França, na introdução à sua tradução das *Viagens*, afirma que “[...] a identidade de Jean de Mandeville é, desde o século 19, um mistério para os estudiosos”⁶⁰. Até esse século a autoria era atribuída através do prólogo, onde o cavaleiro se apresenta ao leitor, e através do epitáfio traduzido por Paul Hamelius, onde se lia o adjetivo *barbado* e um indicativo da atuação de Mandeville como médico. No entanto, a vulgata latina da obra possui uma passagem onde é mencionado um *Iohannes ad Barbam*, médico que teria conhecido Mandeville no Cairo; França afirma que esse “Jean, o Barbado, ou Jean de Bourgogne, segundo o trecho, foi quem exortou Mandeville a registrar suas viagens”⁶¹; as duas identidades então se tornam um tanto confusas. Existe ainda uma outra identidade que se mescla à de Mandeville: Jean d’Outremeuse (1338-1399), habitante de Liège, cidade aonde, segundo o epitáfio de Hamelius, teria falecido Jean de Mandeville em 1372. Esse Jean d’Outremeuse escreveu uma crônica, intitulada *Myreur des Histors*, onde afirma que Jean de Bourgogne teria tomado o pseudônimo de Mandeville. Para complicar ainda mais França afirma que “Hamelius, a partir dessa referência e da identificação de pontos em comum entre o relato de viagens de Mandeville e a crônica de Outremeuse, chegou à hipótese de que Jean d’Outremeuse seria o criador de Mandeville”⁶² e, portanto, o verdadeiro autor das *Viagens*. Essa hipótese por sua vez, diz França, não é aceita por Malcolm Letts, um outro estudioso da obra, que afirma que teria sido “Mandeville a tomar o pseudônimo de Bourgogne e não o contrário”⁶³. As críticas da obra por Christiane Deluz e Ana Pinto em edições mais recentes da obra reacendem a discussão; Deluz recusa, depois de pesquisas em arquivos na Inglaterra e Bélgica, a autoria de Outremeuse. Ana Pinto por sua vez recusa totalmente a existência de Mandeville, a não ser como um personagem de ficção, atrás do qual o verdadeiro autor se escondeu.

Toda essa acalorada discussão, tão importante para os estudiosos do século XIX e do início do XX, preocupados em autenticar a obra, não nos interessa, pois

⁶⁰ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* p.13

⁶¹ *Ibidem.* p. 14

⁶² *Idem*

⁶³ *Idem*

independentemente da autoria pertencer a Jean de Mandeville, Jean de Bourgogne ou Jean d'Outremeuse, o que nos interessa é o fato de que essa obra é uma das mais lidas do fim da Idade Média bem como uma que, como já dito anteriormente, possui um dos mais vastos corpus de manuscritos e edições entre os relatos de viagem desse período. Sendo assim, e considerando os pressupostos da História Cultural, podemos olhar para obras como essa com outros olhos, olhos que veem sua importância para a formação do imaginário medieval e moderno, abrindo inúmeras possibilidades de exploração.

Conquanto possa haver quem não considere essas obras dignas de análise historiográfica, por conta de seus conteúdos de características nitidamente fantásticas, pois sabemos que não existe na China uma árvore que dê por frutos mel, farinha, vinho e veneno, isto não nos interessa. Não importa se a árvore existe de fato ou não, importa que autores escreveram sobre ela, que pessoas leram e ouviram falar dela, que foi desenhada em mapas e imagens – importa que fosse possível imaginar que tal árvore existisse.

Cartografia

A cartografia é algo que acompanha a humanidade desde tempos remotos. Dos desenhos pré-históricos nas cavernas onde eram representados os campos de caça, até o mapeamento das estrelas, a cartografia está lá. No entanto, é de difícil datação, ao contrário da escrita, que, ela própria, é capaz de oferecer pistas para sua localização temporal, por conta dos conteúdos a que se refere. Paul Zumthor afirma que “[...] a cartografia precedeu a escrita entre os inventos do homem (...). Se trata de indícios de uma vontade universal de representar o espaço em que vivemos e nos dispomos; de um desejo de ordenar o mundo(...) funcionalizando a distância”⁶⁴. Mas o que significa representar o espaço? Significa assumir a sua existência, significa definir e se apropriar do espaço representado, ainda que durante séculos, como afirmou Ugo Tucci no verbete *Atlas da Enciclopédia Einaudi*, “a produção cartográfica não foi um produto do empirismo geográfico”⁶⁵.

Mas, afinal, o que é um mapa? Oswald Dreyer-Eimbcke em seu livro *O descobrimento da Terra* ofereceu uma resposta concisa: “uma representação reduzida e plana da superfície terrestre”⁶⁶; dessa forma, quanto maior o espaço representado menor é sua representação cartográfica. Leo Bagrow em seu livro *History of cartography* ofereceu a definição, semelhante, do cartógrafo francês J.R. Lagrange: “Um mapa geográfico é uma figura plana representando a superfície da Terra, ou parte dela”⁶⁷. A própria construção do mapa é passível dos mais variados problemas, por exemplo, atualmente a maioria dos mapas se apresentam orientados para o norte, ou seja, com o norte no topo do mapa; essa representação, no entanto, não era adotada nas representações medievais, onde os mapas apareciam orientados para o leste, onde acreditava-se a localização do Paraíso terrestre, ou mesmo para o sul, como era comum na cartografia árabe. É bom lembrar também que esses mapas dos quais tratamos não se destinavam a servir de orientação para viajantes, para isso existiam os itinerários, ou mapas viários, e guias e livros de viagem como os que vimos no capítulo anterior.

⁶⁴ ZUMTHOR, Paul. Op. Cit. p. 304

⁶⁵ TUCCI, Ugo. *Atlas*. In. ENCICLOPEDIA Einaudi. Porto: IN/CM, c1984. v. 1, p. 137

⁶⁶ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O Descobrimento da Terra*. Trad. Alfred Josef Keller. São Paulo: melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1992. p. 15

⁶⁷ BAGROW, Leo. *History of cartography*. Londres: C.A. Watts & Co. 1964. p. 22

O sentido dessa cartografia é mapear esta Terra, totalmente concreta como é percebida pelo homem; no entanto, o mapa não é idêntico àquilo que representa, pois é construído através das mais variadas percepções, ideias e mitos que variam de uma cultura para outra; “é a expressão mítica que preside à representação da Terra, elaborando-a de acordo com o grau de abstração do patrimônio de ideias cosmológicas”⁶⁸, como bem afirmou Ugo Tucci. Dessa forma “o mapa funciona como um holograma: cada um de seus pontos contém a informação do todo”⁶⁹, como diz Paul Zumthor. Podemos dizer que o mapa é um símbolo e que o seu desenho corresponde menos ao espaço concreto do que à representação que fazemos deste espaço, devido às influências das tradições culturais que nos condicionam, ou seja, o mapa - e para nós principalmente os mapas medievais e renascentistas - reproduz nas suas linhas o imaginário do homem acerca do espaço ao invés do espaço em si, propriamente dito;

Os mapas do mundo codificavam uma representação mediata da superfície terrestre, expressa através de formas simbólicas pertencentes à religião oficial e à cultura dos grupos dominantes com significações e finalidades várias.⁷⁰

Sendo assim, o mapa torna-se receptáculo do imaginário. Este imaginário medieval incluía as mais variadas maravilhas, que desenhadas nesses mapas, os transformaram em um meio de sua propagação pois, segundo Paul Zumthor, “independente da sua função informativa, o mapa atua sobre a imaginação daquele que o consulta”⁷¹.

Por muitos séculos, na Europa ocidental, a utilidade do mapa foi representar a imagem bíblica da Terra, o lugar onde se encontra o homem; sendo assim, por um longo tempo a cartografia se limitou ao ecúmeno, a região onde se sabia da existência humana; com o passar do tempo a percepção do homem acerca do seu espaço foi se ampliando, para incluir coisas que antes eram desimportantes ou inimagináveis. Essa percepção ampliada permitiu a concepção de um espaço mais detalhado, complicado e rico: dos primeiros mapas esquemáticos dos séculos III e IV aos *Terrarum orbis* do XVI.

⁶⁸ TUCCI, Ugo. Op. Cit. p. 138

⁶⁹ ZUMTHOR, Paul. Op. Cit. p. 305

⁷⁰ TUCCI, Ugo. Op. Cit. p. 137

⁷¹ ZUMTHOR, Paul. Op. Cit. p. 306

A cartografia também abarca uma vontade universal de possuir o espaço. Patricia Seed, em sua obra *Cerimônias de posse na conquista europeia do novo mundo*, mostra que uma das cerimônias de posse do novo mundo foi justamente o seu mapeamento:

O domínio colonial sobre o Novo Mundo foi instaurado por meio de práticas basicamente cerimoniais – os colonizadores fincaram cruces, estandartes, bandeiras e brasões; marcharam em procissões, apanharam um torrão do solo, mediram as estrelas, desenharam mapas, proferiram algumas palavras ou permaneceram em silêncio.⁷²

Conhecer um lugar e sua geografia é um dos requisitos para se ter poder sobre ele. Seja o conhecimento dos melhores campos de caça na pré-história ou das melhores rotas marítimas para comércio no século XV; os melhores pontos estratégicos para conquista ou defesa de um território; a melhor rota para peregrinação ou invasão; enfim, conhecer o espaço dá poder àquele que o conhece; o primeiro a chegar torna-se dono. À época da expansão marítima conhecimento cartográfico era segredo de estado, tanto para defesa dos territórios nacionais, quanto para a conquista de novos horizontes. Portugal e Espanha mantiveram a descoberta da América e subsequentemente do Brasil em segredo, para dividir entre si o novo território através do tratado de Tordesilhas, que nada mais era do que uma demarcação espacial e cartográfica, reconhecida pela Igreja, da parte que cabia a cada uma das coroas; vale lembrar que não explorar e colonizar essas novas terras punha em risco suas conquistas, visto que a França tentou colonizar a região sudeste e a Holanda o nordeste, o que forçou a coroa portuguesa a tomar ação militar para expulsar os *invasores*. Essa vontade atravessou as eras e nos acompanha até hoje: em 1969 quando o homem pisou na Lua pela primeira vez, sua primeira ação foi demarcar o espaço e tomá-lo para si, cravando-lhe uma bandeira.

Para nós a cartografia é uma fonte indispensável. Como representação artística ela nos possibilita visualizar a noção e o imaginário acerca do espaço e do seu conteúdo para a época; como expressão cultural ela nos mostra o quão vasto era esse imaginário e como ele era percebido pelos homens ao longo do tempo; e como instrumento de navegação ela teve um papel fundamental na expansão marítima.

⁷² SEED, Patricia. *Cerimônias de posse na conquista europeia do novo mundo (1492-1640)*. Trad. Lenita R. Esteves. São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 10

- Uma pequena História da Cartografia medieval

Traçar uma linha temporal que abarque toda a evolução da cartografia é um trabalho difícil, pois como bem afirmou Ugo Tucci:

Nem a construção de um mapa pode ser vista puramente como uma técnica, com metodologias e problemas exclusivamente geométricos e astronômicos, porque ao mesmo tempo que na cartografia se exprime e toma forma a concepção do espaço geográfico, muito mais profícuo é detectar o valor cultural que esta assumiu e que funções desenvolveu em determinadas sociedades, em épocas determinadas.⁷³

Tanto essas diferentes concepções de espaço geográfico, bem como o valor cultural que assumiram são muito diversos durante toda a história da cartografia, que inclui uma enormidade de tradições e épocas que não interessam a este trabalho. Aqui, porém, tentaremos traçar em linhas gerais uma história da cartografia medieval, especialmente na Europa, e como ela chega ao final da Idade Média completamente modificada. Para isso usaremos como referência as considerações sobre cartografia de Paul Zumthor em seu livro *A medida do mundo* e o livro de Luís de Albuquerque, *Introdução à história dos descobrimentos portugueses*, onde ele traça uma história da representação cartográfica. Albuquerque divide as representações cartográficas medievais em três grandes grupos, correspondendo “a determinados propósitos ou à influência de determinadas ideias do desenhador”⁷⁴.

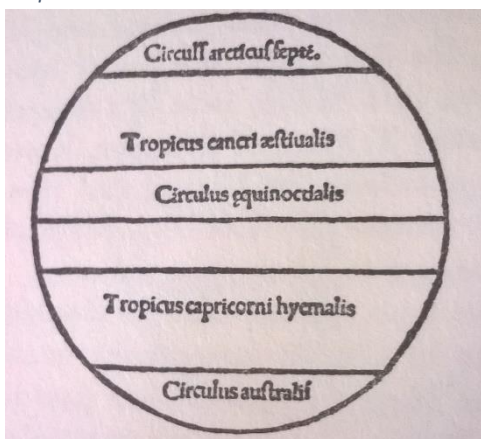
O primeiro dos três grupos inclui os diagramas circulares, desenhados na alta Idade Média, onde o mundo então conhecido era representado esquematicamente, de acordo com os textos bíblicos. Esses diagramas eram basicamente de dois tipos e de duas origens, que Luis Krus traça em seu livro *A representação do mundo*, quando diz que o ocidente medieval “conheceu duas concepções distintas da terra: uma de origem latina (...) outra de origem grega”.⁷⁵

⁷³ TUCCI, Ugo. Op. Cit. p. 138

⁷⁴ ALBUQUERQUE, Luis de. Op. Cit. p. 108

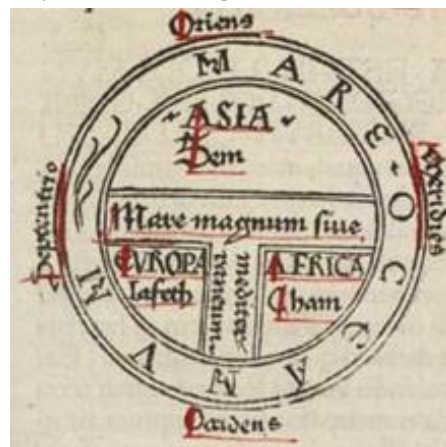
⁷⁵ KRUS, Luís. *apud* LOPES, Paulo. Op. Cit. p. 301

Mapa de zonas de Orbis Breviarum



Disponível em: BAGROW, Leo. *History of cartography*. Londres: C.A.Watts and Co. 1964

Mapa T/O de Santo Agostinho



Disponível em: <http://www.bl.uk>

A última, que nasceu “possivelmente de ideias expostas pela escola pitagórica”⁷⁶, representa a terra como um disco cortado por quatro ou cinco linhas correspondendo aos trópicos de Câncer e Capricórnio e aos círculos polares, que dividiam a Terra em cinco zonas: tórrida, temperadas e frígidas. A quinta linha, quando aparecia, representava o Equador. Na sua obra *Otia Imperialia*, escrita para o passatempo do Rei Otão IV, Gervásio de Tilbury descreve as cinco zonas:

As zonas então são círculos marcando a terra, das quais as duas exteriores são inabitáveis devido ao frio, o sol nunca as visitando; a do meio é inabitável devido ao calor, o sol nunca a deixando; as duas entre estas são habitáveis, uma temperada pelo calor, a outra pelo frio.⁷⁷

Luis Krus afirma ainda que nesse esquema o “único hemisfério conhecido se apresenta dividido em duas partes pelo Equador, ao norte do qual se encontram os três continentes habitados”⁷⁸, o que nos leva à consideração de Albuquerque, que afirma que a zona temperada do sul, ainda que habitável, era inacessível, pois para atingi-la seria necessário cruzar o equador e a zona tórrida.⁷⁹

O outro gênero de mapa esquemático, de origem latina, é conhecido como mapa T/O, correspondendo às ideias de Paulo Orósio, Pomponio Mela e Santo Isidoro de Sevilha. O

⁷⁶ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 109

⁷⁷ GERVAE. *Otia imperialia: recreation for an emperor*. Oxford: Clarendon, 2002. p. 69

⁷⁸ KRUS, Luís. *apud* LOPES, Paulo. *Op. Cit.* pp. 301-302

⁷⁹ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 109

primeiro, cuja obra é “considerada a primeira história universal escrita por um cristão”⁸⁰, afirma:

Os antigos estabeleceram que o conjunto do mundo terrestre, bordejado pelo oceano, é formado por três quadriláteros, os quais denominaram Ásia, Europa e África, ainda que alguns [tenham estabelecido a existência] de dois, a saber, a Ásia [e a Europa], considerando, em seguida, que a África deveria ser incluída na Europa.⁸¹

Neste esquema os três continentes conhecidos eram desenhados circundados pelo oceano como um grande ‘O’ e separados por três braços de água, o mar Mediterrâneo, que separava Europa e África, e dois dos rios que nasciam no Paraíso, o Nilo, separando África e Ásia, e o Don, separando Europa e Ásia, formando um ‘T’.

Albuquerque afirma que essa denominação, T/O, data do século XV, visto que no poema *La Esfera* de c.1420 é assim referida:

Un T dentro a un O mostra il disegno

*Como in tre parte fu diviso il mondo*⁸²

Era frequente que estes planisférios trouxessem marcados em seu centro a cidade de Jerusalém, como nomes de outros lugares importantes para a história bíblica, também marcando com frequência os nomes de Sem, Cã e Jafeh, os filhos de Noé que herdaram e povoaram os três continentes depois do dilúvio.

Durante a Idade Média no mundo europeu ocidental o esquema que prosperou foi, sem nenhuma dúvida, o esquema planisfério T/O, que estava de acordo com uma visão teológica cristã do mundo: a tripartição, o T representando a cruz; seu esquema representa a “totalidade do espaço e do tempo concedidos ao homem por seu Criador”⁸³, como diz Paul Zumthor; Paulo Lopes afirma que “a ampla difusão e divulgação dos mapas T/O mostra que eles representavam a imagem predominante do mundo e do mar entre os meios eruditos e clericais”⁸⁴. Gervásio de Tilbury, na sua *Otia Imperialia*, escrita no século XIII,

⁸⁰ MICELI, Paulo. *Op. Cit.* p. 37

⁸¹ ORÓSIO. *Les trois parties du monde. In Historiae adversus paganos. In JANVIER, Yves. La géographie d’Orose.* Paris: Société d’Édition Les Belles Lettres, 1982. *apud.* MICELI, Paulo. *Op. Cit.* p. 37

⁸² ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p.110

⁸³ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 313

⁸⁴ LOPES, Paulo. *Op. Cit.* p. 302

descreve a distribuição do mundo entre os filhos de Noé depois do dilúvio: “Os três irmãos se estabeleceram respectivamente nas três partes do mundo. De acordo com Alcuin, Sem adquiriu a Ásia, Cã a África, e Jafeh a Europa”⁸⁵, evidenciando assim a ampla predominância desta imagem de mundo. Por fim podemos citar também Ugo Tucci, que afirma:

Durante toda a Idade Média as doutrinas bíblicas favoreceram a construção de mapas ecuménicos do mundo, representando uma extensão mais ou menos ampla de terra habitável, muitas vezes repartida pelos três continentes conhecidos, a Europa, a Ásia e a África, aos quais se por vezes se juntava um quarto austral não habitado (...) O ensinamento de que a água constituía apenas um sétimo da superfície terrestre dilatava imensamente as massas continentais, negava-se a existência de regiões habitáveis ao sul do equador (...) e, por outro lado, seria difícil admiti-la uma vez que se afirmava que as três partes do ecúmeno correspondiam aos três filhos de Noé. (...) Na sua tripartição o ecúmeno medieval era completo, exclusivo, e quanto aos Antípodas – corolário óbvio das crenças pouco ortodoxas sobre a esfericidade da Terra importadas da Antiguidade – os padres da Igreja demonstraram com riqueza de argumentos que eram um absurdo.⁸⁶

O segundo dos três grupos considerados por Albuquerque inclui

[...] todos os planisférios e mapas de nítida afiliação nos esquemas anteriores e na geografia erudita do cristianismo, onde se anotam as representações, quase sempre imprecisas e profundamente erradas, de países e acidentes mais conhecidos⁸⁷

Esses mapas se espalharam entre os séculos IX e XIII e ainda que se propusessem a representar com mais detalhes o mundo então conhecido, eles ainda muito se distanciavam da geografia da Terra que hoje conhecemos. No entanto, eles nos apresentam as ideias geográficas de seus autores e, o mais importante para este trabalho, as fantásticas maravilhas que neles eram representadas. As legendas destes mapas estavam recheadas de informações sobre lendas que, como diz Albuquerque, “[...]são comuns a todo um longo período medieval”⁸⁸. Um bom exemplo deste caso é o *paraíso terrestre*. Presente na cultura europeia desde a antiguidade e reforçada com a expansão do cristianismo, a ideia de um paraíso terrestre sempre fascinou os homens medievais, que o localizavam a Oeste, nas culturas pagãs, principalmente as de origem nórdica e

⁸⁵ GERVAESE. *Op. Cit.* p. 167

⁸⁶ TUCCI, Ugo. *Op. Cit.* p. 133

⁸⁷ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* pp. 108-109

⁸⁸ *Ibidem.* p. 111

galesa, ou a Leste, na Ásia, como era comum no mundo cristão; apesar da discordância entre os eruditos do fim da Idade Média acerca de sua localização, não havia nenhuma dúvida quanto a sua existência⁸⁹, e esse paraíso terrestre era comumente representado nestes mapas, sempre envolto em mistério e fascinação.

Se nos planisférios esquemáticos T/O Jerusalém era às vezes representada, nestes mapas a cidade santa ocupava um ponto central. Segundo Albuquerque, foi radicada durante a Idade Média a convicção de que se Jerusalém era o centro do mundo espiritual, devia ser também o centro físico e geográfico do mundo.⁹⁰ Dois excelentes exemplos deste tipo de mapa são os famosos mapas de Ebstorf e de Hereford.

Mapa de Ebstorf



Disponível em: BAGROW, Leo. *History of cartography*. Londres: C.A.Watts and Co. 1964

⁸⁹ *Idem*

⁹⁰ *Idem*

O mapa de Ebstorf, produzido em 1235⁹¹ é atribuído a Gervasio de Tilbury. Medindo 3 metros e meio de diâmetro, é uma clara releitura dos esquemas T/O: o T reinterpretado está nos pontos cardeais, acima temos o Leste marcado pela cabeça de Jesus Cristo onde também vemos o paraíso terrestre; seus pés marcam abaixo o oeste enquanto suas mãos abertas apontam ao norte e ao sul; no centro do mapa, no lugar correspondente ao coração, vemos Jerusalém, de muros dourados, dentro da qual está representada a ressurreição de Cristo, reforçando a ideia de centro espiritual e geográfico do mundo; por fim, o mapa está contornado pelo oceano, formando o O. Por outro lado, segundo Paul Zumthor, este mapa é o primeiro a mostrar o que ele chama de “enciclopedismo”⁹²; em seu interior estão representados edifícios, animais, plantas, locais sagrados e históricos, topografia, monstros variados dispersos pela terra, em suma, o “mapa remete a todos os registros da realidade e do conhecimento”⁹³. Assim, é construído um discurso humanista, aos limites do contexto da época.

Mapa de Hereford



Disponível em: <http://www.herefordcathedral.org>

⁹¹ O mapa de Ebstorf foi redescoberto no final do século XIX em um dos porões da catedral de Ebstorf na Alemanha. Transferido para Hanover, foi destruído em 1943 durante um bombardeio à cidade.

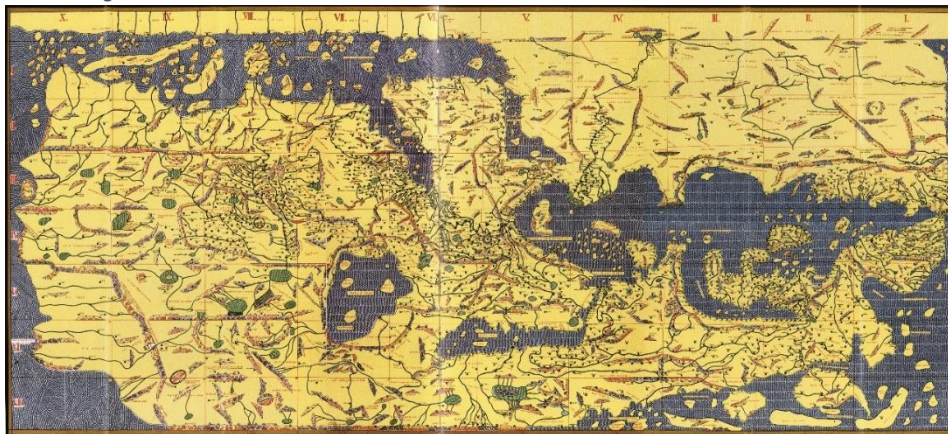
⁹² ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 313

⁹³ *Ibidem.* p. 314

Cerca de cinquenta anos depois, entre 1285 e 1300, foi produzido o mapa de Hereford, assinado por Richard de Haldingham. Medindo 1,58 m por 1,33 m, essa carta foi desenhada sobre uma única pele de bezerro e é considerado o maior mapa medieval ainda existente. Podemos ver claramente a afiliação ao esquema T/O, com o mar Mediterrâneo e os rios ao centro formando o T e o oceano à volta formando o O. Vemos outras características em comum com o mapa de Ebstorf e com os escritos de Plínio, Isidoro e os conhecimentos do cristianismo medieval: Jerusalém ao centro, o Éden localizado a leste no topo do mapa, a localização da Torre de Babel, da arca de Noé e outros lugares bíblicos. Também há uma referência a uma tradição romana, que Zumthor identifica como sendo o mapa de Agripa do século II,⁹⁴ quando a cidade de Roma é desenhada acompanhada da inscrição *Roma caput mundi tenet orbis frena rotundi* (Roma, a cabeça, tem os freios do mundo redondo); e a uma tradição grega, com a localização do Monte Olimpo, do labirinto do minotauro em Creta, do velocino de ouro e outras representações mitológicas. São cerca de 500 desenhos, com quase 420 cidades, 15 eventos bíblicos, 33 plantas, animais e monstros, 32 imagens de pessoas ao redor do mundo e 8 representações da mitologia clássica, mostrando assim o mesmo caráter enciclopédico que Zumthor apontou na carta de Ebstorf.

Nesse mesmo período se constituiu, a partir de fontes gregas, uma cartografia Árabe que se manteve totalmente independente da tradição cristã até o século XII. O primeiro contato se deu através da produção dos sessenta e oito mapas e da *Geografia* que constituem o *Kitab al-Rudjar*, ou Livro de Ruggero, de Abu Abdullah Muhammad al-Idrisi, desenhado e escrito em 1154 para o rei Ruggero II da Sicília. Entre esses mapas encontra-se a *Tábula Rogeriana*, que reproduz o mundo com os pontos cardeais

Tábula Rogeriana



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

⁹⁴ *Idem*

invertidos; no entanto, segundo Paul Zumthor, essa obra foi pouco conhecida fora de seu meio de origem, não propagando o contato entre as duas tradições.⁹⁵

Albuquerque afirma, finalmente, que “tem-se pretendido por vezes que os erros acumulados sobre estes planisférios não podem ser tomados a letra, pois os desenhos de tais cartas teriam apenas um significado simbólico”.⁹⁶ Ou seja, esses mapas não representariam os conhecimentos geográficos de seus autores, mas serviriam apenas como ilustração aos textos enciclopédicos ou trabalhos históricos que acompanhavam, sendo apenas “comentários gráficos”.⁹⁷ No entanto, Albuquerque reconhece que nem sempre esses mapas tiveram apenas esse significado, pois mesmo “que fossem sempre apresentados como ilustrações simbólicas dos textos que acompanhavam, acabavam por ser tomados num sentido real”;⁹⁸ e visto que esses mapas estão repletos de representações de lugares, povos e monstros fantásticos, podemos afirmar que eles certamente contribuíram para a manutenção do imaginário que aqui trabalhamos. Sobre essa intenção enciclopédica e essa profusão de representações podemos, mais uma vez, citar Ugo Tucci:

Os mapas medievais falam uma linguagem alegórica, feita de escrita e de sinais convencionais apenas acessíveis aos iniciados, e mesmo que por vezes – como o mapa de Ebstorf – se destinassem intencionalmente a servir de guia aos viajantes, não há dúvida que no seu gosto enciclopédico assim como na representação, dentro do mesmo círculo espacial, de personagens e de acontecimentos de épocas diversas, de Adão e Eva à Arca de Noé, à paixão de Cristo, pretendiam proporcionar matéria de reflexão mais do que um verdadeiro instrumento operativo; o que pode também explicar a frequente omissão de particularidades em regiões que não pertenciam à Cristandade e a absoluta ignorância de fronteiras políticas.⁹⁹

O terceiro grupo detalhado por Albuquerque se constitui principalmente de mapas desenhados a partir do final do século XIII com base em relatos, observações, cálculos e estimativas. Nesse período podemos ver o surgimento dos mapas marinhos ou *portulanos*, que foram amplamente usados durante a expansão marítima, e sobre os quais falaremos com mais detalhes à frente. Segundo Albuquerque os mapas desse período possuíam um “desenho rigoroso de toda a linha costeira do mar Mediterrâneo e do ocidente da

⁹⁵ *Ibidem*. pp. 307-308

⁹⁶ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 113

⁹⁷ *Idem*

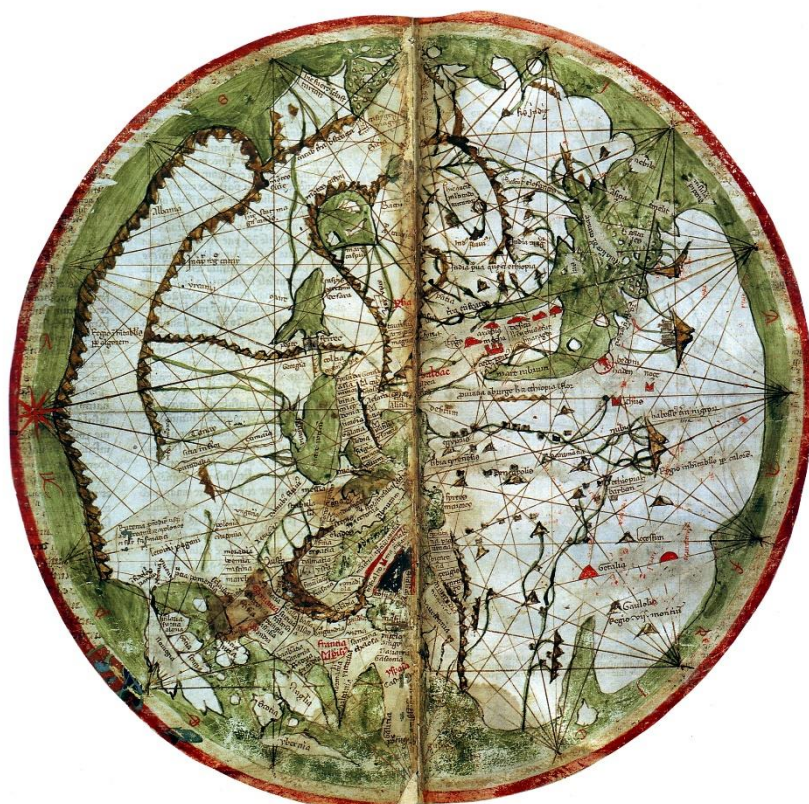
⁹⁸ *Idem*

⁹⁹ TUCCI, Ugo. *Op. Cit.* p. 139

Europa”,¹⁰⁰ e é a essa região que a maioria deles se limitava. O traçado dos continentes africano e asiático, na sua grande maioria, se dava através de relatos e histórias, visto que poucos cartógrafos tinham a oportunidade de viajar a essas terras para realizar observações e medidas.

No século XIV começamos a encontrar os primeiros indícios de uma influência árabe em mapas de cartógrafos que buscavam representar o continente africano; Zumthor cita o mapa-múndi do genovês Pietro Vesconti, de 1320, como um bom exemplo.¹⁰¹ Esse mapa, assim como os mapas de Ebstorf e Hereford, está orientado com o leste acima; no entanto, Vesconti foi um pioneiro na produção das cartas-portulano e seus mapas estão entre os primeiros a representar a região do Mediterrâneo e mar Negro com precisão. Seu mapa-múndi reproduz esses conhecimentos, e nos mostra um traçado da África e da Índia bem diferente dos mapas anteriores, se aproximando mais da geografia que hoje conhecemos. Estranho à primeira vista, a terra está pintada em azul, enquanto o mar está pintado em verde, esse mapa não possui o mesmo caráter enciclopédico dos anteriores, limitando-se a representar apenas a geografia da terra, sem os seus conteúdos.

Mapa mundo de Vesconti



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

¹⁰⁰ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 114

¹⁰¹ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 308

Esse século viu a expansão da produção e do uso das cartas-portulano. Sua aparição é contemporânea da expansão marítima das cidades italianas de Pisa, Gênova e Veneza e, segundo Paul Zumthor, das “primeiras reivindicações (...) de uma ciência de observação e de experimentação”¹⁰². Ele também afirma que o primeiro documento conhecido considerado portulano, a Carta Pisana, apareceu em Pisa entre 1275 e 1290 e que sendo “obra das burguesias mercantis da Itália, o portulano não desempenha uma função econômica”¹⁰³.

Carta Pisana



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

As cartas-portulano diferem da cartografia tradicional principalmente devido a sua origem e a sua finalidade. São a concretização do desejo de uma representação eficaz e prática do mundo; sua finalidade é ser um instrumento de navegação, não um repositório de conhecimento ou a ilustração de um texto; Ugo Tucci afirmou que “os astrônomos e os marinheiros possuíam certas cognições práticas mais extensas e mais próximas da verdade do que aquelas expressas nos mapas-mundo”¹⁰⁴. Desprezando qualquer pretensão enciclopédica ou alusão mística, os portulanos focam os esforços do cartógrafo na representação das distâncias e profundidades. Está voltado, segundo Zumthor, às viagens

¹⁰² *Ibidem*. p. 316

¹⁰³ *Idem*

¹⁰⁴ TUCCI, Ugo. *Op. Cit.* p. 139

de cabotagem pelo mar Mediterrâneo e posteriormente pela costa do Atlântico, “é um mapa costeiro, que indica com precisão os acidentes e localidades que pontuam uma rota marítima”.¹⁰⁵ Dessa forma, esses mapas dão conta de um espaço concreto, em contraponto ao espaço imaginário representado em outros mapas medievais, e neles não encontramos esquemas, nem representações de lugares, pessoas e animais, ele não é mais um registro de lugares, mas representa outra coisa: as distâncias.

O portulano pressupõe o uso da bússola, introduzida no Mediterrâneo desde 1200, para realizar as medidas necessárias para o desenho. A escala e a irregularidade se corrigem através de uma trama de linhas coordenadas chamadas *graticula*, *marteloire* ou *marteloio*,¹⁰⁶ que dividem a extensão do mapa em setores triangulares, permitindo situar matematicamente qualquer ponto em relação com os demais. Uma criação italiana, os portulanos rapidamente se espalharam pela Europa, podendo ser encontrados na Catalunha a partir do século XIV e em Portugal e na Espanha no XV.¹⁰⁷ Foram desenhados até o final do século XVII e seu objeto vai se estendendo à medida que os conhecimentos geográficos aumentam.

A expansão dos portulanos acabou influenciando a produção cartográfica europeia e mesmo os mapas que não se pretendiam instrumentos de navegação passaram a agregar certas características dos portulanos, como as linhas *marteloire* e o próprio desenho da costa europeia, às referências já existentes, como os livros de geografia e relatos de viagem como o de Marco Polo, que por muito tempo foi a principal fonte descritiva para o desenho do Oriente.

Uma carta que mostra, perfeitamente, todas essas influências é o *Atlas Catalão*. Atribuído à Abraham Cresques, esse mapa de 1375 está dividido em seis folhas de pele de bezerro dobradas na metade. As duas primeiras folhas são compostas de um texto, escrito em catalão, sobre cosmografia, astronomia e astrologia, e ilustrações, que incluíam uma rosa dos ventos e calendários. As demais folhas compõem o mapa em si; podemos ver a primeira rosa dos ventos desenhada em um mapa-múndi, bem como a orientação das linhas *marteloire*.

¹⁰⁵ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 316

¹⁰⁶ *Ibidem.* p. 317

¹⁰⁷ *Ibidem.* p. 318

Atlas Catalão, Folhas 3 e 4



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

Atlas Catalão, Folhas 5 e 6



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

O mapa possui um desenho bem preciso da costa do mediterrâneo e do Atlântico norte, bem como diversas ilhas; só vemos o norte do continente africano, mostrando o conhecimento das suas dimensões; o desenho da Ásia traz uma claríssima influência do texto de Marco Polo, sendo possível ver, no topo da quinta folha, uma representação da sua caravana a caminho da China. Albuquerque afirma que certas passagens das legendas reproduzem como cópia o texto do *Milione*.¹⁰⁸

O *Atlas Catalão* possui o mesmo caráter enciclopédico que Zumthor aponta nos mapas de Ebstorf e Hereford; nele podemos ver várias representações de diferentes reis em seus reinados com inúmeras flâmulas, bandeiras e brasões; Jerusalém aproximadamente ao centro do mapa, além de outras representações religiosas como os três reis magos e o paraíso terrestre; representações de seres fantásticos como uma sereia com dois rabos e cinocéfalos; podemos ver a bandeira de Preste João no limite sul da quarta página.¹⁰⁹

A maior revolução para a cartografia medieval europeia certamente foi a tradução para o latim da *Geographia* de Ptolomeu, que com a imprensa foi amplamente divulgada, junto com seu aparato matemático, vulgarizando, como disse Ugo Tucci, a sua “característica projeção cônica modificada”.¹¹⁰ Traduzida antes de 1409,¹¹¹ a obra correu rapidamente entre os meios intelectuais da época, ainda que suas medidas apresentassem alguns erros (Zumthor afirma que os portulanos mediram melhor o Mediterrâneo¹¹²). Já desde o século XV várias críticas acerca do texto de Ptolomeu são feitas, Zumthor aponta a leitura de 1427 formulada por Guillermo Fillastre e afirma que essas críticas tratam de “adaptar aos modos ptolomaicos os velhos modelos, ou de propor uma síntese desse conjunto de conhecimentos, às vezes contraditórios”.¹¹³ Ele cita também o mapa de Andreas Walsperger como exemplo. Esse mapa alemão, apesar de beber das fontes ptolomaicas, ainda apresenta diversos elementos de mapas mais arcaicos, como a centralidade de Jerusalém e um grande oceano circundando a terra com um grande O.

¹⁰⁸ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 118

¹⁰⁹ O mapa completo está disponível em alta resolução no website da Biblioteca nacional da França: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002481n.r=abraham+cresques.langPT> Acesso em: 05/04/2014

¹¹⁰ TUCCI, Ugo. *Op. Cit.* p. 140

¹¹¹ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 320

¹¹² *Idem*

¹¹³ *Idem*

Mapa de Walsperger



Disponível em: <http://www.ub.uni-heidelberg.de>

No entanto, a mais admirável obra da tradição ptolomaica renascente é o mapa-múndi produzido em 1459 pelo monge calmadulense veneziano Fra Mauro. A carta, feita em colaboração com o cartógrafo e navegador Andrea Bianco, acumula influências de Ptolomeu, de viajantes da época, a leitura de Marco Polo e, segundo Zumthor, talvez até fontes árabes.¹¹⁴ Devido a essas influências o mapa possui aquele mesmo caráter enciclopédico, porém não representa cenas maravilhosas, religiosas, mitológicas, nem pessoas, animais ou monstros; seu notável conhecimento está em um desenho mais detalhado da Ásia e da África, ainda que o formato circular do mapa o assemelhe ao

¹¹⁴ *Ibidem*. p. 321

esquema T/O, devido ao oceano que circunda a Terra. O mapa apresenta desenhos de várias cidades ao redor do mundo e talvez a sua mais notável modernidade esteja na localização de Jerusalém que, pela primeira vez, não está no centro.

Mapa de Fra Mauro



Disponível em: <http://www.bl.uk>

Outra característica interessante da carta de Fra Mauro são os quatro círculos que a ladeiam. No canto superior esquerdo vemos uma representação das camadas celestes acompanhadas por uma legenda que discorre sobre suas distâncias, a partir do centro da Terra. O círculo está dividido em treze camadas: Céu Empíreo, Esfera Nona, Estrela Fixa, Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua, Fogo, Ar, Água e Terra. No canto

superior direito vemos mais uma representação das cinco últimas camadas, acompanhadas por um texto sobre as fases da Lua.

No canto inferior esquerdo temos uma representação daquela antiga divisão do mundo em zonas, com os nomes das cinco linhas: os paralelos setentrional e meridional, os trópicos de Câncer e Capricórnio e a linha equinocial, o Equador. Temos ainda uma linha transversal com os nomes das constelações zodiacais. O desenho também é acompanhado por um texto, onde Fra Mauro discorre acerca dos climas de cada zona.

Finalmente, no canto inferior direito, temos uma representação do paraíso, suas portas guardadas por um anjo portando uma espada. Dentro de seus muros podemos ver Deus falando com Adão e Eva, ao lado da árvore do fruto proibido. O desenho está acompanhado de um texto acerca da localização do paraíso terrestre, onde Fra Mauro cita os trabalhos de Beda, o Venerável.

O desenho e a escrita sempre tiveram uma relação estreita dentro da cartografia, seja quando o mapa ilustrava o texto ou quando o texto explicava o mapa. Zumthor afirma que essa relação pode ser interna ou externa.¹¹⁵ De forma interna, quando o texto está dentro do mapa, as legendas e notas se espalham, localizando lugares, povos, pessoas, descrevendo acontecimentos sagrados, clássicos e históricos. Zumthor afirma que a essas legendas é comum a forma introdutória *Hic est* (aqui está) e explica: “*Hic* remete simultaneamente ao mapa – é um de seus pontos – e a um espaço real, exterior, que haveria que imaginar”.¹¹⁶ Em alguns mapas, como o de Vesconti, essas inscrições estão espaçadas e são poucas; em outros, como o *Atlas Catalão* ou o mapa de Fra Mauro, são numerosas e extensas. Quando a relação é externa é o mapa que está inserido no texto, seja como decoração (Zumthor cita os mapas miniaturizados que adornam letras floridas¹¹⁷) ou ilustração do que está escrito; de qualquer forma está inserido como “unidade de comunicação”.¹¹⁸ Se introduzido posteriormente mudava seu contexto, e Zumthor afirma que devido a isso, também o seu significado; segundo ele essa prática era comum entre monges copistas que editavam textos antigos.¹¹⁹

¹¹⁵ *Ibidem*. p. 325

¹¹⁶ *Idem*

¹¹⁷ *Idem*

¹¹⁸ *Idem*

¹¹⁹ *Ibidem*. p. 325-326

No final do século XV, em 1492, temos um dos mais notáveis avanços na representação cartográfica da Terra: a construção do primeiro globo terrestre, chamado *Erdapfel*, a maçã do mundo, pelo empreendedor e cosmógrafo alemão Martim Behaim.¹²⁰ Zumthor afirma que o cosmógrafo “convencido da esfericidade da Terra, renunciava ao mapa plano; todavia não se havia concebido nenhuma teoria da projeção da esfera”.¹²¹

Globo de Behaim



Disponível em: <http://www.gnm.de>

Após 1492, a maior mudança na história da cartografia viria na forma da descoberta do Novo Mundo por Cristovão Colombo, ainda que tenha demorado a afetar as tradições; Zumthor afirma que Ptolomeu seguiu a ser publicado durante os anos 1520 e 1530, bem como continuou a fabricação de globos como o de Behaim.¹²² A vista dessa descoberta a

¹²⁰ O globo hoje se encontra no *Germanisches National Museum* e está sendo digitalizado para a construção de um modelo computadorizado em três dimensões. Disponível em: <http://www.gnm.de/en/research/research-projects/the-behaim-globe-digitisation-and-new-edition/>
Acesso em: 13/02/2015

¹²¹ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 321

¹²² *Ibidem.* p. 322

Igreja enfrentou um outro, e muito sério, problema: como explicar a presença de populações humanas na América, se o mundo fora tripartido entre os filhos de Noé? A solução encontrada, nos conta Ugo Tucci, explica essas novas coletividades humanas “fazendo-as descender das dez tribos expulsas de Israel, reconduzindo-as assim à origem única das Escrituras, ainda que as descobertas geográficas constituam um terreno fértil para a propagação de doutrinas poligenísticas”.¹²³

Porém, como já dito, as novas descobertas eram consideradas segredo de estado pelas coroas ibéricas, algo que também contribuiu para que tais descobertas demorassem a chegar ao meio cartográfico europeu. O primeiro mapa a apresentar um traçado esboçado do Novo Mundo é a carta de Juan de la Cosa, produzida em 1500 para a coroa espanhola. O mapa tem diversas influências: para a Europa, os portulanos; para as costas da África, fontes portuguesas; para a Ásia, as viagens de Marco Polo e outros viajantes italianos; e para a América, as viagens que o próprio la Cosa empreendeu, três acompanhando Colombo e duas Alonso de Ojeda.¹²⁴ O mapa hoje se encontra no Museu Naval da Espanha.

Mapa de Juan de La Cosa



Disponível em: www.armada.mde.es

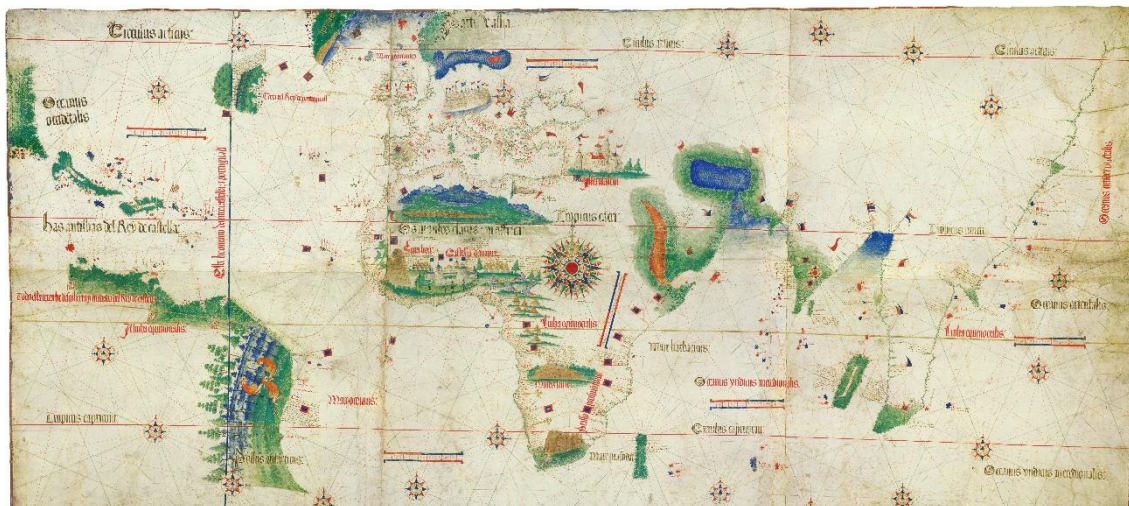
¹²³ TUCCI, Ugo. *Op. Cit.* p. 133

¹²⁴Disponível em:

http://www.armada.mde.es/ArmadaPortal/ShowPropertyServlet?nodePath=/BEA%20Repository/Desktops/Portal/ArmadaEspañola/Pages/ciencia_museo/02_museo-museo-naval/03_coleccion/01_10_piezas_clave/01_10_piezas_clave_en/arc_01_carta-universal_juan_de_la_cosa pp. 1-3 Acesso em: 21/12/2014

Dois anos depois foi publicado o mapa de Alberto Cantino. Hoje com residência na Biblioteca Estense em Modena, essa carta é a mais antiga a representar as descobertas portuguesas a leste e oeste; nela podemos ver a costa do Brasil, a África em toda a sua extensão e o sudeste asiático.

Mapa de Cantino



Disponível em: <http://bibliotecaestense.beniculturali.it>

Em 1507, Martin Waldseemüller produziu, a pedido do duque de Lorena, um mapa onde se pode observar as costas do Novo Mundo, dividido em duas partes, uma delas levando a legenda *América*. Hoje o mapa está na Biblioteca do Congresso, em Washington D.C.

Mapa de Waldseemüller



Disponível em: <https://www.loc.gov>

Mais tarde, Gerardo Mercator adotou definitivamente a denominação *América* em seu mapa de 1538.

Mapa-múndi de Mercator, 1538



Disponível em: <http://collections.lib.uwm.edu/cdm/landingpage/collection/agdm>

Nascido em 1512 em Rupelmonde, na Bélgica, Mercator foi talvez o mais importante cartógrafo do século XVI, e provavelmente de toda a Idade Moderna; Oswald Dreyer-Eimbecke em seu livro *O descobrimento da Terra* afirma:

Seus contemporâneos viam nele o novo Ptolomeu de seu século e um reformador da geografia. Ele está também entre aquelas figuras mais controversas do século XVI que conseguiram sobreviver aos torvelinhos da Reforma e Contra-Reforma.¹²⁵

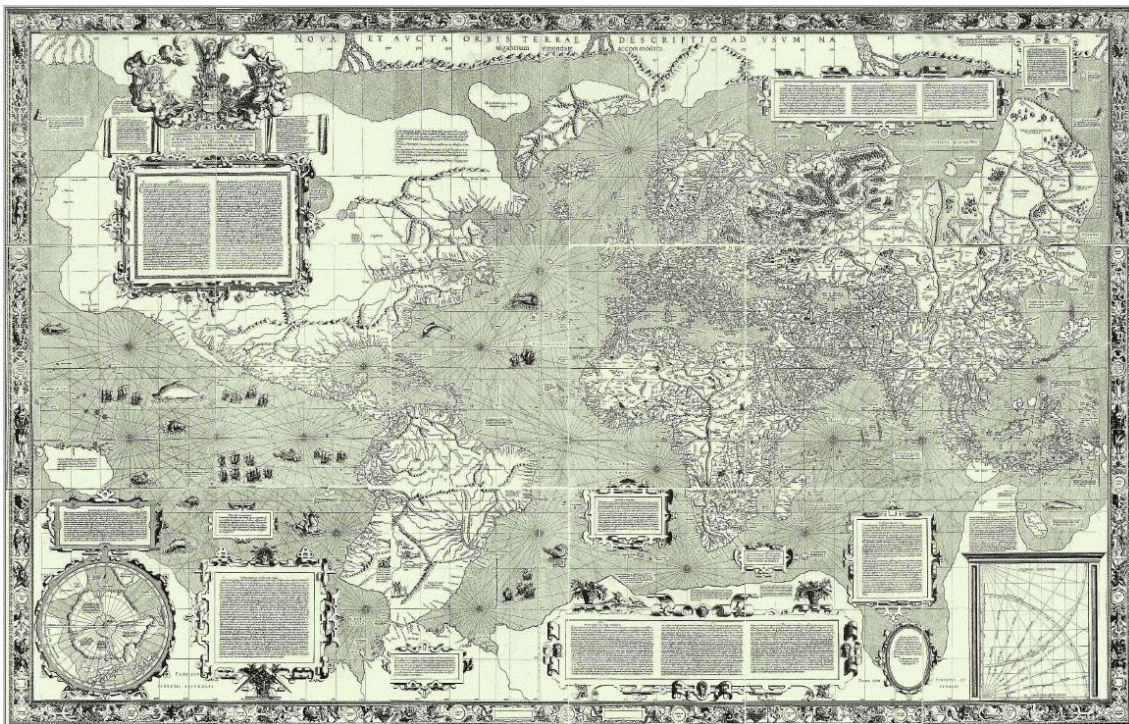
Sua vida foi repleta de reviravoltas; além da cartografia, Mercator “demonstrou interesse também por filosofia, magia, teologia e caligrafia”,¹²⁶ em 1544, acusado de heresia, passou oito meses na prisão do castelo de Rupelmonde. Mudou-se então para Louvein onde estudou matemática e suas aplicações, oito anos depois mudou-se novamente, desta

¹²⁵ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *Op. Cit.* p. 36.

¹²⁶ *Idem*

vez para Duisburg, onde, segundo Dreyer-Eimbcke, “haveria de experimentar o auge das suas atividades de cartógrafo até o fim de sua vida”¹²⁷, ainda segundo ele, Mercator foi “um humanista que estava em contato e mantinha correspondência com um grande número de cientistas de seu tempo, entre eles o inglês John Dee, que fora seu aluno de matemática e magia na cidade de Louvain”.¹²⁸

Mapa-múndi de Mercator, 1569



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

Em 1569 Mercator publicou seu famoso mapa-múndi de dezoito folhas que mudaria para sempre a cartografia propondo uma nova projeção cartográfica, que ficaria conhecida como projeção de Mercator, e que usamos até hoje. O mapa possui linhas ortogonais de longitude e linhas de latitude espaçadas de forma que os cursos náuticos fossem representados por linhas retas. Era o fim dos grandes mapas medievais, cheios de referências bíblicas e representações de conhecimento clássico.

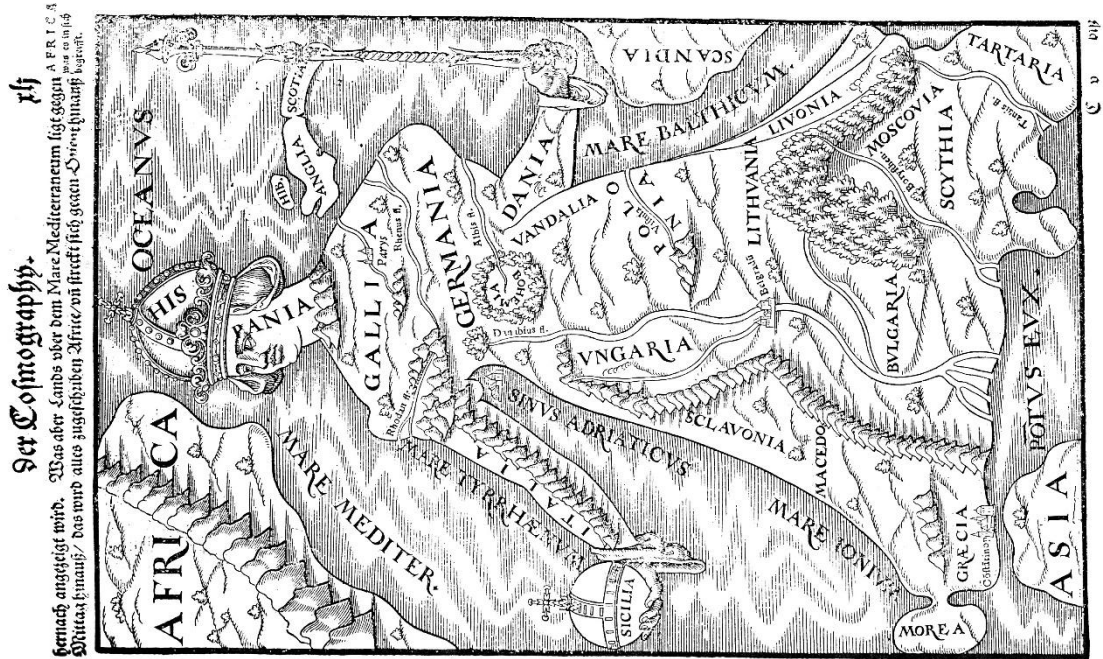
Essa época viu surgir também uma cartografia diferente, com a representação simbólica de lugares como seres humanos e animais; bons exemplos são o mapa da Europa de Sebastian Munster de 1540, que representa o continente como uma mulher em vestes

¹²⁷ *Idem*

¹²⁸ *Idem*

reais, segurando cetro e globo e com a cabeça, a península ibérica, coroada, e o mapa de 1617, *Leo Belgicus*, de Pieter van den Keere, que representa a Bélgica como um leão rugindo.

Europa Regina



Disponível em: <https://belgeo.revues.org/7711>

Leo Belgicus



Disponível em: <http://www.dutchrevolt.leiden.edu/dutch/symbolen/Pages/p2n60.aspx>

A cartografia assume nessa época um papel mais técnico, mais prático; os primeiros grandes atlas vem da Holanda, cujas autoridades estavam interessadas, por razões comerciais, por essa cartografia. Com o advento da imprensa esses mapas foram publicados nas mais diversas línguas, bons exemplos são o *Atlas* de Mercator, publicado após a sua morte em 1595, o primeiro livro de cartografia a receber esse nome, e o *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius. Esses livros podem ser considerados os primeiros atlas modernos; além do mapa-múndi, temos mapas de todos os continentes bem como um texto que os descreve.¹²⁹

Typus Orbis Terrarum



Disponível em: www.loc.gov

A representação do mundo se modificou então radicalmente daquela que vigorava no início da Idade Média; a observação e o pensamento científico suplantaram a intenção enciclopédica dos gigantescos mapas de Ebstorf e Hereford, por uma cartografia prática, de medidas, publicada em livros e que tornava o conhecimento geográfico, de certa forma, mais acessível. Essa cartografia, no entanto, continuou a ser receptáculo de um imaginário

¹²⁹ No website da Biblioteca do Congresso é possível acessar uma versão digitalizada completa do *Theatrum Orbis Terrarum* de 1570 em latim. Disponível em: <http://www.loc.gov/item/98687183/>
Acesso em: 21/12/2014

que se propagou além da Idade Média, representando lugares como o Reino de Preste João e a Hiperbórea, monstros variados, marinhos e terrestres, que adornavam os mapas de Mercator, Ortelius, Munster e outros, e abrigando ainda as noções de um Oriente místico e fantástico e de um Novo Mundo desconhecido, inexplorado e povoado de maravilhas ricas, douradas e monstruosas; noções que ainda demorariam alguns séculos para desaparecer.

Imaginário e representação

Falar de imaginário é um trabalho árduo. Como afirmou Evelyne Patlagean:

O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que estas autorizam. Isto é, cada cultura, portanto cada sociedade, e até mesmo cada nível de uma sociedade complexa, tem seu imaginário.¹³⁰

Dessa forma se o imaginário de qualquer Era já representa um desafio, o do fim da Idade Média e início da Moderna apresenta algo de especial; este imaginário renascentista está dividido entre tradições clássicas e paganismos, uma tradição cristã teológica, os conhecimentos árabes, a expansão marítima e a descoberta de novas terras, novas formas de pensamento, o começo de um pensamento científico empírico; enfim, está em um turbilhão de pensamentos, tradições e ideias que muitas vezes se complementam e outras tantas se opõem e contradizem. Portanto, falar desse imaginário como um todo é certamente uma obra hercúlea, que não cabe a este trabalho. Nossa proposta, então, é tratar de um imaginário *fantástico* e *maravilhoso*, que se origina nas tradições antigas, atravessa a Idade Média e aporta no Renascimento.

O *maravilhoso* tem um papel importante dentro do pensamento medieval, principalmente na baixa Idade Média e especialmente quando o homem começa a expandir os seus horizontes para além daquilo que se encontra à sua porta; assim está muitas vezes ligado ao exótico, ao horizonte, ao longínquo, ainda que tenhamos também o maravilhoso próximo, que podemos chamar de cotidiano, mas que causa sempre, como já vimos, uma sensação de fascínio.

Imaginário e representação andam muito próximos. Jacques Le Goff no prefácio ao seu livro *O imaginário medieval* afirma:

O imaginário pertence ao campo da representação mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transporta em imagem do espírito mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra.¹³¹

¹³⁰ PATLAGEAN, Evelyne. *A história do imaginário*. In LE GOFF, Jacques. (sob dir. de). *A história nova*. Opus. Cit. p. 291

¹³¹ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994. pp. 11-12.

Assim, o imaginário está ligado intrinsecamente à *imagem* que o homem lhe dá, à sua representação; ele só existe quando o homem lhe dá uma forma, uma história e um lugar de ser, quando é representado em narrativas, desenhos e mapas; e o *fantástico* e o *maravilhoso* foram incessantemente representados durante toda a Idade Média e durante o Renascimento, de forma que podemos afirmar que o imaginário maravilhoso que aqui tratamos existiu durante todo esse período.

Se por um lado esse imaginário inspira fascínio aos ouvidos do homem, por outro inspira um segundo sentimento, primordial e paralisante: o medo. Muitos eram os medos que assolavam o imaginário do fim da Idade Média; primeiro - e talvez o mais vasto desses medos – o medo do mar.

O mar era incomensurável. Era imprevisível e variável. Nele residia um medo que atravessou eras, e muitos eram os provérbios e dizeres populares que aconselham à evitá-lo. Jean Delumeau enumerou alguns na sua *História do medo*: “Louvai o mar, mas conservai-vos na margem”, “louvai o mar, sentado no aquecedor”, “que loucura confiar-se ao mar”, “mais vale estar na charneca com uma velha carroça do que no mar num navio novo”, entre outros.¹³² Mas por que o mar inspirava tanto medo? Para aqueles que ficavam na terra, o mar era a origem de males: na antiguidade os gregos enfrentaram, vinda do mar, a invasão persa; na mitologia gaélica da Irlanda, do mar vinham os demônios que buscavam tomar a terra, as águas eram o portal para o submundo; durante a Idade Média inúmeras invasões, primeiro os escandinavos vindos do norte, depois os sarracenos do sul, se deram por meio marítimo; ainda a peste veio nos navios que voltavam das cruzadas; enfim, do mar se esperavam perigos e nele residiam os demônios de outrora.

Para aqueles que se aventuravam no mar os perigos eram outros. O mais perigoso e certamente o mais descrito é a tempestade. Delumeau afirmou certamente que “desde Homero e Virgílio até a *Francidade* e os *Lusíadas*, não há nenhuma epopeia sem tempestade”,¹³³ e sempre ela se apresenta da mesma forma: “o mar calmo é tomado de uma súbita sanha. Urra e rugem. Recebe todas as metáforas da fúria, todos os símbolos animais do furor e da raiva”¹³⁴ como bem descreveu Gaston Bachelard. Muitos são os

¹³² DELUMEAU, Jean. *Historia do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993. p. 41

¹³³ *Ibidem*. p. 42

¹³⁴ BACHELARD, Gaston. *apud*. DELUMEAU, Jean. *Op. Cit.* p. 42

relatos da fúria das tempestades, o padre Gonçalo Roiz em sua carta ao padre Miguel de Torres em 1562 afirma:

Em conclusion, porque no pareciese que burlava, danos uma tormenta terrible, que doro todo um dia y toda uma noite; em que todos a uma, no dezian mas que sospirar y llamar por Dior, porque començo de médio dia per delante a hazer viento tam flerte, y el mar se alborozo em tanta manera que parecia, claramente, querer vengar las injurias que teniamos hechas a su Criador.¹³⁵

João de Barros em seu livro *Ásia* diz:

Porque, ante que chegassem à costa da África, saltou com eles tamanho temporal com força de ventos contrários à sua viagem, que perderam a esperança das vidas, por o navio ser tão pequeno e o mar tão grosso que os comia, correndo a árvore seca, à vontade dele. E como os marinheiros naquele tempo não eram acostumados a se engolfar tanto no pego do mar, e toda sua navegação era por singraduras sempre à vista da terra, e segundo lhes parecia eram muito afastados da costa deste reino, andavam todos tão torvados e fora do seu juízo pelo temos lhe tomado a maior parte dele, que não sabiam julgar em que paragem eram.¹³⁶

Ainda na *Relação da viagem da armada chefiada por Pedro Álvares Cabral* podemos ler:

E um domingo, que eram 24 dias do dito mês de Maio, seguindo toda a armada junta com bom vento, com as velas a meia árvore sem moneta por causa duma chuva que tivemos no dia anterior, e seguindo assim, veio um vento tão forte pela vante e tão repentino, que não o notamos senão quando as velas ficaram atravessadas nos mastros. Naquele instante se perderam quatro naus com toda a sua gente, sem podermos prestar-lhes socorro algum. As outras sete que escaparam, estiveram em perigo de perder-se. E assim tomamos o vento de popa com mastros e velas rotas, e à misericórdia de Deus andamos assim todo aquele dia. E o mar inchou de tal modo que parecia que subíamos ao céu. E o vento de repente descaiu, embora fosse ainda tão grande a tormenta, que não tínhamos desejo de dar velas ao vento. E navegando com esta tormenta sem velas, perdemo-nos de vista uns e outros, de modo que a nau do capitão com mais duas seguiram outro caminho e outra nau chamada El-Rei, com mais duas, seguiram outro, e as outras por outro caminho. E assim passamos com esta tormenta 20 dias, sem dar uma vela ao vento.¹³⁷

¹³⁵ *Documentação para a História das Missões do padroado português no oriente*. Apud LOPES, Paulo. *Op. Cit.* pp. 193-194

¹³⁶ BARROS, João de. Apud. LOPES, Paulo. *Op. Cit.* p. 197

¹³⁷ ANÔNIMO. *Relação da viagem da armada chefiada por Pedro Álvares Cabral*. Apud. LOPES, Paulo. *Op. Cit.* pp. 200-201

Outro elemento que aterrorizava os navegantes eram os monstros marinhos. As histórias gregas enumeravam diversos monstros marinhos e aquáticos; Heracles enfrentou a Hidra; Odisseu, Cila e Caribidis e as perigosas sereias; e o próprio Deus dos mares, Poseidon, era temível se desrespeitado. Os povos escandinavos, intimamente ligados ao mar, também contavam seus monstros; o Kraken, terrível polvo gigante que destruía os barcos e os arrastava para o fundo do mar, e Jörmungandr, a imensa serpente-mundo, destinada a batalhar o Deus do Trovão no Ragnarök, o apocalipse escandinavo, figuram entre os mais famosos. A imagem da serpente gigante marinha está entre as mais representadas em descrições e mapas, visto que além da serpente-mundo, podemos citar também o bíblico Leviatã, descrito no livro de Jó no Antigo Testamento. São ainda muitos outros que figuram entre os contos e relatos, entre eles as nereidas, os tritões, o dragão, o licorne (unicórnio) do mar; enfim muitos são os monstros que povoam a vastidão do oceano. E é certamente isso que evocam, a vastidão, um espaço distante, longe de qualquer familiaridade, inesperado e incerto, carregado de inquietude, aonde qualquer surpresa pode significar perecer.

Apesar de todos esses perigos e de todos esses medos, o Renascimento viu a expansão marítima e um novo horizonte para o mundo. Horizonte esse que se abria sobre novas e desconhecidas terras que abrigavam, usando as palavras de Jean Delumeau, “países insólitos onde tudo era possível e onde o estranho era a regra”.¹³⁸ Assim, é nesses países longínquos que encontraremos as nossas maravilhas e monstruosidades, na Ásia e na África a princípio e, posteriormente, na América.

- Permanências Antigas e Medievais

A origem desse imaginário maravilhoso não pode ser traçada com uma única linha reta que nos aponta onde tudo começou e terminou. Ao contrário, ele carrega elementos originários de diversas culturas, que com o correr do tempo se adaptaram e modificaram aportando nas representações culturais renascentistas; podemos descrevê-lo como um verdadeiro emaranhado de tradições, história, folclore, lendas e mitos. Assim, não devemos falar em resgate ou herança de pensamentos antigos, mas em permanências, tanto da Antiguidade quanto do período medieval. Essas permanências nos ajudam a

¹³⁸ DELUMEAU, Jean. *Op. Cit.* p. 52

investigar as origens, bem como traçar uma história, da representação desse imaginário maravilhoso e fantástico.

Podemos identificar certamente que a origem desse imaginário reside na antiguidade. No entanto não podemos limitar essa origem simplesmente ao classicismo greco-romano, de forma que identificamos cinco linhas culturais, cujas tradições contribuíram para a formação do imaginário maravilhoso do mundo ocidental à época do Renascimento: clássica, ou greco-romana; germânico-escandinava; gaélico-bretã; judaico-cristã, consistindo principalmente do folclore do Antigo Testamento e das hagiografias; e oriental, que aqui reúne as tradições árabes e asiáticas.

A maior fonte para a percepção de mundo do homem medieval e renascentista é sem dúvida a tradição clássica. A sua mitologia nos providenciou alguns dos maiores heróis do ocidente, cujas aventuras e epopeias envolvem muitos dos monstros que aterrorizavam marinheiros e habitavam terras distantes, bem como povos reclusos como as Amazonas, ou lugares fantásticos como a ilha de Atlântida ou a setentrional Hiperbórea, como evidenciado nas obras de Homero, Hesíodo, Heródoto e Virgílio.

A produção intelectual romana é a mais duradoura influência do pensamento ocidental, seja nas suas leis, na sua filosofia ou nas ciências naturais. A *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho, a *De Situ Orbis* de Pomponio Mela e as *Collectanea Rerum Memorabilium* de Solino, figuram como as formadoras do conhecimento geográfico no ocidente medieval; a clara influência de Plínio nas *Etimologias* de Santo Isidoro, livro que segundo Albuquerque “dominou todo o período medieval”,¹³⁹ bem como as inúmeras *De Situ Orbis* escritas durante o mesmo período atestam a sua importância. Essas obras, como já dito, descreviam todo o mundo e tudo aquilo que nele se encontrava, incluindo descrições de monstros variados, animais fantásticos e maravilhas ao redor do mundo conhecido. Posteriormente, a tradução para o latim da obra de Ptolomeu reavivou a tradição clássica como referência geográfica já no fim da Idade Média e teve grande influência na produção cartográfica do período.

A tradição germânico-escandinava agrupa a mitologia e o folclore dos povos setentrionais da Europa ocidental. A principal referência para esses mitos é o livro *Edda em prosa*, escrito no século XIII pelo islandês Snorri Sturluson, que compilou dezenas de histórias

¹³⁹ ALBUQUERQUE, Luis de. *Op. Cit.* p. 132

envolvendo os deuses escandinavos;¹⁴⁰ o *Codex Regius*, uma coleção islandesa de poemas mitológicos do século XIII, a *Volsülgsaga*, saga lendária escrita no mesmo século na Islândia, que conta a ascensão e queda do clã Volsüing, a sua versão germânica, o *Nibelungelied*, e o poema épico anglo-saxão *Beowulf*, escrito entre os séculos VII e X, também podem ser citados como fontes mitológicas e folclóricas. Escolhemos agrupar as tradições germânica e escandinava devido as suas semelhanças, especialmente quanto a religião. Assim como os deuses gregos possuem suas contrapartidas romanas, também os escandinavos possuem contrapartidas germânicas, o Odin escandinavo e o Wotan germânico representam a mesma divindade, assim como o Zeus grego e o Júpiter romano. No entanto, as duas tradições possuem também diferenças; talvez a principal seja a relação com o mar. Enquanto a cultura germânica é continental e terrestre, a escandinava é intimamente ligada ao mar e navegante, primeiro com viagens costeiras de cabotagem, depois viagens em alto mar, que resultaram nas inúmeras incursões à Inglaterra e ao continente a partir do século IX, até a viagem liderada por Leif Ericson, explorador islandês, que desembarcou na América do norte séculos antes de Cristóvão Colombo.

O folclore germânico-escandinavo providenciou grandes heróis, como Sigurd e Sigmund, protagonistas da *Volsülgsaga*, e Beowulf, protagonista do poema homônimo, bem como diversos monstros que os enfrentavam, como gigantes, dragões e serpentes marinhas. Ainda povos antropomórficos, como anões e fadas, e os deuses, principalmente Odin (ou Wotan), tem grande importância nas histórias, auxiliando ou desafiando os heróis. Muitas histórias contam ainda as aventuras e desventuras dos próprios deuses, a maioria delas envolvendo Odin, Thor, o deus do trovão, e seu irmão adotivo Loki, o deus da mentira, que é, na maioria das vezes, a causa dos problemas, mas também quem os resolve. Outro elemento de enorme importância são os objetos mágicos ou sagrados; podemos contar anéis, capas, taças, espadas e cinturões. Alguns dos mais notáveis são: o anel *Andvaranaut*, capaz de produzir um enorme tesouro, protegido por Fafnir, um anão transmutado em dragão, que aparece na história de Sigurd, cuja versão germânica *Nibelungenlied* inspirou a ópera *O anel dos nibelungos* de Wagner; a espada *Gram*, que Odin crava em uma árvore e só pode ser retirada por um guerreiro digno, Sigmund, que a passa a seu filho Sigurd; a espada mágica capaz de perfurar a pele dura do monstro na epopeia de Beowulf; a taça, na mesma epopeia, que quando roubada do covil do dragão, o desperta para uma fúria destruidora; e por fim o martelo Mjöltnir, arma do deus Thor,

¹⁴⁰ DAVIDSON, H.R. Ellis. *Gods and myths of northern Europe*. Londres: Penguin Books. 1965. pp. 23-24

representado em diversos templos do deus e em pedras rúnicas¹⁴¹ e usado extensivamente como amuleto pelos escandinavos no século X.¹⁴²

A tradição gaélico-bretã por sua vez agrupa a mitologia e folclore pagão dos povos gaélicos ou celtas - o que inclui os povos que habitavam a Irlanda, as ilhas bretãs e a Bretanha continental no norte da França - e as chamadas Matéria da Bretanha, que constitui o conjunto de lendas de formação inglesa, como o ciclo arturiano e outras histórias envolvendo figuras menos conhecidas como Brutus da Bretanha, Rei Cole, Rei Lear, que inspirou a peça de William Shakespeare, e o gigante Gogmagog; e Matéria da França, que agrupa histórias lendárias, principalmente acerca de Carlos Magno e seus cavaleiros, com destaque para Rolando, da famosa *Chanson de Roland*, e suas aventuras e batalhas contra os inimigos da cristandade.

Muitas são as fontes para toda essa enorme e rica tradição. Júlio César nos seus *Comentarii de bello gallico* discorreu extensamente acerca dos gauleses e bretões e seus costumes, cultura e religião, e ainda que seja uma fonte externa merece ser citado. Charles Squire, em seu livro *Mitos e lendas celtas* enumera as fontes mais importantes para as tradições irlandesa e bretã; da tradição irlandesa talvez o mais importante manuscrito seja a cópia do século XII do *Livro da vaca Dun*, assim chamado devido a tradição de que o original teria sido escrito sobre a pele de um animal que pertencia a São Cirian no século VII.¹⁴³ Ele ainda cita o *Livro de Leinster*, compilado no século XII pelo bispo de Kildare e outros menos importantes, como o *Livro de Ballymote* e o *Livro amarelo de Lecan*, do final do século XIV; os três volumes possuem versões do *Lebor Gabála Éreann*, o *Livro das Invasões*, que contam uma história mitológica da Irlanda, da Criação até a época medieval. Para a tradição bretã insular, que compõe a Matéria da Bretanha, a *Historia Brittonum*, escrita no século IX e comumente atribuída ao monge galês Nennius, e a *Historia regum britanniae*, escrita no século XII pelo também monge galês Geoffrey de Monmouth figuram entre as mais conhecidas e importantes. Charles Squire também cita outros quatro documentos, menos conhecidos, mas de igual importância; são eles o *Livro negro de Caermarthen*, do século XII, o *Livro de Aneurin*, do século XIII, o *Livro de Taliesin*, do século XIV e o *Livro vermelho de Hergest*, do século XV.¹⁴⁴ Os três primeiros são menores, e consistem na compilação de textos e poemas atribuídos a três

¹⁴¹ *Ibidem*. p. 75

¹⁴² *Ibidem*. p. 81

¹⁴³ SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2005. p. 21

¹⁴⁴ *Ibidem*. p. 22

poetas bretões semi-históricos do século VI, Myrddin, Aneurin e Taliesin; o último é bem maior e, segundo Squire, “nele, estão as traduções galesas das Crônicas Britânicas”.¹⁴⁵

A Matéria da França por sua vez é composta pelas diversas canções de gesta francesas compostas ao longo da Idade Média; Robert Morrissey em seu livro *Charlemagne and France* explica:

“La geste” – um termo coletivo herdado do latim *gesta* designando um arquivo histórico ou feitos – é a palavra geralmente usada para referir a toda uma gama de textos tão diversos quanto os *Annales Regni Francorum*, a *Vita Karoli Magni* (Vida de Carlos Magno) de Einhard, a *Gesta Karoli Magni imperatoris* por Notker the Stammerer, *Karolinus* por Gilles de Paris, a *Chanson de Roland*, a *Pseudo-Turpin Chronicle* ou *Historia Karoli Magni de Rotholand*, e as *Grandes Chroniques de France*. Nesses textos, que falam da *res gestae*, grandes feitos, pode-se achar pouco contraste entre mito e história, ou lenda e realidade.¹⁴⁶

Elas podem ser divididas em três ciclos principais: a *Geste du Roi*, que gira em torno de Carlos Magno e seus cavaleiros - esse ciclo possui duas das canções mais conhecidas, a *Chanson de Roland*, que conta as aventuras de Rolando, sobrinho de Carlos Magno, e *Huon de Bordeaux*, que conta as aventuras de Huon de Bordeaux, sobrinho de Carlos Magno e primo de Rolando - a *Geste de Garin de Monglane*, que gira em torno de Guilherme d’Orange, e a *Geste de Doon de Mayence*, que trata de traidores e rebeldes contra a autoridade real.

Assim como as mitologias clássica e escandinavo-germânica, a gaélico-bretã apresenta dezenas de monstros, como dragões e gigantes; com destaque para os *Fomorianos*, raça de gigantes que habitavam o submundo irlandês, e vindos do mar enfrentavam os deuses em um embate eterno, similar ao embate dos deuses escandinavos contra os gigantes do gelo, e dos gregos contra os titãs. As fadas também possuem destaque, podemos citar a fada Viviane, que aprisiona o mago Merlin no coração do floresta de Broceliand, e Oberon, o rei das fadas, que auxilia Huon de Bordeaux na sua busca, e figura em diversas outras histórias, inclusive na peça *Sonhos De Uma Noite De Verão*, de William Shakespeare. Outra similaridade é a importância dos artefatos mágicos ou sagrados; na mitologia gaélico-irlandesa os deuses trazem quatro tesouros para Irlanda, vindos das quatro cidades mitológicas ancestrais, são elas: a *Claiomh Solais*, a espada da Luz, trazida

¹⁴⁵ *Idem*

¹⁴⁶ MORRISSEY, Robert. *Charlemagne and France, A thousand years of mythology*. Notre Dame: Editora University of Notre Dame. 2003. p. 14

da cidade Findias, cujo corte era mortal; a lança do deus Lugh, trazida de Gorias, que quando lançada contra um inimigo, sempre o acertava; o caldeirão do deus Dagda, trazido de Murias, que era capaz de satisfazer a fome de qualquer um, e trazer de volta a vida um guerreiro tombado em batalha; e a Pedra de Fál, trazida de Falias, que “tinha a qualidade mágica de soltar um grito humano quando tocada pelo legítimo rei do Erin (Irlanda)”.¹⁴⁷ No ciclo arturiano podemos encontrar uma outra versão do mesmo caldeirão, a espada na pedra, que quando retirada por Arthur o revela como verdadeiro rei, Excalibur, a espada que ele recebe da Dama do Lago e, com a cristianização da tradição, o Santo Graal, que assumiu várias formas, a mais conhecida como o cálice que Jesus Cristo teria usado na última ceia, e no qual seu sangue teria sido recolhido por José de Arimatéia, que o levou para a Inglaterra.

A tradição judaico-cristã tem como sua maior fonte o Antigo Testamento. O Gênesis descreve locais como a Torre de Babel e a colina onde aportou a Arca de Noé, bem como a divisão da Terra entre seus três filhos, que foram extensivamente representados em mapas do período medieval, e mesmo posteriores, como vimos no capítulo anterior. Também podemos encontrar inúmeras descrições de monstros temíveis: no livro de Jó temos a descrição de dois enormes monstros, o Behemoth e o Leviatã e no livro do Apocalipse encontramos uma abundância de criaturas monstruosas como a Primeira e a Segunda Besta e o Dragão.

As hagiografias também representam uma fonte importante, nelas podemos encontrar descrições dos mais variados milagres, que representam toda uma categoria do maravilhoso, que Le Goff caracteriza como *miraculosus*,¹⁴⁸ cuja origem é divina. A peregrinação, por ser efetivamente uma viagem realizada, também tem grande importância e influência. Dentre elas, podemos citar mais uma vez a peregrinação da Abadessa Egéria no século IV, considerada por Zumthor uma precursora do gênero de relato de viagens,¹⁴⁹ a *Navigatio Sancti Brendani*, a Navegação de São Brandão, cuja procura pelo paraíso terrestre o leva a diversas ilhas com as mais variadas características, e o *Conto de Amaro*, que conta a busca de Santo Amaro pelo paraíso terrestre e as diversas aventuras e intempéries que passa até achá-lo. Essa tradição continua até o século XVII

¹⁴⁷ SQUIRE, Charles. *Op. Cit.* p. 68

¹⁴⁸ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* pp. 29-30

¹⁴⁹ ZUMTHOR, Paul. *Op. Cit.* p. 287

com a *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, repleta de descrições de diversas maravilhas.

Por último temos a tradição oriental, que reúne elementos árabes e asiáticos. Essa tradição é certamente a que menos influenciou o imaginário fantástico europeu; a distância física e linguística representava uma barreira que poucas obras conseguiram sobrepor. LeGoff identifica apenas quatro que chegaram ao mundo cristão durante a Idade Média, e portanto influenciaram seu imaginário; são elas: “*As mil e uma noites*. O *Panchatantra*, coletânea indiana de contos e fábulas (século VI). A *Disciplina Clericalis* de Pedro Alphonsi (c.1100), coletânea de histórias morais árabes por um judeu espanhol convertido ao cristianismo. *Kabila e Dimna*, versão árabe da tradução persa do *Panchatantra* (século IX).”¹⁵⁰

Talvez a maior importância do Oriente esteja em duas características que assume frente ao mundo cristão europeu. Primeiro, a Ásia e o Extremo Oriente que recebem desde a antiguidade o papel de horizonte maravilhoso, lugar onde habitam monstros temíveis e se encontram tesouros fantásticos. Segundo, o mundo árabe, que recebe a partir da baixa Idade Média o papel de antagonista da cristandade; na Matéria da França Carlos Magno e seus cavaleiros batalhavam incansavelmente os invasores mouros, que eram representados de forma monstruosa.

Todas essas fontes contribuíram para a formação do imaginário maravilhoso medieval e renascentista. Muitos são os monstros, povos, maravilhas, reinos, ilhas e lugares, originários dessas tradições, descritos em livros de ciência e ficção e representados em imagens, quadros e mapas durante os períodos medieval e renascentista. LeGoff propôs um *inventário do maravilhoso medieval* em seu livro *O imaginário medieval*,¹⁵¹ aqui nos propomos a reorganizar esse inventário, buscando mostrar a origem de cada elemento maravilhoso e como ele foi descrito ou representado, seja no período medieval ou renascentista. Para isso dividimos esses elementos em dois grupos: monstros, povos e maravilhas – que abrangerá seres antropomórficos, animais naturais e fantásticos e o maravilhoso cotidiano – e reinos, ilhas e lugares – que abrangerá reinos maravilhosos, ilhas de variados tipos e utopias.

¹⁵⁰ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 58

¹⁵¹ *Ibidem* p. 55-61

- Monstros, povos e maravilhas

- *O gigante*

O gigante é um ser de enorme estatura e força e é comum entre praticamente todas as tradições culturais, com as devidas diferenças entre uma e outra; na tradição grega temos os ciclopes, seres gigantes de apenas um olho no meio da testa, derrotados por Jasão; Gerião, de quem Hércules roubou os bois como uma de suas doze tarefas; e os Titãs, que enfrentaram os deuses gregos na sua ascensão ao poder, com destaque, certamente importante para nós, para Atlas, o titã em cujos ombros repousava o mundo, e cujo nome batizou os mapas-múndi.

Na tradição germânico-escandinava os gigantes também representam um papel importante; assim como os Titãs, eles são os eternos inimigos dos deuses. Eles figuram em muitas das histórias mitológicas, desde a criação do universo até o seu fim, sempre em constante combate com Odin e os outros deuses. Entre os mais importantes podemos citar Ymir, o primeiro, e maior, gigante, morto por Odin e seus irmãos, Vili e Ve, que usaram seu corpo para formar o mundo dos homens:

[...] do seu sangue o mar e os lagos, da sua carne a terra, e de seus ossos as montanhas; de seus dentes e mandíbula e tais ossos que foram quebrados eles formaram as rochas e pedregulhos.

Da caveira de Ymir eles fizeram o domo do céu, colocando um anão em cada um dos quatro cantos para segurá-lo e levanta-lo acima da terra. Esse mundo dos homens era protegido dos gigantes por uma muralha, feita das sobrancelhas de Ymir, e era chamado Midgard.¹⁵²

Outras menções importantes são o gigante Thiazi, que sequestra a deusa Idun, a única capaz de colher as maçãs da juventude que alimentavam os deuses;¹⁵³ a gigante Angborda, com quem Loki tem três filhos: o lobo Fenrir, destinado a devorar o sol durante o Ragnarok, Jormungandr, a serpente-mundo, que cresceu a um tamanho tão grande que se enrolou ao redor da Terra até morder a própria cauda, e Hel, banida por Odin para um reino de névoa e escuridão, Nilfheim;¹⁵⁴ e Surt, o gigante de fogo que conduz as hostes contra os deuses no Ragnarok.¹⁵⁵

¹⁵² DAVIDSON, H.R. Ellis. *Op. Cit.* p. 27

¹⁵³ *Ibidem.* pp. 39-40

¹⁵⁴ *Ibidem.* pp. 31-32

¹⁵⁵ *Ibidem.* pp. 37-38

Na tradição gaélico-bretã temos os já citados Fomorianos, que enfrentavam os deuses irlandeses; e Gogmagog, o gigante líder da Cornualha, derrotado por Corineu, companheiro de Brutus da Bretanha, na *Historia regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth.¹⁵⁶

Também na tradição bíblica encontramos gigantes; o mais famoso é certamente Golias, que enfrenta o franzino Davi e é derrotado; também no Gênesis 6:4 podemos ler:

Ora, naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens, as quais lhes deram filhos; estes foram valentes, varões de renome, na antiguidade.¹⁵⁷

A imagem dos gigantes foi descrita e representada durante a Idade Média e o Renascimento em diversos meios; Jean de Mandeville descreve:

Em uma delas há gentes de enorme estatura, como gigantes, que são horrorosas à vista. Têm apenas um olho no meio da testa e não comem senão peixe e carne crus.¹⁵⁸

A literatura do Renascimento viu diversos gigantes, na Itália, nas obras *Rolando enamorado* e *Rolando furioso*, de Matteo Maria Boiardo e Ludovico Ariosto, respectivamente, Rolando enfrenta sucessivamente o gigante Ferrabrás pelo amor da bela Angélica. Na França, Rabelais escreveu as diversas aventuras e desventuras de Gargantua e seu filho Pantagrue, em uma miríade de obscenidades, a obra acabou se tornando uma referência para a sátira renascentista; e por fim, um dos mais importantes personagens na literatura de língua portuguesa, o gigante Adamastor, que atormenta Vasco da Gama e seus companheiros na travessia do cabo das Tormentas no canto cinco dos *Lusíadas*, e cuja descrição podia muito bem representar qualquer gigante:

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura

¹⁵⁶ Disponível em: <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/237135/Gogmagog> Acesso em: 27/03/2015

¹⁵⁷ BÍBLIA SAGRADA. Trad. De João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1993. p. 7 Gênesis 6:4

¹⁵⁸ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 184

Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
 Cheios de terra e crespos os cabelos,
 A boca negra, os dentes amarelos.¹⁵⁹

- Homens com particularidades físicas

São homens que possuem características físicas variadas, como um pé ou orelhas muito grandes, cabeça de um cão, ou mesmo sem cabeça, com olhos e boca no peito. Esses seres são comumente descritos habitando terras ou ilhas distantes e abundam nos relatos de viagem da baixa Idade Média. Desde a antiguidade autores descrevem seres com essas particularidades, Heródoto afirmou que na Líbia existiam homens sem cabeça ou Acefalos: “(...) pois na sua terra são achados ambos a monstruosa serpente e o leão e o elefante (...) e os homens sem cabeça com seus olhos em seus peitos (pelo menos é o que dizem os líbios sobre eles)”;¹⁶⁰ sobre esses homens, que Plínio chama de blêmios e localiza na Etiópia, ele diz: “Os blêmios, como dizem, não tem cabeças, mas sua boca e olhos fixados em seu peito”;¹⁶¹ Santo Isidoro é quem mais discorre sobre esses seres, que ele classifica de portentos, e sobre eles afirma:

Varro disse que portentos são as coisas que parecem nascer contrários à lei da natureza. Na realidade, não são contrários à natureza, posto que foram criados pela vontade divina, e a vontade do Criador é a natureza de todo o que foi criado. (...) Em consequência, o portento não se realiza contrário à natureza, e sim contrário à natureza conhecida.¹⁶²

O santo discorre sobre os blêmios, mas como Heródoto os coloca na Líbia:

Se crê que na Líbia nascem os *blêmios*, que apresentam um tronco sem cabeça e que tem no peito a boca e os olhos. Existem outros que, sem pescoço, tem os olhos no ombro.¹⁶³

Ele também descreve as “faces monstruosas nas nações do extremo oriente”:

(...) umas não tem narizes, apresentando a superfície da cara completamente plana e sem rasgos; outras ostentam um lábio inferior tão proeminente que, quando estão dormindo, cobre todo o rosto com ele para se preservar do calor do sol; outras tem a boca tão pequena, que

¹⁵⁹ CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural. 1979. p. 197

¹⁶⁰ HERÓDOTO. *The history of Herodotus*. Londres: Macmillan and Co. 1890. v. 1 p. 367

¹⁶¹ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v.2 p. 58

¹⁶² ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Madrid: Editorial Católica. 1994. v. 2 pp. 46-47

¹⁶³ *Ibidem*. p. 51

só podem ingerir comida por uma pequena abertura usando palha oca. Dizem que existem alguns que não tem línguas e utilizam para se comunicar apenas acenos e gestos. 19. Contam que na Cítia vivem os Panotianos, que tem orelhas tão grandes que elas cobrem todo o seu corpo.¹⁶⁴

Na seguinte passagem das *Viagens*, que lembra as descrições de Santo Isidoro, Mandeville disserta sobre 54 ilhas, cada uma com “gentes de diversas condições”:

Em uma delas há gentes de enorme estatura como gigantes, que são horrorosas à vista. (...) Em outra ilha, a sul, vivem também pessoas de feia constituição e má índole. Não tem cabeça, possuem os olhos nos ombros e a boca curvada como a ferradura de um cavalo, situada no meio do peito. Em outra ilha, há também gentes sem cabeça, com os olhos e a boca na parte de trás dos ombros. Na terceira, há gentes de cara completamente plana e igualada, sem nariz e sem olhos, somente com dois pequenos furos redondos no lugar dos olhos e uma boca completamente plana, como uma fenda sem lábios. Numa quarta ilha, há gentes de horrorosa configuração física, com o lábio superior tão enorme que, quando estão dormindo ao sol, cobrem toda a face com esse lábio. Numa quinta, há gentes de uma estatura tão pequena como a dos anões, contudo são maiores que os pigmeus e tem um pequeno orifício redondo no lugar da boca, por isso, quando comem ou bebem, fazem-no através de um cano ou coisa parecida. E como não tem língua, não falam, apenas produzem um tipo de assobio e fazem sinais entre si, como os monges. Assim, entende um o que o outro quer dizer.

Numa sexta ilha há gentes com grandes orelhas, que chegam até os joelhos. Numa sétima, há gentes com pés de cavalos. São tão fortes, potentes e velozes que pegam animais selvagens quando correm e os comem. Numa oitava, há gentes que andam sobre as mãos e os pés como animais, e são peludas e trepam rapidamente nas árvores, como os símios. Numa nona, há gentes que são ao mesmo tempo homem e mulher, contando com a natureza de um e de outro. Tem um só seio em um dos lados e nenhum do outro, e tem membros de procriação de homem e de mulher, podendo fazer uso de um ou outro à vontade: uma vez um, outra vez outro. Quando usam o membro viril, engendram filhos, quando usam o feminino, dão luz a filhos. Há ainda, outra ilha onde se encontram gentes que, maravilhosamente, caminham sempre de joelhos e a cada passo que dão parece que vão cair. Tem em cada pé oito dedos. Outros muitos tipos de gentes existem em outras ilhas dos arredores, sobre as quais haveria muito a dizer, mas a matéria seria muito longa, assim, passarei por elas abreviadamente.¹⁶⁵

Talvez a obra que tenha mais representado esses seres tenha sido a *Crônica de Nuremberg*. Publicada em 1493 e escrita por Hartmann Schedel, a *Crônica* se propõe a contar uma história da humanidade, como relatada na Bíblia, e inclui diversas imagens e

¹⁶⁴ *Idem*.

¹⁶⁵ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. pp. 184-185

mapas, de cidades e um do mundo, usando a projeção ptolomaica. O livro foi um dos primeiros a publicar imagens e mapas através do uso da prensa, apresentando uma vasta gama de representações de pessoas, mártires, santos, reis e pessoas estranhas dos mais variados tipos; aqui apresentamos algumas imagens, retiradas do website da Universidade Beloit, que possui uma versão digitalizada da *Crônica*:

Blêmio



Homem de lábio imenso



Homem de pé imenso



Homem de orelhas imensas



Homem sem nariz



Andrógino



Todas as imagens disponíveis em: <http://www.beloit.edu/nuremberg/index.htm>

Também no *Libro del conocimiento* os blêmios e os homens com pés imensos, são representados:

Blêmios



Homem de pé imenso



- *Animais fantásticos*

A fauna maravilhosa é abundante em todas as tradições culturais; da fênix grega ao bíblico leviatã, esses animais exerceram grande influência no imaginário medieval e renascentista, figurando em inúmeros bestiários medievais e sendo amplamente representados na heráldica. Devido a sua enormidade de números decidimos falar de quatro criaturas principais, a Fênix, o Grifo, o Dragão e a Serpente marinha, e comentar brevemente outras criaturas que se assemelham a elas.

A fênix:

A fênix é certamente a mais fascinante das aves fantásticas, Heródoto sobre ela escreveu:

“Também existe uma outra ave sagrada chamada fênix que eu não vi por mim mesmo exceto em pinturas, pois na verdade ela vem a eles muito raramente, em intervalos, como as pessoas de Heliópolis dizem, de quinhentos anos; (...) algumas de suas penas são de cor dourada e outras vermelhas, e de um forma e tamanho ela é o mais próximo possível como uma águia.”¹⁶⁶

Plínio e Santo Isidoro a descrevem de forma similar, e os três autores discorrem sobre como a ave, com sua vida extremamente longeva, renasce das suas cinzas. Sobre isso Plínio diz:

“[...] na Arábia ele é sagrado ao Sol; ele vive 660 anos; e quando ele fica velho, ele constrói um ninho com ramos de árvores Cássia e Olíbano; e quando ele o enche com especiarias ele morre dentro do ninho. Ele disse também que de seus ossos respirou pela primeira vez, como se fosse, uma pequena minhoca, da qual procede uma jovem ave; e a primeira coisa que a jovem faz é fazer os ritos funerais para a fênix anterior, e então carregar todo o ninho para a Cidade do Sol, perto de Panchea, e repousa-lo sobre o altar.”¹⁶⁷

As cinzas são assim metafóricas, da velha ave nasce uma nova ave. Santo Isidoro no entanto a descreve da seguinte forma:

A fênix é uma ave da Arábia, assim chamada porque possui uma cor escarlate; ou talvez porque é a ave mais singular e única de todas que existem no mundo. Os árabes, para o singular, dizem *fênix*. Vive mais de quinhentos anos, e quando ela vê que já ficou velha, forma uma pira com gravetos que foi reunindo de plantas aromáticas, se coloca em cima, e, virada para os raios do Sol, provoca um incêndio com o

¹⁶⁶ HERÓDOTO. *Op. Cit.* v. 1 p. 148

¹⁶⁷ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 p. 188

movimento de suas asas, e volta de novo a ressurgir de suas próprias cinzas.¹⁶⁸

Assim para o santo, as cinzas são literais, a ave cria para si mesma um fogo do qual ressurge jovem. A imagem da fênix foi muito representada e usada na literatura para se referir a um renascimento ou recomeço. Para Leonardo Da Vinci ela se assemelha a constância:

“À constância se associa a fênix, a qual prevendo por instinto a sua renovação, é constante a suportar as ardentes chamas que a consomem, e depois de novo renasce.”¹⁶⁹

Fênix, Crônica de Nuremberg



Disponível em:
<http://www.beloit.edu/nuremberg/index.htm>

Fênix, Mapa Borgia, detalhe



Disponível em: <https://www.vatlib.it>

O ciclo de vida da ave, que dura quinhentos anos ou mais, e termina inevitavelmente em Heliópolis, a Cidade do Sol, como disse Plínio; esse ciclo foi usado, segundo Mandeville, pelos sacerdotes do templo dessa cidade para marcar a passagem dos anos e datar as suas escrituras. Ele no entanto faz uma descrição um pouco diferente, aparentemente juntando elementos descritos pelos autores com sua própria concepção: para ele são os sacerdotes que preparam o fogo e não a ave, excluindo assim o ritos funerais descritos por Plínio. Ele também afirma que a ave pode ser vista frequentemente, diferente de Heródoto que a descreve como raramente vista:

Os sacerdotes desse templo datam suas escrituras a partir de uma ave chamada Fênix, única em todo o mundo. Ela vem se imolar no fogo do altar do templo a cada 500 anos, pois este é o tempo que vive. Os sacerdotes preparam o altar, põe em cima especiarias, enxofre vivo e outras substancias que rapidamente se inflamam. Quando chega a ave,

¹⁶⁸ ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 108-111

¹⁶⁹ DA VINCI, Leonardo. *Bestiário, fábulas e outros escritos*. Porto: Assírio e Alvim. 2005. p. 20

ela arde no fogo até ficar reduzida a cinzas. No dia seguinte, aparece entre as cinzas um verme. No segundo dia, surge o pássaro inteiramente perfeito. No terceiro dia, ele sai voando. Não há no mundo outra ave dessa espécie. (...) Frequentemente pode-se ver voar essa ave naquelas partes, não sendo maior que uma águia e tendo na cabeça uma crista maior que a de um pavão.¹⁷⁰

O grifo e outros Mischwesen:

O grifo possui a cabeça e asas de uma águia e o corpo de um leão. Essa constituição o coloca em um grupo de animais fantásticos que podemos chamar de *Mischwesen*; essa palavra, de origem alemã, significa literalmente mistura e abarca todo o tipo de animais fantásticos que possuem características híbridas.¹⁷¹ Além do grifo, podemos citar o hipogrifo, resultado do cruzamento do grifo com uma égua, sendo assim metade águia e metade cavalo; a quimera, monstro grego de três cabeças, sendo uma de leão, uma de bode e uma de dragão e tendo por cauda uma serpente; a mantícora, de origem persa, que possui o corpo de um leão e a cabeça como a de um homem, com três linhas de dentes afiados, além de uma cauda com ferrões venenosos; a cocatrice, de origem grega, mas cuja descrição se firmou somente na Idade Média como um corpo de réptil alado com cabeça e pés de galo e uma cauda de cobra e capaz de matar com apenas um olhar; o Pégaso, que se constitui de um cavalo alado; o hipocampo, também grego, metade cavalo e metade peixe; o monoceros, descrito por Plínio tendo “o corpo como um cavalo, a cabeça de um cervo, as patas de um elefante e a cauda de um javali. O som que faz é grave, e possui um chifre negro no meio da testa”;¹⁷² o unicórnio, um cavalo com um chifre espiral na testa, cuja imagem era associada a pureza e frequentemente representada em tapeçarias medievais junto a donzelas, para Da Vinci era associado com a intemperança, “(...) o unicórnio, por intemperança (...), pelo gosto que tem pelas donzelas, (...) pondo de parte todas as suspeitas aproxima-se da donzela sentada e adormece no colo dela; e os caçadores desse modo o apanham”;¹⁷³ enfim, são muitos os *mischwesen* que povoam a mitologia clássica e o imaginário maravilhoso que dela bebe.

¹⁷⁰ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. p. 71

¹⁷¹ Aqui listamos apenas os *mischwesen* que possuem características animais. Os híbridos com características humanas, como cinocéfalos, sereias e melusinas, serão tratados a frente.

¹⁷²

¹⁷³ DA VINCI, Leonardo. *Op. Cit.* p. 21

O grifo talvez seja, de todos esses, o mais descrito em documentos; ele é citado por Heródoto muito rapidamente quando esse descreve a região dos issedones, citando o poema de Aristeas:

Aristeas, contudo, o filho de Caÿstrobos, um homem do Proconeso, disse nos versos que compôs, que ele veio a terra dos issedones possuído por Apolo, e que além dos issedones moravam os arimaspos, uma raça de um olho só, e além desses os grifos guardadores de ouro¹⁷⁴

Plínio, o Velho os descreve com “longas orelhas e um bico em formato de gancho”¹⁷⁵ e que os arimaspos “estão em constante guerra pelas minas com os grifos, um tipo de besta selvagem voadora, que costumavam buscar o ouro dos veios dessas minas”.¹⁷⁶ Santo Isidoro os descreve com mais detalhe:

Chama-se *grifo* um animal dotado de asas e de quatro patas. Tal classe de fera habita os montes hiperbóreos. Seu corpo é, em seu conjunto, o de um leão; por suas asas e sua cabeça se assemelham as águias. São terrivelmente perigosos para cavalos. Do mesmo modo despedaçam aos homens que encontram.¹⁷⁷

São Brandão e seus companheiros foram atacados por um grifo enquanto navegavam: “Se aproximando, baixando o voo do céu, pairando sobre suas cabeças. Um grifo jogando chamas, com as garras para fora, prontas para leva-los como presa; flamejante tinha a garganta e muito afiadas as patas”.¹⁷⁸

Mandeville também descreve os lendários animais no capítulo 29 das *Viagens*, quando discorre sobre os países além da Terra Santa:

Nesse país, também há muitos mais *griffounes* que em nenhum outro. Alguns dizem que a parte superior de seu corpo é como a da águia, e a parte inferior, como a de um leão, e insistem que sabem que são dessa forma. O corpo do grifo, contudo, é maior e mais forte que oito leões desta parte de cá, e maior e mais forte que 100 águias das nossas, pois um grifo pode levar voando a seu ninho um grande cavalo, se o encontrar de pronto, ou dois bois unidos, tal como são levados no arado. Isso porque as garras de suas patas são tão grandes e compridas como os cornos dos bois ou das vacas, e delas são feitas concas para bebida.

¹⁷⁴ HERÓDOTO. *Op. Cit.* v. 1 p. 297

¹⁷⁵ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 p. 237

¹⁷⁶ *Ibidem.* p. 179

¹⁷⁷ ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 72-73

¹⁷⁸ BENEDEIT. *El Viaje de San Brandan.* 5. ed. Madrid: Ediciones Siruela, 1995. p. 37

Suas costelas e as plumas de suas asas servem para fazer arcos muito resistentes para caçadas.¹⁷⁹

O grifo foi frequentemente representado em mapas, como no de Ebstorf, onde podemos encontra-lo no canto superior esquerdo, e em outros documentos, como tapeçarias e livros como o Saltério de Alfonso, de 1284:

Grifo, Mapa de Ebstorf, detalhe



Grifo, Saltério de Alfonso, detalhe



Disponível em: <http://www.bl.uk>

O dragão e a serpente:

O dragão é provavelmente o animal fantástico mais descrito e representado da Idade Média, presente em diversas tradições culturais, o dragão possui diferentes representações, com características de serpente ou lagarto, sempre de tamanho imenso.

No Oriente, o dragão é comumente representado como uma enorme serpente com quatro pernas e é tido como uma criatura semidivina, de grande sabedoria e força e na maior parte das vezes benéfica. Na Europa, por outro lado, a imagem que prevalece é a de um enorme lagarto alado, de duas ou quatro pernas, muitas vezes capaz de cuspir fogo ou veneno. Esse dragão é normalmente representado como o antagonista de grandes heróis, caótico e maléfico, e é abundante não só na Europa como no Oriente Médio.

Muitas são as histórias que envolvem um herói matando um dragão, esse tema pode ser traçado até a mitologia babilônica em embates entre os deuses Marduk e Tiamat, comumente representada como uma criatura parecida com um dragão. Na Grécia o maior exemplo é provavelmente o embate entre Hércules e a Hidra de Lerna, que mesmo não sendo um dragão propriamente dito, possui certas características similares, como traços reptilianos. Nas tradições germânico-escandinava e gaélico-bretã abundam heróis matadores de dragões: Sigurd, ou Siegfried, e o dragão Fafnir, cujo sangue torna o herói, ao nele banhar-se, invulnerável; Beowulf, que enfrenta o enorme dragão enfurecido pelo

¹⁷⁹ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. p. 228

roubo do seu tesouro (outra característica comum ao ‘dragão europeu’ é a ganancia); no ciclo arturiano figuram diversos embates entre os cavaleiros do rei e dragões, Tristão, Galahad, Percival, Lancelot e o próprio Arthur provam seu valor derrotando os temíveis monstros. Outro famoso matador de dragão é São Jorge, cuja representação foi reproduzida largamente durante a Idade Média e o Renascimento em moedas, brasões e pinturas. Ou ainda mesmo o bispo parisiense do século V São Marcelo, que derrota uma serpente-dragão que aterrorizava a cidade, transformando-se num santo de culto bastante popular na capital francesa.¹⁸⁰ Na tradição bíblica o dragão aparece no Livro do Apocalipse, como a manifestação do Diabo, de forma que assume um aspecto negativo, de encarnação do mal, se tornando por consequência um inimigo dos heróis da cristandade.

Plínio, o Velho e Santo Isidoro descreveram o dragão como uma enorme serpente, cujo grande inimigo era o elefante:

Elefantes são criados na parte da África que fica além dos Desertos de Syrtes (...); mas a Índia produz os maiores; como também dragões, que estão em continua luta com eles; e esses são de tamanha grandeza, que podem facilmente se enrolar no elefante e o amarrar com um nó.”¹⁸¹

O dragão é a maior de todas as serpentes, e também de todos os animais que habitam a terra. Os gregos lhe dão o nome de *drákon*, derivado do latino *draco*. Com frequência, saindo de sua caverna, se levanta aos ares e por sua causa se produzem ciclones. Está dotado de uma crista, tem a boca pequena, e uns estreitos dutos pelos quais respira e tira a língua. (...) é inofensivo quanto a veneno, posto que não tem necessidade deste para provocar a morte: mata sempre asfixiando sua vítima. Nem sequer o elefante, apesar de sua magnitude, está a salvo do dragão (...) se criam na Etiópia e na Índia, vivendo no calor no meio do incêndio que provocam nas montanhas.¹⁸²

Da Vinci descreve o embate entre o dragão e o elefante da seguinte forma:

“O dragão atira-se sobre seu corpo, com a cauda amarra-lhe as pernas e com as asas e garras aperta-lhe as costas e com os dentes degola-o, e o elefante cai-lhe em cima e o dragão morre: e assim com a morte do inimigo se vinga.”¹⁸³

Mandeville por sua vez conta como a filha de Hipócrates, transmutada em dragão habitava a ilha de Lango:

¹⁸⁰ LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980. Pp. 222-223

¹⁸¹ PLINIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 p. 16

¹⁸² ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 80-81

¹⁸³ DA VINCI, Leonardo. *Op. Cit.* p. 29

Há quem diga ainda que, na ilha de Lango, habita ainda a filha de Hipócrates, com a forma e a aparência de um dragão de 100 braças de comprimento (...). Os homens da ilha chaman-na de senhora do país. Ela habita uma cova de um antigo castelo e se mostra duas ou três vezes ao ano e não faz mal a ninguém, se ninguém o fizer a ela. De uma formosa donzela que era, foi transformada em dragão por obra de uma deusa chamada Diana. E dizem que ela retornará ao seu estado de donzela, quando um cavaleiro, suficientemente ousado, atrever-se beijá-la na boca.¹⁸⁴

Quando São Brandão e seus companheiros são atacados por um grifo, um dragão desce dos céus ao seu resgate e combate a outra fera em uma feroz batalha:

Enquanto assim os perseguia pelo mar, chegou um dragão, queimando com vivas labaredas. Esvoaçando, erguido o pescoço, alçando voo em direção ao grifo. Acima no ar rompe a batalha. Relampeja o fogo que faziam ambos os monstros. Golpes, queimaduras, empurrões, mordidas ferozes, isso é feito ante os olhos espantados dos peregrinos. Alto é o grifo, magro o dragão; musculoso é aquele, este mais vigoroso. Finalmente, o grifo cai ao mar: morto jaz e vingados quem foram seus inimigos.¹⁸⁵

Na cartografia, dragões figuram em diversos mapas, como o de Ebstorf, o Mapa Borgia, o Mapa Mundo do Saltério e a Carta Marina da Escandinávia, de Olaus Magnus:

Dragão, Mapa de Ebstorf, detalhe



Dragão, Mapa Borgia, detalhe



Disponível em: <https://www.vatlib.it>

¹⁸⁴ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* pp. 52-53

¹⁸⁵ BENEDEIT. *Op. Cit.* pp. 37-38

Dragão, Mapa-múndi do Saltério, detalhe



Disponível em: <http://www.bl.uk>

Dragão, Carta Marina, detalhe



Disponível em:
<https://www.lib.umn.edu/bell>

Além da representação pictórica, era muito comum que os cartógrafos escrevessem a frase **HIC SVNT DRACONES** (aqui estão dragões) sobre regiões inexploradas ou desconhecidas, dando assim o sentido de perigo aquele lugar.

Nos mares esse sentido ficava a cargo dos inúmeros monstros marinhos que povoavam os mapas renascentistas, baleias, licórnios do mar, lulas gigantes e serpentes marinhas. As semelhanças entre a última e o dragão são bem claras, principalmente se tomarmos as descrições de Plínio e Santo Isidoro, que descreviam como o dragão se enrolava em sua presa, e imagens que representam serpentes marinhas se enrolando em navios, como a que podemos ver na Carta Marina:

Serpente marinha, Carta marina, detalhe



Disponível em: <https://www.lib.umn.edu/bell>

Assim como o dragão, a serpente possuía uma associação com o mal, associação que pode ser traçada a mais de uma tradição: na tradição cristã, o Diabo adentra o Éden disfarçado como uma serpente para corromper Adão e Eva; São Patrício, o padroeiro da Irlanda, e figura importante no encontro das suas tradições pagãs e cristãs, tornou-se santo ao

expulsar as serpentes da ilha esmeralda; São Brandão e seus companheiros testemunham um embate violento entre duas serpentes marinhas que “com as cabeças muito erguidas, as duas bestas se jogam para frente para a justa. Fogo lhes sai pelos narizes e vai voando até as nuvens”;¹⁸⁶ na tradição escandinava Jörmungandr, a serpente-mundo, filha do deus da trapaça, é a grande antagonista do deus Thor, um dos deuses mais venerados entre os povos nórdicos, e era famosa por se enrolar nos barcos e arrasta-los para a escuridão das profundezas. A imagem da serpente-mundo, juntamente com o Leviatã bíblico, talvez seja a maior influência para a imagem da serpente marinha representada nesses mapas.

Outra serpente que também merece destaque é o basilisco. Tido o como o rei das serpentes, o basilisco é frequentemente representado como uma serpente com uma coroa ou diadema na cabeça, ou as vezes como uma serpente com cabeça de galo, muitas vezes assemelhando-o a cocatrice. O basilisco também era capaz de matar apenas com o olhar e seu veneno era tão poderoso que deixava um rastro de destruição. Plínio escreveu:

(...) todos que olharem nos seus olhos imediatamente morrem. A mesma propriedade possui a serpente chamada Basilisco, que é produzida na província de Cyrene, e não é maior do que doze dedos de comprimento; com um ponto branco na cabeça, como se distinguida por um diadema; com seu sibilo ele espanta outras serpentes; ele se move não com seu corpo no chão, com uma sucessão de dobras como outras serpentes, mas ele vai com metade de seu corpo ereto e fora do chão; ele mata todos os arbustos não só que ele toca, mas nos quais ele respira; ele queima ervas, e quebra as rochas; (...) um deles, sendo morto por um homem a cavalo, o veneno era tão forte que passou pelo bastão, e destruiu ambos homem e cavalo.¹⁸⁷

- Seres meio homens e meio animais

Seres que agregam características humanas e animais são abundantes na mitologia clássica. Temos o Minotauro, meio homem, meio touro; o Centauro, meio homem, meio cavalo; o Sátiro, meio homem, meio bode; a Sereia, meio mulher, meio ave, ou meio mulher, meio peixe; a Melusina, meio mulher, meio serpente ou peixe; o Lobisomem, meio homem, meio lobo, e ainda que LeGoff nos lembre que ele é uma metamorfose, ainda é uma combinação de homem e animal; também o Cinocéfalo, o homem com cabeça de cachorro abundou em diversas obras. Falemos especialmente de dois, cuja

¹⁸⁶ *Ibidem*. p. 35

¹⁸⁷ PLINIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 3 pp. 40-42

crença e representação continuam durante a Idade Média e o Renascimento: a Sereia e o Cinocéfalos:

Sereia:

A sereia possui elementos de diversas tradições, e duas origens principais cujas características se mesclaram com o passar dos séculos; a língua portuguesa não faz distinção entre essas duas origens, mas a língua inglesa faz: o que nós chamamos de sereia pode se referir a duas criaturas distintas, *siren*, palavra que deriva diretamente do grego, e *mermaid*, cuja origem linguística é anglo-saxã, *mer*, mar, e *maid*, moça, ou jovem mulher. A primeira delas, cuja origem é grega, descreve seres que tem o corpo de uma mulher e pés e asas de pássaro, semelhantes as harpias, que habitavam rochedos nos mares e atraíam marinheiros cantando com suas vozes de beleza hipnotizadora para fazer-los bater os navios e afundar. Essa sereia figura como um dos muitos obstáculos superados por Ulisses na sua Odisseia, que tampa os ouvidos de seus marinheiros com cera e se amarra ao mastro do navio, para que pudesse ouvir ao canto sem comprometer a embarcação ou a própria vida. A segunda, que descreve um ser aquático, com a aparência de uma linda mulher da cintura para cima e de um peixe da cintura para baixo, possui uma origem mais nebulosa; talvez a referência mais antiga seja a história da deusa assíria Atargatis, que depois de acidentalmente matar seu amante humano, pulou em um lago e tomou a forma de um peixe, as águas, no entanto, não foram capazes de esconder sua beleza divina, revelando-a com aparência humana da cintura para cima. Essa e tantas outras histórias, no mundo antigo e medieval contribuíram para que essa imagem se propagasse; com o passar do tempo a sereia mulher-peixe acabou assumindo características, como o canto que atrai marinheiros para a morte, da sereia mulher-ave, que Plínio já havia dito ser inexistente:

“Também as sereias não obtém fé, ainda que Dinon, o pai de Clearco, o celebrado escritor, afirma que elas existem na Índia: e que com o seu canto elas irão ninar pessoas a um sono profundo, e então fazê-las em pedaços.”¹⁸⁸

Da Vinci associou as sereias a lisonjas ou adulações e sobre elas escreveu: “A sereia tão docemente canta que adormece os marinheiros, e sobe aos navios e mata os adormecidos marinheiros.”¹⁸⁹

¹⁸⁸ *Ibidem*. v. 3 p. 237

¹⁸⁹ DA VINCI, Leonardo. *Op. Cit.* p. 18

Cinocéfalo:

O cinocéfalo, um homem com cabeça de cachorro, é uma imagem que é descrita desde a antiguidade. Na mitologia egípcia, cuja grande maioria dos deuses é antropozoomórfico, podemos encontrar deuses como Anubis, que é representado com um corpo humano e a cabeça de um chacal, e Hapi, o filho de Hórus, que tem a cabeça de um cão. Heródoto os localiza na Líbia¹⁹⁰ e Isidoro afirma: “Os *cinocéfalos* devem seu nome por ter a cabeça de uma cão; seus mesmos latidos revelam que se tratam mais de bestas que de homens. Nascem na Índia”.¹⁹¹ Na *Crônica de Nuremberg* e no *Libro del Conosçimiento*, os cinocéfalos são assim representados e descritos:

Cinocéfalo, Crônica de Nuremberg



Disponível em:
<http://www.beloit.edu/nuremberg/index.htm>

Cinocéfalo, Libro del Conosçimiento



“(…) e em alguns lugares habitam gentes e são homens vis que comem a carne e os pescados crus; e tem os rostos longos como cães, mas são brancos, e fazem todas as coisas que vem fazer com os olhos e chamam-se cinocéfalos”.¹⁹²

Marco Polo também os descreve quando fala sobre a ilha de Agama:

São como bestas selvagens; e todos os da ilha tem cabeça de cão, dentes e olhos semelhantes a grandes mastins. É uma gente má, que come todos os homens que consegue pegar, entre os daquelas terras em fora. Seus víveres são leite e arroz; comem carne de toda espécie; tem frutos diferentes dos nossos.¹⁹³

¹⁹⁰ HERÓDOTO. *Op. Cit.* v. 1 p. 367

¹⁹¹ ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 50-51

¹⁹² LACARRA, María Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). *Op. Cit.* p. 175

¹⁹³ POLO, Marco. *Op. Cit.* p. 146

- *Árvores com frutos maravilhosos*

Árvores com frutos maravilhosos são abundantes nas mais variadas tradições culturais. Na mitologia clássica o Jardim das Hespérides abriga as maçãs douradas que Hércules tem que colher como um de seus doze trabalhos. Na mitologia escandinava as maçãs douradas colhidas pela deusa Idun garantiam aos deuses sua imortalidade. Na tradição judaico-cristã podemos citar a Árvore do Fruto Proibido que causa a queda de Adão e Eva do Paraíso. Sendo assim, não é estranho que árvores e frutos maravilhosos abundem durante a Idade Média; Jean de Mandeville descreve algumas muito interessantes:

E a pouca distância de Hebron se acha o monte de Mambré, do qual o vale toma o nome. Há ali um carvalho, o qual os sarracenos chamam de *dirpe*, que é da época de Abraão. Essa é a árvore conhecida como a Árvore Seca, e dizem que está ali desde o começo do mundo e que em outro tempo era verde e tinha folhas, até que Nosso Senhor morreu na cruz. Então, ela secou e o mesmo ocorreu a todas as árvores que havia no mundo. (...) E ainda que a planta esteja seca, continua tendo grandes virtudes, pois quem leva um pedaço dela livrar-se-á de fraquejar e seu cavalo não soçobrará.¹⁹⁴

Há três classes de pimenta que crescem na mesma árvore: apimenta comprida, a pimenta negra e a pimenta branca. (...) A pimenta longa aparece quando a folha começa a brotar e se assemelha aos amentos da avelã (...) Logo que a pimenta longa aparece com as folhas, surge a negra, em pencas, como uvas verdes. Depois de apanhada esta última, sai a branca, que é menos abundante que a negra. Dessa espécie levam poucas a outros países, pois os nativos guardam-na para seu uso, já que é melhor e menos forte que a negra e não dá em abundância.¹⁹⁵

Nessa terra, crescem árvores que dão uma farinha com a qual se faz um bom pão, branco e de sabor agradável, parece-se com o pão do trigo, porém tem um sabor distinto. Há outras árvores que dão mel bom e doce, outras que dão vinho e outras que dão veneno, contra o qual só existe um antídoto, que consiste em colher suas próprias folhas, dissolvê-las na água e depois beber. (...) Se quereis saber como sai a farinha das árvores, contar-vos-ei. Fazem-se cortes ao redor do tronco da árvore até que a cortiça fique perfurada por várias partes; logo por essas ranhuras sai um líquido espesso que é recolhido em recipientes e posto a secar ao sol. Depois, é moído em um moinho e convertido em farinha fina e branca. O mel, o vinho e o veneno são obtidos das outras árvores da mesma maneira e depois se guardam em recipientes.¹⁹⁶

Assim, ao passar pela terra de Catai em direção à Alta Índia e *Bacharie*, atravessa-se um reino chamado *Caldilhe*, que é um país muito belo e grande. Nele cresce uma espécie de fruto parecido com as cabaças, no qual, quando maduro e partido ao meio, é encontrado um pequeno animal de carne, osso e sangue, parecido com um cordeiro de lã. Tanto o fruto quanto o animal são comidos. É uma grande maravilha! No

¹⁹⁴ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* p. 86

¹⁹⁵ *Ibidem.* p. 161

¹⁹⁶ *Ibidem.* p. 176

entanto, disse-lhes que não me surpreendia, pois em nosso país havia uma maravilha de igual dimensão, a dos barnacles. Expliquei que tínhamos umas árvores que davam frutos dos quais saiam aves voadoras, boas para comer.¹⁹⁷

- *O maravilhoso cotidiano*

Essa categoria agrupa elementos maravilhosos que não faziam parte do horizonte exótico medieval e renascentista, ou seja, não se encontravam no Oriente, na África ou na América, mas na Europa, eram próximos e faziam parte do dia a dia de algumas populações. Um bom exemplo é o folclore derivado da tradição gaélico-bretã, muito forte nas ilhas britânicas e na França, que apresenta dezenas de seres mágicos como fadas, duendes, gnomos e trolls dos mais variados tipos, benéficos e maléficos, que afetavam a vida da população, dando boa ou má sorte, representando maus agouros, ou como uma ameaça a segurança dos infantes.

Le Goff apresentou outro excelente exemplo no livro *O imaginário medieval*. Lá, no segundo capítulo da primeira parte, ele faz uma coletânea etnográfica no Delfinado no início do século XIII. Essa coletânea é baseada na obra *Otia Imperialis*, escrita por Gervásio de Tilbury (a quem é atribuído também o mapa de Ebstorf), no começo do século XIII para os “lazer do imperador Otão IV de Brauschweig, o vencido de Bouvines”.¹⁹⁸ A obra reúne um *corpus* de *mirabilia* que se podia encontrar na província do Delfinado e no restante do reino de Arles. As do Delfinado são:

- I. *A torre que repele as sentinelas*
- II. *O penedo que pode fazer mover com um dedo mas não com o corpo inteiro*
- III. *O vento que S. Cesário fechou dentro da luva*
- IV. *O poço de Cerseules*
- V. *A penha que chamam Agulha*
- VI. *A dama do castelo Espervel*
- VII. *O vale de Lentusculo*
- VIII. *A água que cura os que tem bôcio*

¹⁹⁷ *Ibidem*. p. 225

¹⁹⁸ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.* p. 68

E os *mirabilia* no restante do reino de Arles:

- I. *As ervas do Egito*
- II. *As águas do mar que se coalham em sal*
- III. *As janelas em que aparecem damas (fadas)*
- IV. *A água que nunca ferve*
- V. *Sagacidade dos animais*
- VI. *O mosteiro de Lérins*
- VII. *Lâmias, dracs e fantasmas*
- VIII. *As lârias e os espectros noturnos*
- IX. *O cemitério dos Aliscamps*
- X. *A noz que dá seis ou sete caroços*
- XI. *A árvore das vagens*
- XII. *O ovo de corvo que foi chocado por uma cegonha*
- XIII. *O morto que matou a própria viúva*
- XIV. *O pau que apodreceu*
- XV. *Os cachos de Rochemaure*
- XVI. *O morto que apareceu a uma jovem e lhe fez revelações de espantar*
- XVII. *Os lobisomens*
- XVIII. *A nascente que se extingue subitamente e que depois volta a brotar*

Não vemos a necessidade de discorrer sobre todos esses *mirabilia*, visto que Le Goff já o fez,¹⁹⁹ no entanto alguns merecem destaque especial, no Delfinado:

O vento que São Cesário fechou na luva

Tilbury conta a história da cidade de Nyons, situada em um vale rodeado de colinas e montes por todos os lados, aonde nenhum vento chegava, e cujo solo sempre fora estéril e nunca capaz de produzir nada para o proveito humano. Sabendo dessa infecundidade, Cesário, o arcebispo de Arles, foi na beira do mar que banhava sua cidade e encheu uma luva com o vento marítimo. Dirigiu-se então ao vale estéril e lançou o vento fechado na luva contra um rochedo, ordenando que fizesse entrar um vento perpétuo no vale; assim, por um buraco que se fez no rochedo, começou a soprar um vento, que o povo local

¹⁹⁹ *Ibidem*. pp. 74-80

chamava de marinho. Esse vento passou a correr então até o fundo do vale e levava até lá uma fecundidade nunca antes vista.²⁰⁰

A água que cura os que tem bócio

Na província de Embrum, que ficava no reino de Arles, existia uma fonte cuja água curava do bócio aqueles que dela bebiam ou nela se lavavam.²⁰¹

E no restante de Arles:

As janelas em que aparecem damas (fadas)

Na província de Aix, existia um grande rochedo cheio de buracos, aonde apareciam mulheres de grande beleza, que desapareciam quando alguém se aproximava.²⁰²

O mosteiro de Leríns

Tilbury conta que na ilha de Leríns não existiam serpentes, pois eram afastadas pela santidade dos monges ou pela constituição do solo.²⁰³

Lâmias, dracs e fantasmas

O autor discorre sobre as lâmias, mulheres que entravam nas casas para roubar as crianças dos seus berços, e sobre os *dracs*, seres que viviam em cavernas nos leitos dos rios e atraíam mulheres e crianças tomando a forma de anéis de ouro. Esses *dracs* também era capazes de tomar a forma de homens, indo passear nas praças das cidades. Tilbury também viu uma mulher que dessa forma foi arrastada para Ródano para amamentar o filho de um *drac*. Conta ainda que no debaixo do castelo de Tarascon esses *dracs* eram vistos e ouvidos, falando, em forma de fantasmas, em noites de luar.²⁰⁴

A árvore das vagens

Nos arredores de Marselha, conta o autor, existe uma árvore que dá vagens como favas, mas que são cheias de pedras.²⁰⁵

²⁰⁰ *Ibidem.* p. 75

²⁰¹ *Ibidem.* p. 77

²⁰² *Ibidem.* pp. 77-78

²⁰³ *Ibidem.* p. 78

²⁰⁴ *Idem*

²⁰⁵ *Ibidem.* p. 79

O morto que matou a própria viúva

O autor conta a história de Guillaume de Moustiers, um fidalgo que fez jurar sua esposa que nunca casaria novamente depois de sua morte. Como ela não cumpriu a promessa o fidalgo voltou ao mundo dos vivos e matou-a com um pilão de almofariz.²⁰⁶

O pau que apodreceu

Em Tarascon, um homem deu uma paulada em uma cobra e o pau apodreceu.²⁰⁷

- Reinos, ilhas e lugares**- Países***País das Amazonas:*

Mulheres guerreiras que habitam em um reino sem homens, as Amazonas tem sua origem na mitologia grega. O nono trabalho de Hércules foi a tomada do cinturão da rainha das Amazonas, pelo qual se travou brutal batalha que culminou na derrota das guerreiras; também na *Ilíada* elas aparecem quando sua rainha Penthesileia (a quem Plínio atribuiu a invenção do Machado de batalha²⁰⁸) as leva para combater na guerra de Tróia. Heródoto nós fala sobre as Amazonas depois de sua derrota para os heróis helênicos e como elas fugiram da sua captura:

Os Helenos, as tendo conquistado em batalha no Thermodon, estavam navegando de volta e levando com eles, em três navios, quantas Amazonas eles puderam fazer prisioneiras. Essas no mar aberto se lançaram sobre os homens e os jogaram para fora dos barcos (...) e depois que elas jogaram fora os homens foram conduzidas pelas ondas e pelo vento e chegaram àquela parte do lago Maiotian onde Cremnoi se ergue.²⁰⁹

Sobre elas ele também afirma: “agora as Amazonas são chamadas pelos cílios *Oiorpata*, cujo nome significa na língua Helênica ‘matadoras de homens’”,²¹⁰ ele também afirma que elas diziam sobre elas mesmas: “Nós atiramos com arcos e jogamos dardos e

²⁰⁶ *Idem*

²⁰⁷ *Idem*

²⁰⁸ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 p. 252

²⁰⁹ HERÓDOTO. *Op. Cit.* v. 1 p. 334

²¹⁰ *Idem*

cavalgamos cavalos, mas os trabalhos de mulher nós nunca aprendemos”,²¹¹ e ainda sobre suas regras de casamento: “que nenhuma donzela pode se casar até que tenha matado um homem de seus inimigos”.²¹²

Sobre elas Santo Isidoro escreve:

Às Amazonas se aplica esse nome porque vivem sem necessidade de varões, como se disséssemos *háma dsôn*, ou porque se queimam na mama direita para que lhes prejudique ao disparar flechas (...) De fato elas ficavam privadas da mama que haviam queimado. Titiano lhes dá o nome de *unimamas*. Pois isso é uma ‘Amazona’ (...), ou seja, sem um seio. Já não existem, porque foram reduzidas ao extermínio em parte por Hércules em parte por Aquiles ou Alexandre.²¹³

No entanto, apesar de Isidoro as dar por destruídas, nas *Viagens* Mandeville assim escreve:

Perto da terra da Caldéia está a da Amazônia, a terra de *Feminia*, reino no qual só vivem mulheres. Sucede isso, não porque lá não possam viver os homens, como dizem alguns, mas porque as mulheres não querem permitir que nenhum homem as governe. (...) Tampouco permitem que qualquer menino varão seja criado entre elas. Quando querem ter a companhia de homem, vão às terras vizinhas. Ali encontram seus amantes, convivem com eles uns oito ou dez dias e logo regressam a sua terra. Se tem um filho varão, mantêm-no durante um certo tempo e logo, quando pode caminhar e alimentar-se sozinho, enviam-no para seu pai ou matam-no. Se é do sexo feminino, queimam uma mama com um ferro candente. Se a menina é de alta linhagem, queimam o peito esquerdo para que possa carregar melhor o escudo, e se é de baixa estirpe, queimam o direito para que dispare melhor com o arco. Nessa terra há uma rainha que governa todo o país, à qual todas obedecem. (...) Frequentemente, sob pagamento de soldo, vão ajudar outros reis em suas guerras para ganhar ouro e prata, como outros guerreiros, mantendo-se, por isso, sempre em plena forma.²¹⁴

As amazonas foram extensivamente representadas na antiguidade em vasos, frisos e estátuas, nas suas batalhas contra Hércules, Teseu e Aquiles.

A localização do país das amazonas é debate entre os historiadores do mundo antigo e medieval; Heródoto afirma que os sármatas seriam descendentes da união de amazonas e cítios, e as localiza perto do Lago Maeotian, o que significa a região do norte da Turquia,

²¹¹ *Ibidem* p. 335

²¹² *Ibidem* p. 336

²¹³ ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 750-751

²¹⁴ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. *Op. Cit.* p.153

ou sul da Rússia;²¹⁵ Plínio as localiza na região do Oceano Cítio, o atual Mar Negro, as localizando na mesma região de Heródoto.²¹⁶ Santo Isidoro por sua vez diz que os “albaneses foram um povo vizinho das amazonas”,²¹⁷ localizando-as assim a oeste do Mar Negro. Muitos outros autores as localizaram em outros lugares distintos; Mandeville as localizou vizinhas da terra da Caldéia, a leste do Mar Negro. Com a expansão marítima e a descoberta do novo mundo, uma nova opção se apresentou e Walter Raleigh as encontrou na Guiana, como afirmou no seu livro *A descoberta da Guiana*: “a fronteira sul da Guiana alcança o domínio e império das amazonas”.²¹⁸

Hiperbórea:

Os hiperbóreos são mais um povo lendário da mitologia grega, que habitavam a Hiperbórea, terra que ficava ao norte, visto que seu nome Hiper (além; acima) Borea (Boreas, o deus do vento norte) significa além do vento norte. Sobre eles Plínio, o Velho escreveu:

Atrás destas montanhas, e além do polo norte, existe um povo feliz (se nisso podemos acreditar) que eles chamam de Hiperborei, que vivem excessivamente, e são celebrados por maravilhas fabulosas. (...) Discórdia e toda doença são desconhecidas; e eles nunca morrem, só quando estão satisfeitos de viver: quando os homens velhos, tendo se banquetado e ungido seus corpos, pulam de uma certa Rocha para o Mar. Esse tipo de sepultura é o mais feliz.²¹⁹

Assim como o país das Amazonas, a Hiperbórea possui uma localização muito vaga. Para os gregos, Boreas, o deus do vento norte, morava na Trácia, sendo assim, os Hiperbóreos deveriam então habitar ao norte dessa região. Para Heródoto e para Plínio eles viviam além do reino dos Cítios, o que os localizaria ao noroeste da Ásia, na atual Rússia. Outros autores localizaram os Hiperbóreos à oeste, Ptolomeu os posicionou no mar do norte, que foi chamado por ele ‘Oceano Hiperbóreo’, algo que se propagou em mapas dos séculos XV e XVI, como podemos ver nesse detalhe de um mapa da Europa de Abraham Ortelius de 1572, onde separa a Islândia da Groelândia:

²¹⁵ HERÓDOTO. *Op. Cit.* v.1 pp. 334-336

²¹⁶ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 pp. 110-111

²¹⁷ ISIDORO DE SEVILHA. *Op. Cit.* v. 2 pp. 750-751

²¹⁸ RALEIGH, Sir Walter. *The Discovery of Guiana, and the journal of the second voyage thereto*. Londres: Cassel and Company. 1887. p. 148

²¹⁹ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v. 2 pp. 29-30

Mapa da Europa 1572, Detalhe



Disponível em: <https://www.loc.gov>

Dessa forma a localização da Hiperbórea ficou associada por muito tempo ao norte da Europa, às ilhas britânicas e aos países escandinavos.

Reino de Preste João:

O reino de Preste João é uma das mais curiosas maravilhas da Idade Média. Segundo Dreyer-Eimbcke, o rei-sacerdote é “uma lenda que misturava fatos mal compreendidos e aleatoriamente interligados”.²²⁰ Independente das suas origens controversas, o que interessa é que o Reino de Preste João foi procurado por muitos séculos pelos reis da Europa, que buscavam uma aliança com o poderoso e rico rei, para que este os ajudasse na luta contra os infiéis.

No século XII, segundo Dreyer-Eimbcke, o imperador bizantino Manuel I, o imperador do Sacro Império Romano Germânico Frederico I e o papa Alexandre III teriam sido destinatários de uma carta de Preste João, que “descreve o poder e a grandeza do reino do próprio Preste com todas as maravilhas de sua fauna e flora”.²²¹ Ainda segundo ele a famosa carta foi traduzida para todas as línguas europeias, possibilitando assim a rápida expansão da crença no maravilhoso reino. Descrições e representações abundam na literatura de viagens e cartografia do período, Mandeville descreve longamente as maravilhas do reino de Preste João no capítulo trinta das *Viagens*:

Na terra deste, há grande diversidade de coisas e muitas pedras preciosas tão grandes e grossas que com elas fazem recipientes: pratos, tigelas, taças e muitas outras maravilhas que seria demorado colocar inteiramente por escrito. (...) Em seus domínios, existem muitas maravilhas, entre elas o Mar Arenoso, formado de areia e gravela, sem uma gota de água. (...) E ainda que esse mar não tenha água, contudo,

²²⁰ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *Op. Cit.* p. 88

²²¹ *Idem*

em suas margens há bons pescados de outra espécie, de um tipo que não se encontra em outro mar, e tem muito bom sabor e são deliciosos de comer. A três jornadas de distância desse mar há umas grandes montanhas, das quais sai um grande rio que vem do Paraíso. Está cheio de pedras preciosas, mas sem água. (...) Mais além desse rio, até os desertos, há uma grande planície arenosa entre as montanhas. Nessa planície, todos os dias, ao nascer do sol, começam a crescer umas arvoretas, que continuam crescendo até meio dia, quando aparecem seus frutos. Mas ninguém se atreve a colher desses frutos, pois parece coisa de feitiço. Depois do meio dia, elas começam a decrescer e retornam para a terra, de forma que, ao pôr do sol, não aparecem mais. Isso ocorre diariamente e é uma grande maravilha. Nesse deserto há muitos homens selvagens, cornudos, de horroroso aspecto e que não falam, apenas grunhem como os cerdos. (...) Há muitos papagaios, (...) esses por sua natureza, falam e saúdam as gentes que atravessam os desertos, e lhes falam com uma voz tão clara como se fosse a de um homem.²²²

Ele também discorre sobre o enorme exército de Preste João:

O Preste João, quando vai lutar contra algum outro senhor, em vez de bandeiras, leva três cruces, de ouro fino, muito altas e grandes, encrustadas de pedras preciosas. Cada uma dessas cruces vai colocada em cima de uma carruagem. Quando marcham em formação, dez mil soldados a cavalo e mais de 100 mil soldados a pé guardam cada cruz, da mesma forma que em nossas terras se guarda um estandarte em tempo de guerra. Esse número de pessoas está além daqueles que se encontram no exército principal ou nas alas ordenadas para batalha.²²³

É fácil entender porque os reis da Europa ficaram tão fascinados e interessados em uma aliança com o Preste João. Mas de todos, talvez tenham sido os reis portugueses os que mais se empenharam em conseguir um contato com o lendário rei; Dreyer-Eimbcke listou alguns dos emissários portugueses enviados para encontra-lo: o primeiro deles foi Pero da Covilhã, enviado por D. João II em 1487, junto com Alfonso de Paiva, ambos morreram sem retornar à Portugal. Depois, em 1506, D Manuel enviou uma carta ao Preste João através de João Gomes, que assim como Covilhã ficou preso na Etiópia sem poder retornar à Europa. Em 1517 foi enviado Duarte Galvão, que faleceu durante a viagem; a ele se seguiu Rodrigo de Lima que, acompanhado pelo padre Francisco Álvares, levava presentes para o soberano, que incluíam mapas das terras e mares controlados pela coroa portuguesa. Essa última expedição encontrou na Etiópia não o lendário sacerdote, mas o jovem soberano Lebna Denguel, e o relatório escrito por

²²² VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. pp. 230-231

²²³ *Ibidem.* p. 231

Álvares começou a levantar o “véu que cobria a lenda do Preste João”.²²⁴ No entanto, Portugal continuou alimentando a lenda e em 1541 enviou uma expedição de 400 soldados para a Etiópia sob o comando de Cristóvão da Gama, filho do descobridor, para socorrer o Preste João na luta contra os galas islâmicos.²²⁵ O autor conclui afirmando que:

Os papéis tinham se invertido. Já não se tratava (mais?) do sacerdote poderoso que ajudaria a defender o cristianismo. Ao contrário, foram os cristãos portugueses que seguiram para a Etiópia a fim de defender um padre insignificante contra os ataques dos infiéis.²²⁶

O reino de Preste João foi representado em inúmeros mapas. Sua localização é coberta de mistério; inicialmente, como podemos ver nas descrições dos livros de viagem e de geografia, como as *Viagens* e o *Libro del conocimiento*, é na Ásia, mais precisamente na Índia, onde encontramos o reino. Dreyer-Eimbcke afirma que entre 1328 e 1330 o monge dominicano Jordano Catalani de Séverac redigiu um livro chamado *Mirabilia*, neste livro, pela primeira vez, Preste João é descrito como o imperador da Etiópia, e assim o lendário rei “passou a ser procurado na África e não mais na Ásia”.²²⁷ É na África que a maior parte dos mapas representa o reino, no *Atlas Catalão*, podemos ver a bandeira do Preste, negra com uma cruz de três braços, na região do alto Nilo; no mapa de Fra Mauro podemos ver o reino representado mais ao sul da África, logo abaixo de uma inscrição que afirma: “Qui el preste Johanni fa residentia principale”.

Mapa de Fra Mauro, detalhe



Disponível em: <http://www.bl.uk>

²²⁴ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *Op. Cit.* p. 95

²²⁵ *Ibidem.* pp. 94-95

²²⁶ *Ibidem.* p. 95

²²⁷ *Ibidem.* p. 93

Essa localização se perdurou e mapas muito posteriores, como o mapa da África de Sebastien Munster de 1540, continuaram a localizar o lendário sacerdote na África. No mapa de Munster, sua residência recebe o nome de *Hamarich*.

Mapa da África, 1540



Disponível em: DREYER-EIMBCKE, Oswald. Op. Cit. pp. 90-91.

- Ilhas fantásticas

A temática das ilhas fantásticas povoa o imaginário europeu desde a antiguidade, e aparece nas mais variadas tradições culturais. Na Grécia clássica esse tema já era associado com a navegação na Odisseia, onde Ulisses e seus companheiros aportam em diversas ilhas que apresentam os mais variados perigos, e nas aventuras de Jasão e seus argonautas, em busca do velo de ouro. Entre as ilhas inatingíveis podemos contar as Afortunadas, morada final dos heróis mais valorosos; a Atlântida de Platão, cuja sociedade perfeita desapareceu engolida pela ira de Poseidon; entre tantas outras. As sagas escandinavas que contam as conquistas da Islândia e Groelândia, especialmente a de Erik, o Vermelho, contribuíram imensamente para a criação de ilhas lendárias no Atlântico norte. A tradição gaélico-bretã também forneceu diversas ilhas, Tir na nÓg, a

terra da juventude, morada dos deuses irlandeses, as muitas ilhas visitadas pelos heróis gaélicos em diversas histórias e mesmo Avalon, a morada final do rei Arthur. Ainda associadas com essa tradição, mas agregando também valores cristãos, peregrinações marítimas como as de São Brandão e de Santo Amaro alimentaram esse imaginário por diversos séculos.

Ilhas Afortunadas:

As Ilhas Afortunadas, ou Ilhas dos Abençoados, são, na mitologia grega, a morada da quarta geração de homens criada por Zeus, a mais valorosa e brava, uma “raça divina de homens e de heróis e são chamados semideuses”,²²⁸ como os descreve Hesíodo nos *Trabalhos e Dias*. Ele afirma que a guerra e a batalha os destruiu, fosse nas batalhas de Tebas ou na guerra de Tróia, mas para aqueles que sobraram Zeus, o filho de Cronos, deu um sustento e uma morada aparte dos homens, e os fez viver no limite terra. E essa morada ele descreve da seguinte forma:

E longe dos humanos dando-lhes sustento e morada
Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou.
E são eles que habitam de coração tranquilo
A ilha dos Bem-aventurados, junto ao oceano profundo,
Heróis afortunados, aqui doce fruto
Traz três vezes ao ano a terra nutriz.²²⁹

Plínio também descreve as ilhas como abundantes em frutas, caça e pesca, mas adiciona um detalhe interessante, ele diz que “(...) essas ilhas são muito infestadas por grandes animais, que são frequentemente jogados pelo mar em uma condição pútrida”.²³⁰

Ilhas de São Brandão:

Na Idade Média talvez as maiores influências para esse imaginário, que também se perpetuou no Renascimento, tenham sido a *Navigatio Sancti Brendani* e o *Conto de Amaro*. A Navegação de São Brandão conta a história das viagens do santo Irlandês, considerado padroeiro dos navegantes; sua lendária viagem teria durado sete anos, e aportado nas mais variadas ilhas até chegar finalmente no paraíso terreno, seu objetivo

²²⁸ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1991. p. 35

²²⁹ *Idem*

²³⁰ PLÍNIO, O VELHO. *Op. Cit.* v.2 p. 165

final. Ainda que o santo tenha vivido entre os séculos V e VI, a *Navigatio* só foi escrita séculos depois entre os séculos IX e X, perpetuando diversos elementos comuns a tradição oral; o *Conto de Amaro* por sua vez conta a história da viagem marítima de Santo Amaro, santo de origem francesa, mas com grande número de seguidores na península ibérica, que assim como Brandão também buscava chegar ao paraíso terreno; ambas as histórias possuem diversos elementos comuns a um *Immram*, ou *Immrama* no plural, palavra de origem gaélica que pode ser traduzida como jornada ou viagem. Esses *Immrama* são histórias tradicionais irlandesas sobre navegações fantásticas em busca do *outro mundo*, que pode ser o Paraíso Terrestre para as histórias de teor cristão, ou *Tir na nÓg*, a terra da juventude, o *outro mundo* da mitologia pagã irlandesa. Independente do objetivo final, essas histórias possuem elementos similares, entre eles a procura desse *outro mundo*, um Herói, ou personagem principal, e seus companheiros, e as diversas ilhas com características fantásticas, nas quais o herói aporta durante a sua viagem. Tanto a *Navigatio* quanto o *Conto de Amaro* possuem todos esses elementos. Outra característica interessante que traz uma influência e forma um paralelo com histórias semelhantes de teor pagão é que, assim como nas tradições gaélicas e escandinavas, os dois Santos partem para o Oceano Atlântico, buscando o paraíso terrestre no oeste e não no leste como era mais correntemente representado na tradição cristã medieval.

Ainda que as duas histórias tenham influenciado o imaginário europeu medieval e renascentista, a *Navigatio*, talvez por ser mais antiga, nele se enraizou mais profundamente, visto que as diversas ilhas aportadas por São Brandão na história influenciaram fortemente esse pensamento e que, ainda que inexistentes, povoaram o imaginário europeu por muitos séculos e foram representadas em diversos mapas até meados do século XVIII.

Entre as mais célebres ilhas estão:

1. *Jasconius* – A ilha que na verdade era um imenso peixe, o primeiro criado por Deus, sobre a qual São Brandão e seus companheiros celebram a páscoa ano após ano.

Sabei, irmãos, por que passaram tanto medo? É que temos celebrado nossa festa não em cima de terra firme, sim no lombo de uma grande besta, um peixe do mar, e dos mais grandes. Não se estranhem a isto, senhores: Deus os quer levar de tal modo que os ensine todo o sabido e por saber, e quantas mais maravilhas suas verem, mais fé tereis logo, mais firmemente crerão e temerão e melhor seguirão seus

mandamentos. Esta besta foi criada pelo rei divino, em primeiro lugar, antes do demais peixes do mar.²³¹

2. *Ilha dos Pássaros* – A ilha na qual vivem diversos pássaros que revelam a São Brandão que são na verdade anjos caídos e que após sete anos chegará ao paraíso.

Somos anjos, e antigamente no céu habitávamos. De tão alta morada, caímos tão baixo, junto com o orgulhoso, com o miserável, que se rebelou por soberba, que em má hora se alçou contra o Senhor. (...) Um ano faz que as provas do mar vem aguentando, e faz todavia outros seis até que ao paraíso cheguem. Muitas penas e males sofrerão no oceano, rumo ao norte, rumo ao sul, e cada ano celebrarão em cima do grande peixe a festa da Páscoa.²³²

3. *Ilha de Albea* – Aonde São Brandão e seus companheiros encontram um grupo de monges, cujo líder faz revelações ao santo acerca de dois de seus companheiros, e onde eles passam o natal, ano após ano.

Depois de percorrer um longo caminho, veem de repente aonde os conduz: uma belíssima e riquíssima abadia, como não existe tão santa abaixo do céu. (...) ‘Terá de sair em busca daquilo que te fez deixar sua terra. Logo voltará a seu país: por isso morrerá onde nasceste’.²³³

4. *O Inferno* – São Brandão e seus companheiros navegam ao longo de uma ilha escura, com mau cheiro, cheia de vales e escarpas e com diversas oficinas de ferreiro, desta ilha um demônio lança massas de ferro em brasa contra a embarcação e o santo explica a seus companheiros que aquele era o inferno.

Pronto surgiu ante a eles uma terra, nublada de escuras e caliginosas nuvens. Fumegava uma fétida fumaça, mais pestilenta que carne podre; e rodeada estava de uma escuridão. (...) ‘Senhores, tens de saber que ao mesmo inferno estão sendo levados a força. Nunca tivestes como agora tanta necessidade de proteção divina’. (...) Ao passar diante de um monte se assustaram ao ver um diabo: colossal era aquele demônio que do inferno saiu todo abrasado, levando empunhado um martelo de ferro, com o qual havia partido uma coluna.²³⁴

5. *O Paraíso, ou Jardim das Delícias, ou Ilha de São Brandão, ou Hy-Brasil* – Certamente a mais importante das ilhas visitadas por São Brandão é aquela aonde fica o paraíso terreno.

Com licença do rei divino, agora iam se aproximando da névoa, que rodeia, como uma cerca, todo o recinto do qual Adão foi dono. (...) Da nuvem tinham saído, e já o Paraíso iam divisando: a princípio só veem uma muralha que alça até as nuvens. Não tinha nem ameias, nem balanço, nem barbacã, nem torre de viagem alguma. Pela luz

²³¹ BENEDEIT. *Op. Cit.* p. 18

²³² *Ibidem.* pp. 19-20

²³³ *Ibidem.* pp. 28-30

²³⁴ *Ibidem.* p. 40

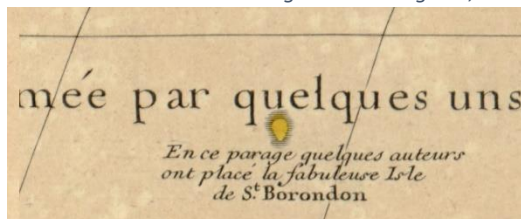
deslumbradora dessa muralha, mais branca que todas as neves, nenhum dos viajantes pode distinguir com que material estava edificada realmente: o rei soberano foi seu arquiteto. Era toda ela de uma peça, sem talho nem tamanho – porque foi construída sem trabalho algum –, mas cintilavam as pedras preciosas, engastadas em toda a parede: lindos crisólitos, ali presos, como gotas de ouro. (...) Vão em direção da porta, porém a entrada está protegida, guardada por dragões, que jogam chamas de fogo. Justo em cima da mesma, uma espada está pendurada (...) Pronto veem um donzel de extraordinária beleza que avança a seu encontro. Aquele donzel é mensageiro divino e lhes disse que se ia acercando da costa. (...) Adiante vai o donzel, em cuja companhia adentram o Paraíso.²³⁵

O Paraíso, ou Ilha de São Brandão como ficou conhecida, tem diversos paralelos com as Ilhas Afortunadas, a posição geográfica e sua descrição é bastante similar:

De belos bosques e rios veem cheia aquela terra. Os prados são verdadeiros jardins, floridos com perene beleza – como em santas moradas, as flores exalam doces fragrâncias –, com árvores esplendidas, preciosas flores e frutas de deliciosos perfumes. (...) Árvores e flores diariamente crescem e dão seus frutos, sem que os atrasem as estações: ali cada dia reina um suave verão, cada dia florescem as árvores e vem carregadas de fruta, cada dia estão os bosques carregados de cervos, e todos os rios, de saboroso pescado. Fluem rios de leite e a tudo derrama abundancia. Com o orvalho caído do céu, correm méis dos juncos. Como se fosse um imenso tesouro, se alça uma montanha, toda ela desperdício de ouro e pedras preciosas. Ali brilha o sol com eterno esplendor, porque ao ar não chega nenhuma nuvem que ao sol roube claridade e nem ventos nem brisas remexem o cabelo. Quem ali habita não padecerá nenhuma pena, nem conhecerá nenhuma coisa hostil, nem galerna, nem calor, nem frio, nem tristeza, nem fome, nem sede, nem penúria. Terá tal abundância de riquezas que sobre passarão seu apetite; tampouco as poderá perder porque são seguras, e as terá dispostas diariamente.²³⁶

A ilha também apareceu em diversos mapas, desde mapas medievais como nos gigantes Ebstorf e Hereford, até em mapas muito posteriores como a *Carta de la Barbarie de la Negritie et de la Guine* de Guillaume Delisle, de 1707:

Carta de la barbarie de la negretie e de la guine, detalhe



Disponível em: <http://www.loc.gov>

²³⁵ *Ibidem*. pp. 55-57

²³⁶ *Ibidem*. pp. 57-58

A crença na ilha e o fascínio que ela causava levou diversas expedições a tentarem encontra-la até meados do século XVIII, como nos diz Dreyer-Eimbcke:

Entre 1487 e 1759 empreenderam-se numerosas expedições para tentar localizar aquela ilha lendária. Em mapas antigos encontramos a ilha Brendano tanto no Atlântico norte quanto perto do equador e na porção ocidental do oceano. (...) Ainda em 1721 partiu uma expedição da Espanha com o intuito de descobrir essa ilha. Num mapa francês de 1755, a ilha aparece a 29 graus de latitude norte e 5 graus a oeste de Ferro. Os habitantes de Arranmore continuam afirmando até hoje que, em dias claros, conseguem avistar Hybrysail, a ilha encantada.²³⁷

Hybrysail, Hy-Brasil, O'Breasil, Breasil, ou simplesmente, *Brasil*, é outra ilha fantástica que se confunde constantemente com as Ilhas Afortunadas e a ilha do santo irlandês, as vezes sendo considerada a mesma. O nome, que nada tem a ver com madeira, tem sua raiz na língua gaélica, sendo formada por dois componentes: *breas* e *ail*, que significam algo similar a ilha afortunada, bem afortunada, ou bela, digna; sua origem, afirma Paulo Miceli:

Estará associada a Bresal, filho do primeiro rei cristão de Thormond. Por volta dos anos 480-500, Bresal teria andado em missão nas ilhas de Aran, recebendo depois o nome de São Breacan. Durante séculos, em Aran, acreditou-se numa 'ilha afortunada' que, a cada sete anos, surgia e desaparecia em meio a densos nevoeiros. A crença sobreviveu ao tempo, havendo registros dela mais de mil anos depois da missão de São Breacan.²³⁸

A ilha, comumente representada na latitude da Irlanda, aparece em mais de uma dezena de mapas, o primeiro deles é a carta náutica de Angelino Dalorto (1325), depois no Atlas Mediceu (1351), no mapa dos irmãos Pizzigano (1367), no Atlas catalão (1375), na carta-portulano de Mecia de Vila destes (1413), na carta de Andrea Bianco (1436), no mapa de Bartolomeu Pareto (1455), no mapa de Gracioso de Benicasa (1482), no mapa de Fra Mauro (1459) acompanhado pelos dizeres “*Queste isole hibernia son dite fortunata*”, no mapa Egerton 2303 (c.1508-1510), na carta de Ramuzio (1556) e finalmente nos mapas de Mercator e Ortelius.²³⁹ A seguir imagens retiradas do Atlas Catalão, onde podemos ver duas ilhas chamadas Brasil, uma na latitude da Irlanda e outra na latitude das Antilhas, e no Mapa da Europa de Ortelius, onde ela aparece claramente, a oeste da Irlanda:

²³⁷ DREYER-EIMBCKE, Oswald. *Op. Cit.* p. 59

²³⁸ MICELI, Paulo. *O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil*. São Paulo, SP: Instituto Cultural Banco Santos, 2002. p. 72

²³⁹ *Ibidem.* p. 73

Atlas Catalão, detalhe 1



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

Atlas Catalão, detalhe 2



Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>

Mapa da Europa, detalhe



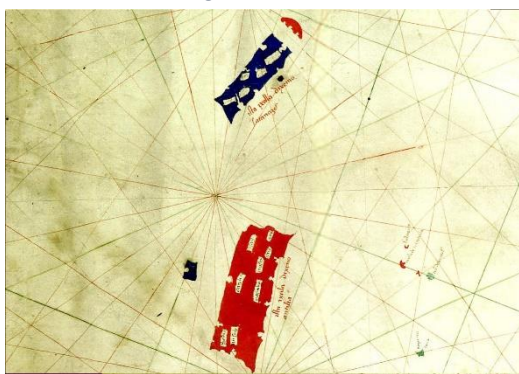
Disponível em: <https://www.loc.gov>

- Ilhas utópicas

Outras ilhas que abundaram no imaginário e na cartografia renascentistas foram as ilhas utópicas. Frank Lestringant, em artigo publicado na revista *Morus*, em 2006 discorre

sobre essas ilhas.²⁴⁰ Ele afirma que a expansão marítima influenciou a concepção de diversas ilhas, fossem elas fantásticas como as presentes em obras como a *Navegação* e outros *mirabilia*, fossem ilhas utópicas. O autor afirma que essas ilhas, fantásticas e utópicas, faziam parte do que ele chama de *arquipélago renascentista*, ou seja, as viagens europeias teriam fragmentado o mundo, dividindo-o em um grande arquipélago, seja porque a crença em ilhas fantásticas povoasse o imaginário europeu desde a antiguidade, seja porque, por vezes, os europeus chamaram de ilhas aquilo que na realidade eram continentes, como aconteceu com o Brasil, reforçando esse imaginário e tornando as ilhas um signo daquilo que era diferente da Europa. As ilhas utópicas, apesar de não apresentarem as maravilhas descritas nos *mirabilia*, como fauna e flora fantásticas, também apresentam sua fórmula: longínquas, geralmente no Oriente, o extremo do mundo, ou perdidas no meio do Atlântico, e apresentando sociedades perfeitas, autônomas e isoladas, além de alegorias e críticas, principalmente à Igreja. Assim como os livros de maravilha, as utopias bebem da antiguidade, principalmente de Luciano de Samosata, retórico grego do segundo século depois de Cristo que fez uso do gênero, principalmente nas obras *Icaromenipo* e *História Verdadeira*.²⁴¹ Finalmente, uma última semelhança entre as ilhas fantásticas e as utopias é que ambas aparecem na cartografia, as fantásticas já na Idade Média e as utópicas nos mapas do século XV, como, por exemplo, na carta do veneziano Zuane Pizzigano, de 1424, onde podem ser vistas duas enormes ilhas, em vermelho e azul, a oeste das Ilhas dos Açores, *Antília* e *Satanazes*.²⁴²

Carta de Zuane Pizigano, Detalhe



Disponível em: <https://www.lib.umn.edu/bell>

²⁴⁰ LESTRINGANT, Frank. *O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da Utopia*. In *Revista Morus*, número 3, Campinas, 2006.

²⁴¹ *Idem* p. 158

²⁴² MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do Mundo*. Campinas: Editora da Unicamp. 2012.

Geoffroy Atkinson, no livro *Les nouveaux horizons de la renaissance française* afirma: “o que havia sido um exercício de imaginação para muitos autores antigos, e mesmo para o humanista Thomas Morus, foi uma constatação de fato nas obras geográficas”.²⁴³ Ou seja, essas ilhas apareceram nas obras cartográficas dos séculos XV- XVI, assim como as ilhas fantásticas dos *mirabilia*, e foram amplamente procuradas, povoando e expandindo o imaginário extra marino europeu e contribuindo para a ideia de arquipélago renascentista apresentada por Lestringant.

²⁴³ ATKINSON, George. *apud*. LESTRINGANT, Frank. *Op. Cit.* p. 162

O sentido do fantástico

Neste último capítulo voltaremos às fontes primárias para entender o significado da representação desse imaginário. Discorreremos acerca da visão do homem Europeu da baixa Idade Média, nos apropriando do discurso de alteridade para entender porque esse homem representava o fantástico, o maravilhoso e o monstruoso como o representava.

Buscamos aqui entender como o outro era entendido pelos olhos e ouvidos europeus através das *Viagens* e do *Libro*. O outro para esses narradores é o diferente, aquele que não segue os mesmos padrões de pensamento, costume, cultura ou aparência do narrador, afinal, “dizer o outro é enuncia-lo como diferente – é enunciar que há dois termos, *a* e *b*, e que *a* não é *b*”.²⁴⁴ Dessa forma, como veremos a seguir, os elementos aos quais os autores das duas obras dedicam mais atenção são justamente aqueles que evidenciam a diferença com o observador e seus leitores. Essa diferença recebe então significação, pois “desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita”.²⁴⁵ E é essa significação que forma o imaginário que aqui trabalhamos.

François Hartog explica bem como funciona essa significação na obra *O espelho de Heródoto*:

A partir da relação fundamental que a diferença significativa instaura entre os dois conjuntos, pode-se desenvolver uma retórica da alteridade própria das narrativas que falam sobretudo do outro, especificamente as narrativas de viagem, em sentido amplo. Um narrador, pertencente ao grupo *a*, contará *b* às pessoas de *a*: há o mundo que se conta e o mundo em que se conta.²⁴⁶

Esse narrador dispõe, então, de ferramentas para contar *b* às pessoas de *a*. A primeira delas, que Hartog considera a mais cômoda,²⁴⁷ é a inversão, onde o narrador constrói o seu anti-próprio, nas palavras do autor, o seu oposto. Essa forma de descrição é abundante nas narrativas de viagem, especialmente no que convém a descrição de povos cuja religião é outra que não o cristianismo.

²⁴⁴ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto*. P.229

²⁴⁵ *Idem*.

²⁴⁶ *Idem*.

²⁴⁷ *Idem*.

A segunda ferramenta citada por Hartog, também muito abundante nas narrativas de viagem, é a comparação, através da qual o narrador pode descrever algo estranho aos seus ouvintes e leitores se valendo de algo que lhes é familiar. Hartog considera que o uso dessa ferramenta esboça classificações,²⁴⁸ o que nos leva a um questionamento interessante. Se inicialmente consideramos que existem apenas *a* e *b*, ou simplesmente *a* e o oposto de *a*, agora podemos perceber que existem mais categorias de diferença, progressivamente mais diferentes do narrador. Temos então que *b* é diferente de *a*, mas não tanto quanto *c*, que por sua vez é menos diferente do que *d* e assim por diante. Isso é facilmente evidenciado nas *Viagens*: os Sarracenos são diferentes dos cristãos, mas considerados pelo narrador bons e leais e passíveis de fácil conversão, os beduínos, também muçulmanos, são por sua vez cruéis e de má índole e, portanto, mais distantes; os judeus são colocados em um categoria de diferença ainda mais distante, descritos quase que como o oposto da cristandade; mais distante ainda podemos encontrar povos pagãos e mais além desses povos monstruosos, que se assemelham, aos olhos do narrador, mais as bestas do que aos homens.

Por fim, podemos citar Hartog ainda uma última vez: “Uma retórica de alteridade é, no fundo, uma operação de tradução: visa transportar o outro ao mesmo (*tradere*) – constituindo portanto uma espécie de transportador da diferença”.²⁴⁹

- A representação do fantástico nas Viagens de Jean de Mandeville e no Libro del Conosçimiento

Passemos então a uma análise mais profunda da representação destes elementos fantásticos dentro das duas obras. Primeiramente faremos uma relação das séries que compõe a tópica definidora do fantástico, são elas: (1) homens e mulheres; (2) animais e plantas; e (3) os cenários onde estes se encontram.

(1) Homens e mulheres:

A figura humana aparece inúmeras vezes dentro das duas obras, mas a que nos interessa aqui é a figura humana do outro, do estranho, por vezes acompanhada de características monstruosas, como as que vimos no capítulo anterior.

²⁴⁸ *Ibidem*. p. 240

²⁴⁹ *Ibidem*. pp. 251-252

(2) Animais e plantas:

Os animais e plantas que dividem esse imaginário com o homem possuem características das mais variadas, sejam elas monstruosas e selvagens, ou nobres e imponentes, signos do mal, do perigo e do profano, ou do bem e do sagrado.

(3) Os cenários:

Os cenários onde podemos encontrar todas essas pessoas e seres varia imensamente, desde desertos intransponíveis até cidades maravilhosas. Cada um desses lugares reflete aquilo que nele se encontra, homens monstruosos em desertos selvagens e senhores magníficos nas suas ricas cidades.

Compararemos a seguir as *Viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento* e analisaremos as semelhanças e diferenças na descrição das três séries relacionadas anteriormente. Dessa forma buscaremos responder como o maravilhoso é representado nas *Viagens* e no *Libro*.

As viagens de Jean de Mandeville

Durante sua longa viagem Jean de Mandeville encontra e descreve povos, animais, plantas e lugares de todo o mundo então conhecido. Sua descrição desses elementos é, como é de se esperar, o ponto central da obra, e é justamente sobre ela que nos debruçaremos agora. Não nos interessa nesse momento as características individuais de cada povo, animal, planta ou cenário, mas sim como foram descritos pelo cavaleiro inglês, quais de seus aspectos ele levou em consideração, o que lhe chamou atenção e foi por ele considerado digno de nota.

(1) Homens e mulheres

Em suas viagens Mandeville encontra uma multidão de povos, que possuem características tremendamente heterogêneas. São especialmente três as características que nosso autor leva em consideração ao descrever esses povos: sua religião, sua aparência e seus costumes. No entanto essas três características estão regidas por um único sentimento: o estranhamento. Mandeville descreve com afincado aquilo que lhe parece diferente, estranho ou único, e expressa por diversas vezes o sentido de oposição aquilo que lhe é familiar. Dessa forma muitas vezes temos uma descrição detalhada da religião

e costumes de um povo, enquanto sua aparência fica relegada a segundo plano, porque não diferente, ou é, pelo menos, bem conhecida. Bom exemplo dessa seleção é a descrição dos gregos quando, no seu terceiro capítulo, Mandeville descreve Constantinopla:

A fé dos gregos, ainda que sejam cristãos, difere da nossa, pois dizem que o Espírito Santo não procede do Filho, mas apenas de Deus pai. (...) Os gregos celebram seu sacramento do altar com pão ázimo e dizem que nós menosprezamos o uso do mesmo tipo de pão que Nosso Senhor usou na Última Ceia. Na quinta-feira Santa, eles fazem seu pão ázimo para recordar a Última Ceia, secam-no ao sol, guardam-no durante todo o ano e o dão aos enfermos no lugar do *Corpus Domini*. Só realizam unção no batismo e não ungem os enfermos. Afirmam que não há purgatório e que as almas não terão pena nem júbilo até o dia do Juízo Final. Defendem que a fornicação não é pecado mortal, antes algo natural, acrescentando que homens e mulheres deveriam se casar apenas uma vez e que os filhos de quem se casa mais de uma vez são bastardos e gerados em pecado. Seus sacerdotes também se casam. Dizem igualmente que a usura não é pecado mortal e vendem os bens da Santa Igreja como se faz em outros lugares. Queira Deus corrigir isso! O que é um grande escândalo! (...) E dizem os gregos que, na Quaresma, não se deve jejuar nem celebrar missa, exceto aos sábados e domingos. Eles não jejuam nenhum sábado do ano, salvo na vigília do Natal ou da Páscoa. (...) Também sustentam que pecamos mortalmente ao fazermos a barba, pois ela é símbolo do homem e dádiva de Nosso Senhor (...) Acrescentam que pecamos ao comer carne de animais que estão proibidos no Antigo Testamento, como os cerdos, as lebres e outros animais que não ruminam. (...) É o imperador de Constantinopla que nomeia o patriarca, os arcebispos e os bispos, e que tanto lhes concede dignidades e benefícios quanto, por algum motivo os priva de tais privilégios. Assim, ele é senhor temporal e espiritual em sua terra.²⁵⁰

Podemos ver claramente que ele se empenha em descrever as diferenças entre a fé dos gregos e a fé dos cristãos romanos, essa oposição está evidenciada logo na primeira frase: “A fé dos gregos, ainda que sejam cristãos, difere da nossa”. Ela nos mostra também a quem Mandeville se dirige, os cristãos romanos, os povos da Europa ocidental. Sua escrita em nenhum momento se pretende universal, ao contrário, dirige-se aqueles que ficaram, aos seus iguais.

Outro bom exemplo é a descrição dos habitantes da Núbia: “Os habitantes de Núbia são cristãos, porém, são negros como os mouros, em razão do enorme calor do sol”.²⁵¹ É o tom da pele dos núbios que requer explicação, pois é nesse aspecto que diferem do autor

²⁵⁰ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. pp. 48-49

²⁵¹ *Ibidem*. p. 70

e dos leitores de sua obra; quanto a sua religião e seus costumes, “são cristãos”, ou seja, iguais e portanto não requerem detalhamento.

Por vezes, Mandeville mostra tremendo respeito por povos que possuem religiões diferentes da sua, mas que a seguem com devoção e afeto. Podemos citar, por exemplo, o sacramento dos sacerdotes indianos, feito sob os degraus da escadaria da Igreja do Santo Sepulcro:

Fora das portas da igreja subindo 18 degraus, está o lugar onde Nosso Senhor disse a sua mãe: *Mulier, ecce, filius tuus*, que quer dizer: ‘Mulher, eis aqui teu filho’; e mostrou-lhe São João. (...) sob esses degraus há uma capela onde celebraram o sacramento sacerdotes indianos, não segundo nossa religião, mas segundo a deles. Sempre celebram o sacramento do altar com pão, dizendo *Pater Noster* e outras preces, nas quais estão incluídas as palavras da consagração, pois desconhecem as adições que fizeram muitos papas. Todavia, celebram sua missa com muita devoção.²⁵²

Outro exemplo que chama atenção é a descrição dos sarracenos a quem Mandeville se refere da seguinte forma:

Os sarracenos são bons e leais, já que guardam escrupulosamente os preceitos de seu livro sagrado, o Alcorão, livro que lhes foi enviado por Deus por meio de seu mensageiro, o profeta Maomé, a quem, segundo dizem, o anjo São Gabriel falava frequentemente e ensinava a vontade divina.²⁵³

Apesar de islâmicos, os sarracenos são, aos olhos do autor “bons e leais” por seguirem cuidadosamente sua religião, Mandeville não os considera maus simplesmente por não seguirem o cristianismo e afirma ainda que os sarracenos seriam facilmente convertidos ao cristianismo devido à proximidade entre as duas religiões. Os sarracenos são então, não o oposto da cristandade, mas seu próximo.

Essa admiração e cortesia, no entanto, não se estende a todos os povos árabes. Ao descrever os beduínos e ascopardes ele afirma:

São gentes dotadas de má índole. Não tem casas, apenas tendas que fazem com peles de animais, como as de camelo e as de outros animais que comem. Acolhem-se e vivem sob elas, colocando-as em lugares onde podem encontrar água, como perto do Mar Vermelho ou em outras partes, pois nesse deserto há uma grande carência de água (...) Essa

²⁵² *Ibidem*. p. 93

²⁵³ *Ibidem*. p. 139

gente de quem falo não cultiva a terra nem a lavra, pois não come pão, exceto aqueles que conseguem, às vezes, quando acampam próximo de alguma cidade importante. (...) São homens fortes e bons lutadores e tão numerosos que seria difícil estimar um número. Não fazem nada, a não ser caçar animais para comer. Nada na vida os preocupa e, por isso, não temem o sultão nem nenhum príncipe. Não levavam outras armas exceto um escudo e uma lança, e a cabeça e o colo envoltos com grande quantidade de linho branco. São muito falsos, cruéis e de má natureza.²⁵⁴

Esses povos são, aos olhos do autor, maus por princípio, inferiores e bárbaros. Ainda outro exemplo são Gog e Magog, as dez linhagens de povos judeus presos dentro das montanhas. Sobre eles Mandeville afirma:

Nessa mesma região estão os Montes do Cáspio, ali chamados *Uber*. Entre essas montanhas estão encerrados os judeus de dez linhagens, conhecidos com o nome de Gog e Magog, os quais não podem sair para parte alguma. Ali ficaram presos 22 reis, junto com seu povo, vivendo entre os montes de Escítia. O rei Alexandre encurralou-os entre essas montanhas, onde pensava deixá-los detidos com a ajuda de seus homens, porém, quando viu que essa obra era impossível de levar a cabo, rogou ao Deus da natureza que concluísse a obra que ele havia iniciado. E apesar de não se digno de ser ouvido, Deus, por sua graça, juntou as montanhas, de forma que essas gentes seguem vivendo ali completamente detidas e rodeadas só de montanhas, exceto por um lado, no qual está o Mar Cáspio. (...) Sabei que os judeus não tem terra própria em algum lugar do mundo, a não ser essa terra entre as montanhas. Ademais, pagam tributo por essa terra à rainha das amazonas, a qual os vigia com muito cuidado para que não saiam para outros lados, pois sua terra faz fronteira com essas montanhas. (...) Contudo, dizem que sairão em tempos do Anticristo e que levarão a cabo uma grande matança de cristãos, por isso, todos os judeus que vivem em qualquer outra parte do mundo aprendem hebreu, com a esperança de que, quando aqueles das montanhas do Cáspio saírem, possam entende-los e conduzi-los à cristandade para destruírem os cristãos. Isso porque os judeus dizem que sabem bem, por suas profecias, que os judeus do Cáspio sairão e se espalharão por todo o mundo, e que manterão os cristãos sob seu jugo tanto tempo quanto estiveram antes sob o domínio destes.²⁵⁵

Estes povos judeus sim, são pintados como os inimigos da cristandade, que se espalharão e matarão os cristão. A descrição está carregada de desprezo e assume uma posição de

²⁵⁴ *Ibidem*. pp. 83-84

²⁵⁵ *Ibidem*. pp. 226-227

superioridade em relação a esses judeus que “não tem terra própria em algum lugar do mundo” e que vivem sob o jugo da cristandade.

Na segunda parte da obra, que trata dos países que se encontram além da Terra Santa, podemos encontrar uma miríade de povos com características peculiares. Na Caldéia, por exemplo, encontramos homens belos e bem vestidos e mulheres feias e má vestidas, cuja feiura é diretamente proporcional, segundo o autor, à sua crueldade:

No reino da Caldeia, os homens são belos e vestem-se nobremente com trajes ornados com ouro e preciosamente adornados com maciças pérolas e pedras preciosas. As mulheres, ao contrário, são feias e andam muito mal vestidas. Trazem os pés descalços e uns vestido muito largos, que chegam até o joelho, com umas mangas tão longas e largas como o hábito de um monge, caídas até os pés. Tem cabelos grandes e negros caídos sobre os ombros. Há mulheres negras, feias e medonhas. E, na verdade, quanto mais feias, mais malignas.²⁵⁶

Na Etiópia, onde as pessoas parecem apresentar uma constituição fraca, encontramos pessoas que ostentam apenas um único e gigantesco pé (particularidade física a qual já nos adereçamos no capítulo anterior), que além de proporcionar uma veloz caminhada, que Mandeville considera uma maravilha, também providencia sombra contra o sol:

As gentes desse país se embebedam com facilidade, não tem grande apetite para comer, sofrem geralmente de diarreia e não vivem muito. Na Etiópia, chamada também *Cusis*, existem muitos tipos diferentes de gentes. Ali há pessoas que tem apenas um pé e caminham tão rápido, que é uma maravilha. O pé é de tal magnitude que dá sombra em todo o corpo quando a pessoa, deitada para descansar, volta-o para o sol. Na etiópia, os meninos pequenos tem o cabelo loiro, porém, quando crescem, ele se torna negro.²⁵⁷

Ao descrever os indianos Mandeville demonstra um conhecimento cosmológico da sua época, explicando que a pouca movimentação dos indianos estava associada a Saturno e compara esta característica com os europeus, dados a movimentação por estarem regidos pela Lua:

É chamada Índia em razão de um rio, chamado Indo, que flui através dessa terra. (...) As gentes que vivem perto do ri tem uma má cor, entre verde e amarelo. (...) As gentes da Índia são de uma tal condição que

²⁵⁶ *Ibidem*. p. 152

²⁵⁷ *Ibidem*. p. 154

não saem jamais de sua própria terra, razão pela qual há nela uma multidão de habitantes, pois não se deslocam, porque vivem no primeiro clima, que está regido por Saturno, que é lento e dado a mover-se pouco. Ele tarda 30 anos para fazer sua volta pelos 12 signos, enquanto a Lua demora um mês para passar por eles. E por Saturno ser tão demorado de movimento, as gentes dessas terras, sob a influência desse clima regido por ele, tendem por natureza e vontade não se deslocar.

Em nossa terra, sucede justamente o contrário, pois estamos no sétimo clima, que está regido pela Lua, que tem um movimento rápido; é o planeta de passagem. Por isso ela nos dá condição e vontade de nos deslocarmos e de caminharmos por diferentes rotas em busca de coisas estranhas e das diversidades do mundo, pois a Lua se move ao redor da Terra mais rapidamente que nenhum outro planeta.²⁵⁸

A fala de Mandeville revela informações interessantes acerca do seu conhecimento de cosmologia. Ele procura apresentar uma explicação lógica e científica, seguindo os conhecimentos de sua época, para a tendência sedentária dos indianos e ativa dos europeus. De acordo com esses conhecimentos, a Lua era considerada um planeta, assim como Saturno, e ambos faziam sua trajetória ao redor da Terra. Um dos pequenos esquemas do mapa de Fra Mauro, no canto superior esquerdo, mostra justamente essa projeção. Nesta fala Mandeville dá pistas de que defende uma ideia de Terra esférica, três capítulos a frente essa suspeita se confirma quando ele discorre sobre a estrela Antártica:

Nem nessa terra nem em muitas outras que estão mais adiante pode-se ver a Estrela Tramontana, chamada a Estrela do Mar, a qual não se move e está a norte, mas pode-se ver outra estrela que está no outro extremo, a sul, chamada Antártica. E da mesma forma que os marinheiros em nossa terra se guiam e orientam por essa estrela do norte, também os marinheiros nesses lugares o fazem pela Estrela do Sul, a qual não podemos ver, da mesma forma que eles não podem ver a do norte. De tudo isso se pode deduzir que a terra e o mar são redondos, pois a parte do firmamento que aparece em um país não é a mesma que aparece em outro. E qualquer um pode comprovar isso valendo-se da experiência e da minuciosa indagação, já que, encontrando-se barcos de travessia e pessoas dispostas a percorrer o mundo, poder-se-ia navegar inteiramente ao seu redor, de cima a baixo.²⁵⁹

As terras mais além da Terra Santa, na narrativa de Mandeville, abrigam ainda uma grande variedade de outros povos com qualidades excêntricas, como na Ilha de Crues, onde as pessoas se jogam nuas em rios e arroios durante a maior parte do dia devido ao

²⁵⁸ *Ibidem*. pp. 157-158

²⁵⁹ *Ibidem*. p.170

grande calor;²⁶⁰ ou na Ilha de Lamary, cujos habitantes andam completamente desnudos e zombam dos estrangeiros que andam vestidos. Essas pessoas também tem o “vil costume”, segundo Mandeville, de não tomar um cônjuge, sendo que todos partilham de companhia dos demais. Além disso todos os bens, de alimentos a casas são compartilhados e todos consomem carne humana.²⁶¹ Na Ilha de Sumobor homens e mulheres marcam a face com um ferro em brasa, para se diferenciar de todos os outros povos do mundo por se considerarem os mais nobres da Terra;²⁶² na Ilha de Caffolos, as pessoas tem o costume de pendurar seus doentes em árvores para que sejam devorados pelos pássaros, pois consideram melhor esse fim do que serem enterrados e devorados pelos vermes;²⁶³ os habitantes da Ilha de Milke são cruéis e se deleitam com nada mais que a luta e a matança. Bebem o sangue de suas vítimas e o maior matador é também o mais respeitado;²⁶⁴ na Ilha de Tracoda Mandeville descreve pessoas “inteiramente bestiais e não razoáveis”. Esse povo vive em cavernas, pois não constroem casas, aonde se escondem a qualquer sinal de um estranho. Alimentam-se de carne de serpentes e, não possuindo uma língua, comunicam-se através de assovios.²⁶⁵

Muitos outros povos são ainda descritos por Mandeville. No entanto um deles salta aos olhos, os Tártaros e seu imperador o Grande Khan de Catai. Mandeville dedica quatro capítulos a descrição do Grande Khan, sua terra, sua corte, seu povo, seus costumes e sua religião e ainda outros dois as terras que se encontram sob seu jugo. Além disso o imperador é citado diversas vezes ao longo da obra, com uma constante referência a seu poder e majestade. Sobre o imperador Mandeville afirma:

Não há sob o firmamento senhor tão grande nem tão poderoso como o Grande Cã (...). Nenhum deles pode comparar-se ao Grande Cã, nem em poder nem em nobreza nem em riqueza, pois em tudo ele ultrapassa todos os príncipes da terra.²⁶⁶

A cidade e o palácio do Grande Khan (cuja descrição muito lembra a de Marco Polo) reflete o seu poder e riqueza:

²⁶⁰ *Ibidem.* p. 158

²⁶¹ *Ibidem.* pp. 169-170

²⁶² *Ibidem.* p. 175

²⁶³ *Ibidem.* pp. 178-179

²⁶⁴ *Ibidem.* p. 179

²⁶⁵ *Idem.*

²⁶⁶ *Ibidem.* p. 210

Nessa cidade, encontra-se a sede do Grande Cã, em um belo e enorme palácio, cuja muralha mede mais de das milhas; dentro da muralha existem muitos outros palácios. No jardim do grande palácio, há uma grande colina sobre a qual se situa outro palácio. Este é o mais bonito e rico que alguém posso imaginar. (...) Esse palácio onde está a sede é grandioso e maravilhoso. No seu salão há 24 colunas de fino ouro e todas as paredes do interior são cobertas de couro vermelho de uns animais chamados panteras, que são muito bonitos e de bom odor. (...) No centro do palácio, encontra-se um estrado, para o Grande Cã, que é completamente adornado com ouro, pedras preciosas e grossas pérolas. Nos quatro ângulos do palanque, há quatro serpentes de ouro e, em torno, um grande dossel feito de fina seda e ouro, pendendo em torno de todo o estrado. (...) O salão é ricamente adornado e maravilhosamente aparelhado de todas as coisas que se possa imaginar. (...) Os degraus para subir são todos de diversas pedras preciosas ligadas por ouro. À esquerda do trono do imperador, um degrau abaixo, achase o trono de sua primeira esposa, que é igualmente de jaspe orlado de ouro e pedras preciosas. O assento de sua segunda esposa encontra-se ainda um degrau abaixo e é também de jaspe e orlado como o outro. E a cadeira da terceira esposa é ainda mais baixa do que a da segunda.²⁶⁷

A corte do imperador, formada por dezenas de pessoas, também recebe a atenção do narrador, que se impressiona com suas qualidades:

Sob a mesa do imperador, aos seus pés, sentam-se quatro letrados que escrevem tudo o que ele diz, seja bom ou mau, pois tudo o que diz convém ser registrado, porque sua palavra não pode ser alterada nem contestada. (...) Diante da mesa do imperador permanecem em pé grande barões e outros que o servem. Nenhum deles ousa proferir uma palavra se o imperador não se dirige a ele, exceto aqueles que são menestréis, os quais cantam canções, contam gestas e fazem troças para divertir o imperador. (...) Na frente da porta do salão postam-se muitos barões e cavaleiros, encarregados de impedir que alguém entre contra a vontade ou ordem do imperador, exceto as pessoas que o servem e os menestréis do palácio. (...) Jamais poderíamos imaginar se não o tivéssemos visto, pois ninguém poderia crer na nobreza nem na riqueza nem na quantidade de gente que se encontra em sua corte sem ter visto. Não existe corte semelhante entre nós, pois aqui os nobres tem um número menor de pessoas a seu serviço, segundo suas possibilidades, enquanto o Grande Cã arca diariamente com os gastos de inumeráveis pessoas.²⁶⁸

Ao descrever o povo do Grande Khan, os Tártaros, Mandeville oferece descrições as vezes conflituosas. Sua primeira referência a esse povo acontece no décimo quarto capítulo, muito antes das demais descrições. Ele afirma:

²⁶⁷ *Ibidem*. pp. 191-192

²⁶⁸ *Ibidem*. pp. 193-195

[...] os habitantes dessas terras comem carne sem pão, sorvem o caldo e bebem o leite de toda espécie de animal. Comem cães, raposas, gatos, ratos e todo tipo de animal selvagem e doméstico. Quase não tem lenha e, por isso, esquentam e cozinham suas comidas com esterco de cavalo e de outros animais, secos ao sol. Os príncipes e o povo comum comem uma só vez ao dia, e pouco. São pessoas desagradáveis e de má índole.²⁶⁹

No entanto quando chegamos a descrição da corte do Grande Cã, Mandeville afirma o seguinte sobre o refinamento do povo:

E isso é o mínimo que posso dizer, pois essas gentes são as mais refinadas do mundo em todo tipo de ciência. Quanto à sutileza, à malícia e ao engenho, excedem todos os demais homens do mundo; e sabem bem disso. Daí que digam que veem com dois olhos, enquanto os cristãos somente com um, pois eles são muito mais sagazes que estes. Dizem dos demais povos que são cegos no que concerne ao conhecimento intelectual e às artes manuais.²⁷⁰

Mais à frente ele descreve seus costumes, religião e leis:

As gentes dessa terra vestem roupas largas, sem forros, feitas de tecidos ricos de *tartarie* e tecidos de ouro; roupas abertas dos lado e unidas por laços de seda. Também se vestem com peles, deixando o pelo para fora, porém, não usam capas nem capuzes. As mulheres usam as mesmas roupas que os homens, de forma que na aparência externa não se distinguem uns dos outros, exceto as mulheres casadas, já que levam na cabeça uma insígnia. As esposas de um mesmo homem não vivem juntas, antes vive cada uma só, e o marido vai dormir com a que lhe apraz. Todo o mundo tem sua própria casa, tanto o homem como a mulher. Suas casas são redondas, feitas com estacas, e tem uma janela redonda na parte superior para que entre a luz e saia o fumo. (...) As gentes daquele país começam a fazer tudo o que tem que fazer na lua nova. Veneram a Lua e o Sol, ajoelhando-se frequentemente ante eles. Quando cavalgam, fazem-no normalmente sem esporas, porém, sempre levam um pequeno açoite na mão para fustigar o cavalo. (...) Eles são todos muito bons arqueiros e atiram muito bem, cavalgando ou correndo, tanto homens como mulheres. As mulheres exercem todo tipo de ofício, como alfaiate, sapateiro e outros mais. Conduzem carros e charruas e fazem casas e vários outros trabalhos, excetuando arcos, flechas e armadura, que são coisas de homens. E todas as mulheres usam bragas como os homens.²⁷¹

²⁶⁹ *Ibidem*. p. 131

²⁷⁰ *Ibidem*. p. 193

²⁷¹ *Ibidem*. pp. 211-213

Essas passagens, que os editores de Mandeville afirmam ser retirada da obra *Speculum Historiale*, fornece uma visão mais agradável dos tártaros. No entanto, um pouco a frente o autor afirma:

Todos os tártaros tem pequenos olhos, barba rala e falha. São falsos e traidores e não cumprem suas promessas. São duros e mais capazes de suportar o sofrimento que nenhum outro povo, pois para isso são bem ensinados em seu país. Vivem de forma miserável e não gastam nada.²⁷²

Essa inconsistência que salta aos olhos é uma boa prova da tese de que a obra de Mandeville é uma colcha de retalhos, feita a partir de fragmentos de outras obras. Essa característica, comum as obras medievais,²⁷³ serve ainda para mostrar que o autor, independente da sua identidade, era um homem letrado e leitor de grandes obras da antiguidade.

(2) Animais e plantas

Muitos são os animais e plantas descritos por Mandeville em sua obra. Essa série é excelente para mostrar a naturalidade com que animais fantásticos se misturam com outros animais exóticos que, para o autor e seus leitores, eram tão maravilhosos quanto os primeiros. Bons exemplos dessa fauna fantástica são a filha de Hipócrates, transmutada em dragão, o grifo e a Fênix da Arábia, das quais já tratamos no capítulo anterior. Entre outros exemplos interessantes que podemos contar estão as serpentes sicilianas usada para descobrir se um filho é bastardo ou legítimo;²⁷⁴ na Ilha de Calonak encontram-se “muita variedade de caracóis, tão grandes que podem albergar no interior se suas carapaças muitas pessoas, como em pequenas casas”;²⁷⁵ ao longo do texto encontramos diversas referências a dragões em lugares abandonados, como no capítulo 21 na ilha de Silha aonde “há muita terra baldia cheia de serpentes, dragões e crocodilos”²⁷⁶ ou, no capítulo 29, no deserto adjacente às montanhas onde estão presos Gog e Magog que “está infestado de dragões, serpentes e outros animais venenosos”²⁷⁷ ou ainda no capítulo 32, nos desertos onde se encontram as árvores do Sol e da Lua, lugar onde existe “grande quantidade de

²⁷² *Ibidem*. p. 214

²⁷³ Como discutimos no primeiro capítulo.

²⁷⁴ VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit. p. 76

²⁷⁵ *Ibidem*. p. 178

²⁷⁶ *Ibidem*. p. 180

²⁷⁷ *Ibidem*. p. 227

animais selvagens, enormes dragões e enormes serpentes que matam e devoram todos que se aproximam deles”;²⁷⁸ também no capítulo 29 temos os Ypotaynes, “que as vezes vivem na água e às vezes em terra. São metade homem e metade cavalo”;²⁷⁹ no deserto das terras de Preste João podemos encontrar “homens selvagens, cornudos, de horroroso aspecto e que não falam, apenas grunhem como os cerdos”²⁸⁰ e os papagaios que “fala e saúdam as gentes que atravessam os desertos, e lhes falam com uma voz tão clara como se fosse a de um homem”.²⁸¹ Na ilha Taprobana, finalmente, podemos encontrar formigas “tão grandes como cachorros”,²⁸² que guardam montanhas de ouro.

Há ainda duas passagens curiosas no capítulo 31. Na primeira, Mandeville se esforça para descrever a girafa e o camaleão:

Existem também ali muitas girafas, na Arábia chamadas *gerfauntz*. Trata-se de um animal malhado, que é um pouco mais alto que um corcel, porém, seu pescoço mede 20 cúbitos de comprimento e suas ancas e rabo são como os de um cervo. É capaz de ver por cima de uma casa bem alta. Há também nesse país muitos camaleões, um pequeno animal parecido com uma cabra selvagem e que vive de ar, nunca comendo nem bebendo nada, e mudando de cor frequentemente. Pode-se vê-los umas vezes de uma cor e outras de outra, podendo adotar o animal tantas cores como quiser, exceto o vermelho e o branco.²⁸³

Essa descrição, usando uma comparação com animais conhecidos do leitor, era comum em obras antigas e medievais, ainda que pintem imagens muito peculiares, como o camaleão, que muito se parece com uma pequena cabra selvagem. Por fim temos um parágrafo em o viajante descreve diversos animais, alguns mais comuns, outros bastante estranhos:

Existem também nesse país serpentes extraordinariamente grandes, chegando algumas a medir 120 pés de comprimento. (...) Há também ali porcos selvagens de muitas cores e tão grandes como os bois de nossa terra, e são todos manchados como as corças novas. Também há ouriços do tamanho de nossos cerdos selvagens, os quais se chamam porcos-espinhos. Igualmente há leões completamente brancos, grandes e fortes, bem como outros animais do mesmo tamanho ou maiores que os cavalos de batalha, chamados *loerancz*, por uns, e *odenthos*, por

²⁷⁸ *Ibidem*. p. 245

²⁷⁹ *Ibidem*. p. 227 - A editora do texto aponta em nota que existe na passagem uma provável confusão entre hipopótamos e hipocentauros ou centauros, seres meio homem, meio cavalo.

²⁸⁰ *Ibidem*. p. 231

²⁸¹ *Idem*.

²⁸² *Ibidem*. p. 257

²⁸³ *Ibidem*. pp. 239-240

outros. Tem uma cabeça negra com três grandes cornos afiados na frente, tão cortantes como uma espada, e o corpo é ruivo. É um animal muito feroz, que persegue e mata o elefante. Há também outras animais muito maliciosos e cruéis, que não são muito maiores que um urso, com a cabeça de um porco selvagem e com seis patas, em cada uma das quais há duas garras grandes e afiadas. O corpo é como o de um urso e a cauda, como a de um leão. Ali há também uns ratos tão grandes como os cães de caça; e outro, pelados, tão grandes como corvos. E há gansos vermelhos, que são três vezes maiores que os nossos, porém, tem a cabeça, os pescoço e o peito completamente negros.²⁸⁴

Uma das principais características dos animais exóticos na fala de Mandeville é seu tamanho, sempre muitas vezes maior do que sua contrapartida europeia. Ao mesmo tempo animais mais banais, como o leão ou o porco-espinho, convivem com naturalidade na fala do narrador com animais como o *odenthos*, ou o animal com cabeça de porco selvagem, corpo de urso, cauda de leão e seis patas.

As plantas na fala de Mandeville se apresentam por dois motivos: sua relação com o sagrado, ou suas qualidades excepcionais. Do primeiro tipo temos, por exemplo, as madeiras que compunham a cruz de Cristo:

E saibei que a cruz de Nosso Senhor foi feita de quatro tipos de árvore, como está nesse verso: *In cruce sunt palma, cedrus, cipressus, oliva*. A peça vertical que ia da terra à cabeça era de cipreste; aquela horizontal, em que as mãos foram pregadas, era de palma; e o tronco da parte inferior fixada na terra, na qual havia um encaixe para sustentar o pé da cruz, era de cedro. E a tábua sobre a cabeça, que tinha 1 pé e meio de comprimento e na qual foi escrito o título em hebraico, grego e latim, era de oliveira.²⁸⁵

No Egito podem ser encontradas as maçãs do paraíso, maçãs alongadas que “são muito doces e de agradável sabor. E se cortadas em várias partes de través, sempre se encontrará no centro a figura da cruz de Nosso Senhor”.²⁸⁶ Ou ainda a *lignum aloes*, a madeira de aloé, que segundo Mandeville vinha do Paraíso através dos quatro rios que deles saíam, ao longo da obra a madeira é mencionada diversas vezes junto com suas virtudes medicinais: “Nesse rio, encontram-se muitas pedras preciosas e muito *lignum aloes*, que é um tipo de madeira que vem do Paraíso Terrestre. É muito boa como tratamento para

²⁸⁴ *Ibidem*. p. 240

²⁸⁵ *Ibidem*. p. 41

²⁸⁶ *Ibidem*. p. 72

muitas doenças e é muito cara”.²⁸⁷ Podemos mencionar também a *Árvore Seca*, da qual já falamos no capítulo anterior.²⁸⁸

Do segundo tipo podemos contar as árvores das quais tratamos no capítulo anterior, como a árvore que dá três tipos de pimenta;²⁸⁹ as árvores que dão por fruto farinha, vinho, mel e veneno;²⁹⁰ as árvores que dão um fruto parecido com uma cabaça, dentro do qual se encontra “um pequeno animal de carne, osso e sangue, parecido com um cordeiro sem lã”²⁹¹ e as árvores cujos frutos eram “aves voadoras, boas para comer”;²⁹² e, por fim, as árvores, no deserto das terras de Preste João, que todos os dias crescem, dão frutos, decrescem e retornam a terra.²⁹³

(3) Cenários

A descrição dos cenários na obra de Mandeville tem diversas intenções, geográfica, topográfica, incluindo por vezes características maravilhosas, como o Rio de Areia, ou a montanha de ouro guardada por formigas. No entanto a característica que mais chama atenção, e que mais importa a este capítulo, é a relação entre o cenário descrito e o povo que o habita. Por diversas vezes as características ou costumes de um povo são um reflexo da terra que habitam. Por exemplo, os beduínos e ascopardes, povos que Mandeville considera, como já vimos, “dotadas de má índole”, habitam os desertos da Síria, áridos e cruéis como seus habitantes.²⁹⁴ A terra da Tartária, onde habitam homens que o autor descreve como “pessoas desagradáveis e de má índole, é descrita da seguinte forma:

É uma terra arenosa e pouco fértil, pois ali não se produz nada do que é útil, nem cereais, nem vinhas, nem frutas, nem ervilhas, nem favas. Não obstante, há abundância de animais (...) No verão, por todas as regiões, produzem-se muitas tempestades com relâmpagos e trovões, faz grande calor e, também subitamente, passa a fazer frio. Trata-se, pois, de uma terra maldita e pobre. (...) na verdade, nenhum homem bom deveria viver ali, pois nem a terra nem o povo são dignos de enterrar nem mesmo cães. Essa terra quiçá seja boa para plantar cicuta, urtiga e outras ervas daninhas, pois, para qualquer outra coisa, não vale nada.²⁹⁵

²⁸⁷ *Ibidem.* p. 77

²⁸⁸ *Ibidem.* p. 86

²⁸⁹ *Ibidem.* p. 161

²⁹⁰ *Ibidem.* pp. 176-177

²⁹¹ *Ibidem.* p. 225

²⁹² *Idem.*

²⁹³ *Ibidem.* p. 231

²⁹⁴ *Ibidem.* p. 83

²⁹⁵ *Ibidem.* p. 131-132

Os povos cruéis e maus refletem a terra infértil, dura e ruim que habitam. O oposto também é válido na narração de Mandeville; na Ilha de Mancy, por exemplo, que Mandeville considera a melhor e mais bonita terra do mundo, a beleza e fertilidade da terra está refletida nos seus habitantes, “gentes bonitas”, como diz o viajante:

Dessas ilhas, indo para oriente pelo Mar Oceano, depois de muitas jornadas, chega-se a um grande país e grande reino chamado Mancy. Está situado na Índia Maior e é a melhor terra, a mais bonita e a mais deleitável e abundante em todo tipo de bem ao alcance do homem. Ali vivem muitos cristãos e sarracenos, pois é um grande país. (...) nesse país não há pessoas carentes e pedintes. São gentes bonitas, no entanto, muito pálidas, e os homens tem barbas ralas e de pouco pelo, mas grandes. É raro que algum homem tenha mais de 50 pelos na barba, pois eles tem uma barba tão rala como a de um leopardo ou um gato. Há muito mais mulheres bonitas que em nenhum outro país do ultramar. E alguns chamam essa terra de Albânia, porque suas gentes são brancas.²⁹⁶

Outro bom exemplo é a terra de Catai, o reino do Grande Khan, o senhor mais poderoso do mundo. Assim como seu palácio sua terra é rica e fértil e o destino de centenas de mercadores de toda a Europa, afinal, “O reino de catai é o maior do mundo, e o Grande Cã é o imperador mais poderoso que existe sob o firmamento”.²⁹⁷ Podemos destacar ainda a Ilha de Bragman, cujos habitantes são naturalmente puros, vivendo longe de todos os pecados e crimes. A terra, por sua vez, é grande, boa e fértil:

Mais além dessa ilha há outra, grande, boa e fértil, onde vive gente boa, honesta, de boa fé e bom viver, de acordo com a natureza da sua religião. E mesmo não sendo cristãos, por instinto natural vivem comedidamente, são pessoas de grande virtude, afastadas de todos os pecados, vícios e malícias. (...) Em geral, todos os habitantes dessa ilha e das terras próximas são mais honrados e mais justos que em qualquer outra parte. Nessa ilha, não há ladrões nem assassinos nem prostitutas nem mendigos nem vigaristas, e nunca alguém foi morto ali.²⁹⁸

Por fim podemos ainda lembrar a relação entre a tendência sedentária dos indianos e o clima de sua terra, que vimos no item anterior. Da mesma forma em que essa relação é válida entre terras e seus povos, é válida também para as maravilhas. São nas terras boas,

²⁹⁶ *Ibidem*. p. 185

²⁹⁷ *Ibidem*. p. 202

²⁹⁸ *Ibidem*. p. 241

sob domínio de reis valorosos, que encontramos as maravilhas positivas na narração de Madeville, enquanto em terras insólitas e más encontramos maravilhas que são reflexo dessa índole. Na Terra Santa, por exemplo, perto de Acre, achamos o poço de Memnom:

Perto de Acre, corre um riacho chamado Belo e, nas proximidades, há o poço de Memnom, que é redondo, tem 100 cúbitos de largura e está cheio de areia brilhante, com a qual se fazem belos e claros vidros. Há quem venha de terras distantes pelo mar, em barcos, e por terra, com carros, para levar essa areia. E por mais que se tire em um dia, na manhã seguinte o fosso está tão cheio como antes. É uma grande maravilha!²⁹⁹

Na terra de Preste João, o maior rei cristão da terra, podemos encontrar o Mar Arenoso:

Em seus domínios, existem muitas maravilhas, entre elas o Mar Arenoso, formado de areia e gravela, sem uma gota de água. Flui e reflui formando grandes ondas, como ocorre em outros mares, e jamais, em nenhuma estação, fica parado ou tranquilo. Ninguém se atreve a atravessá-lo, nem em barco nem usando qualquer outro meio, razão pela qual não se sabe que territórios existem mais além desse mar. E ainda que esse mar não tenha água, contudo, em suas margens há bons pescados de outra espécie, de um tipo que não se encontra em outro mar, e tem muito bom sabor e são deliciosos de comer.³⁰⁰

A corte do Grande Khan e suas muitas maravilhas são outro bom exemplo. No sentido oposto, aquilo que discorda da lógica cristã de costume ou de beleza de Mandeville, as maravilhas assumem um caráter negativo, como na Ilha de Dondin, onde um ídolo é capaz de determinar se um doente viverá ou morrerá:

Dessa ilha, navegando na sul, há outra grande ilha chamada *Dondin*, na qual vive um povo de costumes terríveis, tanto que o pai come o filho; o filho o pai; o marido a mulher e esta, o marido. E se alguma vez sucede de que o pai, a mãe ou algum amigo fique doente, o filho recorre imediatamente ao sacerdote de sua religião e suplica que pergunte ao ídolo se o enfermo vai morrer dessa doença ou não. Então, o sacerdote e o filho se dirigem juntos ao ídolo e, ajoelhando-se devotamente diante dele, fazem a pergunta. O diabo que está dentro do ídolo responde que o enfermo não morrerá desta vez e lhes ensina como deverão curá-lo. Então o filho retorna e cuida do pai e faz o que o ídolo indicou até que o doente seja curado. (...) Mas se o ídolo diz que a pessoa morrerá, então o sacerdote acompanha o filho ou a esposa ao enfermo; eles põem uma mão na boca do enfermo para cortar sua respiração e assim sufocam-no e matam-no. Depois de fatiar o corpo em pedaços, rogam a todos seus amigos que se reúnam com eles para comer o morto. Mandam vir todos

²⁹⁹ *Ibidem*. p. 59

³⁰⁰ *Ibidem*. p. 230

os menestréis do país e comem numa festa com grande solenidade. Depois de comida a carne, recolhem os ossos e os enterram com grandes cânticos e melodias.³⁰¹

Podemos citar por último as mulheres, habitantes de uma ilha no Mar Oceano, que são “de má e cruel índole, que tem pedras preciosas dentro dos olhos e são de tal feitio que, se olham um homem colericamente, matam-no apenas com seu olhar, como faz o basilisco”³⁰². Essa qualidade do texto de Mandeville nos ajuda a perceber sua sensibilidade quanto ao sentido do maravilhoso que descreve.

O Libro del conoçimiento

O anônimo *Libro del conoçimiento*, ainda que menor que as *Viagens* em tamanho (físico e de número de leitores), busca apresentar nas suas descrições uma completa visão do mundo. No entanto, o *Libro* não possui a mesma vastidão de descrições das *Viagens*. Ainda que escrito na primeira pessoa, o livro se divide em pequenas descrições geográficas. O autor muito raramente se detém na descrição de pessoas, animais e plantas, e quando o faz é breve. O autor no entanto mostra conhecimento de estudos clássicos, mencionando em seu texto a Guerra de Tróia,³⁰³ Jasão e o Velo de Ouro,³⁰⁴ a conquista de Marrocos por Cipião, o Africano,³⁰⁵ e a campanha de Alexandre, o Grande, na Ásia.³⁰⁶ Além disso faz uma breve menção a Ptolomeu, e uma pequena lembrança a vitória de Alfonso, rei de Castela, sobre os mouros.³⁰⁷

(1) Homens e mulheres

Como já dito, são poucas as vezes em que o *Libro* se detém nas descrições de seres humanos, mas ainda assim temos algumas passagens que chamam atenção. Como nas *Viagens*, uma das principais características que chamam a atenção do autor quando descreve outro povo é sua religião ou seus costumes, por exemplo ao descrever os povos que vivem nas províncias entre a Alemanha e o Mar Maior, afirma: “são povoadas de

³⁰¹ *Ibidem*. p. 183

³⁰² *Ibidem*. p. 237

³⁰³ LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). *Libro del conoçimiento de todos los rregnos et tierras et señoríos que son por el mundo, et de las señales et armas que han*. Op. It. p. 163 c.a

³⁰⁴ *Ibidem*. p. 163 c.b

³⁰⁵ *Ibidem*. p. 166 c.a

³⁰⁶ *Ibidem*. p. 175 c.a

³⁰⁷ *Ibidem*. p. 160 c.a

cristãos, porém são cismáticos”.³⁰⁸ Mais à frente, ao descrever as montanhas que separam a Germânia e a Hungria, ele diz: “e são montes muito povoados de gente (...), porém não são cristãos católicos”.³⁰⁹ Na província de Gazula ele diz: “E os povoadores nunca quiseram rei, porém tem um juiz.”³¹⁰ Sobre a cidade de Amemjan ele diz: “e é também um reino muito grande e de muitas gentes e é terra muito abundante de todos os bens, salvo que as gentes eram idólatras e creem nos ídolos”.³¹¹ Sobre os tártaros ele diz: “fui a Gepta e daí a outra que dizem Acobat, que são cidades muito grandes e muito ricas e muito abundantes de todas as coisas, porém são povoadas de tártaros e de gentes sem lei, que não guardam nenhum mandamento de Deus, salvo não fazer mal a outro”.³¹²

Outra característica que chama a atenção do autor são as particularidades físicas de alguns povos, que trabalhamos com mais detalhes no capítulo anterior. Ao falar da Noruega ele descreve “gentes que tem as cabeças fincadas no peitos que não tem pescoço algum”,³¹³ os blêmios de Plínio e Santo Isidoro. Ao descrever o reinado de Dilinj, ele afirma que ali os homens são “muito pequenos, como de dois palmos de comprido, e esses lidam com as gruas e as vencem”,³¹⁴ são os pigmeus que podemos encontrar também em Mandeville e em mapas, como no Atlas Catalão, onde aparecem batalhando as gruas. Nas terras de Alberzibi habitam gentes que “são homens vis que comem a carne e os pescados crus; e tem os rostos longos como cães (...) e se chamam synfalos”,³¹⁵ os cinocéfalos. A cor da pele de alguns povos também tem sua importância na narrativa do autor, por exemplo ao falar de Tocoron diz que é “uma terra muito abundante, e como é muito quente, as gentes são negras”,³¹⁶ ou no reinado de Don Gola, que é terra “muito povoada de gentes cristãs de Nubia, mas que são negros”.³¹⁷ Por último, uma última característica chama atenção, o tempo de vida de alguns povos, como o povo de Ybernja³¹⁸, que são “homens de grande vida, que alguns deles vivem duzentos anos”.³¹⁹

³⁰⁸ *Ibidem*. p. 158 c.a

³⁰⁹ *Ibidem*. p. 162 c.a

³¹⁰ *Ibidem*. p. 166 c.b

³¹¹ *Ibidem*. p. 169 c.b

³¹² *Ibidem*. p. 172 c.b

³¹³ *Ibidem*. p. 159 c.a

³¹⁴ *Ibidem*. p. 173 c.a

³¹⁵ *Ibidem*. p. 175 c.b

³¹⁶ *Ibidem*. p. 167 c.b

³¹⁷ *Ibidem*. p. 168 c.b

³¹⁸ O autor do *Libro* nesta passagem parece misturar a ilha de Hibernia, nome grego para a Irlanda, com a Hiperbórea, onde, como já vimos, os habitantes tinham longa vida.

³¹⁹ *Ibidem*. p. 160 c.a

(2) Animais e plantas

Se são poucas as menções a pessoas no *Libro* as menções a animais e plantas são ainda mais escassas. Fauna e flora não chamam a atenção do autor que em apenas quatro passagens faz menções a animais e plantas. Ele menciona que nas montanhas da Noruega se “criam muitas aves girifaltes, açores, falcões; também criam muitos animais fortes: javalis brancos e ursos brancos”.³²⁰ Um pouco a frente, quando fala da Ybernja, ele menciona “árvores cuja fruta que levavam eram aves muito gordas, quando as árvores são bem tratadas e regadas, e essas aves eram muito saborosas de comer, quer cozidas quer assadas”,³²¹ que aparecem também no texto de Mandeville. Ao falar do deserto do Saara, menciona-se o rio de Ouro, aonde encontram-se formigas do tamanho de gatos: “e colham ouro no formigueiros que fazem as formigas ao longo do rio; e estas formigas são muito grandes, do tamanho de gatos”.³²² A última menção a plantas é no reinado de Dilinj, terra dos pigmeus, onde “frutifica a pimenta e gengibre e o linho aloe e muitas outras especiarias”.³²³

(3) Cenários

Os cenários são o principal ponto de foco no *Libro*, porém, as descrições seguem um fórmula, apresentam o nome do reino ou país, suas principais cidades, seus principais rios, lagos e mares, se existirem, e o brasão de seu rei:

Parti de Bayona e entrei em Navarra, um reinado muito viçoso onde há uma cidades e duas vilas grandes, a saber: Pamplona, Tudela e Estella. E correm por ela três rios grandes que são: a um chamam Ebro, e ao outro chamam o Rio Çinca e ao outro, Rio Sigre. E o rei de lá tem por sinais estas armas:³²⁴

A grande maioria das descrições se limita a esses pontos. No entanto, alguns destes cenários recebem atenção especial quando apresentam alguma importância histórica, religiosa, ou alguma característica fora do comum. Ao falar de Colônia, por exemplo, o autor afirma: “E nesta Colonja dizem que jazem enterrados os três Reis Magos que

³²⁰ *Ibidem*. p. 159 c.a

³²¹ *Ibidem*. pp. 159 c.b – 160 c.a

³²² *Ibidem*. pp. 167 c.b – 168 c.a

³²³ *Ibidem*. p. 173 c.a

³²⁴ *Ibidem*. p. 156 c.a

adoraram a Jesus Cristo em Belém”.³²⁵ Mais à frente, ao descrever a Irlanda, ele descreve “uma grande lagoa que dizem o lago Aventurado pois ao longo deste lago foram feitos encantamentos antigamente”.³²⁶ Ao falar da Síria, ele descreve dois lagos muito grandes, onde teriam existido Sodoma e Gomorra: “E correm por meio da Suria e fazem dois lagos muito grandes, a um chamam Mar Morto, ao outro Mar da Galileia. E Afirmam que estes dois lagos foram as duas cidades de Sodoma e Gomorra”.³²⁷ Mais à frente ele conta ter visitado diversas ilhas, listando seus nomes:

E daí fui a outra ilha que chamam Vezmarin, e a outra que chamam Rracha, e a outra que chamam Alegrança, e a outra que chamam Forte Ventura, e a outra que dizem Canaria; e fui a outra que chamam Tenerefis, e a outra que chamam A ilha do Inferno; e fui a outra ilha que chamam Gomera, e a outra que chamam a ilha do Feroo, e a outra que chamam Aragadia, e a outra que chamam Saluaje, e a outra que chamam a ilha Deserta, e a outra que chamam Lecmene, e a outra que chamam o Porto Santo, e a outra que chamam a ilha do Lobo, e a outra que chamam a ilha das Cabras, e a outra que chamam a ilha do Brasil, e a outra que chamam a ilha Colubaria, e a outra que chamam a ilha da Ventura, e a outra que chamam a ilha de São Jorge, e a outra que chamam a ilha dos Coelhoos, e a outra que chamam a ilha dos Corvos Marinhos, de tal maneira que são vinte e seis ilhas;³²⁸

Muitas outras são as passagens em que o autor descreve pormenores de cada cenário. Contudo, ao contrário do texto de Mandeville, não existe no *Libro* uma correlação entre o cenário e o caráter do povo que o habita. Enquanto em Mandeville terras áridas produziam povos de caráter duvidoso e terras férteis produziam povos virtuosos, no *Libro* podemos encontrar terras abundantes de fertilidade com povos que não atendem aos requisitos de virtude do anônimo monge espanhol, como nos mostra a passagem, já citada, acerca dos montes entre Germânia e Hungria, onde a terra é abundante de todas as coisas, mas o povo não é cristão, ou a também já citada passagem sobre a cidade de Amemjan, muito abundante, mas cujos habitantes eram idólatras, ou ainda a passagem sobre as cidades Gepta e Acobat, muito grandes e ricas, porém habitadas de pessoas que não seguem os mandamentos. Assim, diferente do texto de Mandeville, o *Libro* apresenta uma

³²⁵ *Ibidem*. p. 157 c.a

³²⁶ *Ibidem*. p. 159 c.b

³²⁷ *Ibidem*. p. 164 c.a

³²⁸ *Ibidem*. pp. 166 c.b – 167 c.a

sensibilidade diferente quanto aquilo que descreve, especialmente quanto ao caráter dos povos que habitam a terra.

- O dilema de Colombo: o outro positivo ou negativo?

Agora pensando na obra *A conquista da América* de Tzvetan Todorov, e especialmente no dilema de Colombo ante a consideração de que os habitantes da América eram, ao mesmo tempo, iguais, ou seja justificavam a catequese, e diferentes, justificando a escravidão, trabalharemos novamente as duas obras, as *Viagens* e o *Libro*, lado a lado, destacando como o outro assume aspectos negativos ou positivos. Para isso trabalharemos com dois elementos opostos, primeiro o homem monstruoso, como a representação do outro negativo, inferior ao homem europeu, que dessa forma afirmava sua superioridade; depois o grande Khan de Catai, como a representação do outro positivo, valoroso, o reconhecimento do poder e da riqueza de uma cultura diferente, uma visão que a obra de Marco Polo disseminou, sendo a maior referência do conhecimento ocidental acerca do Oriente. Analisaremos a oposição entre os dois elementos para entender porque o outro é representado de forma positiva ou negativa.

Ao falar da relação de Colombo com os recém descobertos nativos americanos Todorov afirma que a atitude do explorador italiano decorre da percepção que tem dos índios e que essa percepção, por sua vez, pode ser dividida em duas componentes:

Ou ele pensa que os índios (apesar de não utilizar esses termos) são seres completamente humanos, com os mesmos direitos que ele, e aí considera-os não somente iguais, mas idênticos, e este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros. Ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade (no caso, obviamente, são os índios os inferiores): recusa a existência de uma substancia humana realmente outra, que possa não ser meramente um estado imperfeito de si mesmo.³²⁹

Por um lado, então, Colombo assume esse assimilacionismo “inconsciente e ingênuo”³³⁰ e procura converter os índios aos seus costumes. Por outro lado a ideologia escravagista vem à tona, baseando-se em uma inferioridade dos índios. Colombo, como afirma

³²⁹ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América*. p. 41

³³⁰ *Idem*

Todorov, distingue então os índios: “índios inocentes, cristãos em potencial, e índios idólatras, praticantes do canibalismo; ou índios pacíficos (que se submetem ao seu poder) e índios belicosos, que merecem por isso ser punidos”.³³¹ Cria-se, então, uma dicotomia: os índios que não se converteram só podem ser escravos, não existe outra possibilidade.

Essa dualidade pode ser facilmente vista nas nossas duas obras, tanto nas *Viagens* quanto no *Libro* podemos encontrar descrições que tendem ao assimilacionismo ou à uma inferioridade do outro. Podemos encontrar com facilidade na narração de Mandeville a mesma divisão feita por Colombo: existe o estranho bom, próximo, inocente, cristão ou facilmente catequizado; e o estranho mal, distante, cruel, antropófago, infiel, pagão ou herege.

No entanto, essa divisão, tão maniqueísta na visão de Todorov, não se dá de forma tão clara nos nossos documentos. Existe o outro positivo e o outro negativo, sim; existe assimilacionismo e afirmação de inferioridade, sim; porém podemos enxergar uma certa gradação de alteridade: este outro é diferente de mim, mas não tanto quanto aquele, que é menos diferente que aquele outro. Se voltarmos mais uma vez aos textos poderemos enxergar claramente essa gradação: para Mandeville os Sarracenos são diferentes, fisicamente, na cultura e na religião, porém, como seguem a última com muita retidão poderão ser facilmente convertidos em bons cristãos, visto que a sua fé é próxima; outros povos árabes, como os beduínos e ascorpades, não podem ser convertidos, pois são, aos olhos do viajante, vis e cruéis e, portanto, sendo inferiores, estão mais longe de Mandeville do que os sarracenos; os judeus das dez linhagens estão ainda mais longe, pois são descritos como reais inimigos da cristandade, que serão responsáveis pelo seu fim. Contudo, esses ainda estão mais próximos de Mandeville do que os povos das muitas ilhas que ele visita, povos que andam nus, algo inexplicável para o cavaleiro inglês; povos antropófagos, algo imperdoável para o olhar cristão; povos como os cinocéfalos, conscientes e organizados, mas que com sua cabeça canina se diferem mais que os outros; e finalmente os seres monstruosos, desprovidos de qualquer traço de humanidade.

Do outro lado, do lado positivo, podemos ver a mesma gradação: primeiro temos povos cristãos que possuem pequenas diferenças do narrador, como o povo da Núbia, cuja única diferença é sua pele negra, ou os sacerdotes indianos que celebram seus sacramentos em Jerusalém rezando o Pai Nosso sem conhecer as adições feitas por diversos papas; depois

³³¹ *Ibidem*, p. 44

podemos ver cristãos que tem diferenças mais significativas, como os gregos, a quem Mandeville devota grande atenção na descrição de seus costumes, por serem tão distintos. Depois podemos ver povos como os Sarracenos, que apesar de não serem cristãos serão facilmente convertidos; temos até aqui então o assimilacionismo trabalhado por Todorov, os indianos, os gregos e os Sarracenos são vistos por Mandeville como cristãos imperfeitos, os dois primeiros grupos, apesar de cristãos, ou não conhecem as adições dos papas, ou tem práticas muito diferentes; o terceiro grupo, os sarracenos, apesar de não serem cristãos, possuem todos os requisitos de retidão moral e de fé para serem facilmente convertidos.

Por último temos o Grande Khan de Catai, sua corte e seus súditos, que tem a maior e mais detalhada descrição da obra, quatro capítulos inteiros são devotados a descrição das terras do Khan sempre exaltando-o como o maior imperador da Terra, ainda que ele não seja cristão. Essa admiração é algo que chama a atenção, pois é genuína, não existe nela a intenção assimilacionista que o próprio Mandeville tem pelos Sarracenos por exemplo; o cavaleiro não tem a menor intenção de converter o Khan, porém exalta-o como sendo Grande; ele se admira da grandiosidade e riqueza da corte e do poder que tem seu imperador; ele descreve com interesse a grande engenhosidade do seu mestre artesão; ele não considera o Khan, sua corte e seus súditos uma forma imperfeita de si, mas sim como um outro verdadeiramente diferente e ainda assim grande, afinal “não existe sob o firmamento senhor tão grande nem tão poderoso como o Grande Cã”.³³²

Temos então, assim como na descrição de Colombo, dois limites opostos na fala de Mandeville. No entanto, esses limites não estão ligados a mesma lógica dos limites impostos por Todorov: de um lado o escravagismo e do outro o assimilacionismo; em Mandeville nosso limite negativo são os povos monstruosos, a quem o cavaleiro não tem intenção de escravizar, e o limite positivo é o Grande Khan, a quem ele não pretende catequizar. Os povos monstruosos servem exatamente a uma exaltação da superioridade do narrador (e conseqüentemente do seu leitor), são tudo o que ele não é. O Grande Khan por outro lado é quase uma utopia, algo a se almejar, mantendo-se cristão.

Por outro lado, temos na narrativa um certo desequilíbrio: nas suas muitas viagens, sejam elas reais ou não, Mandeville descreve apenas um outro cuja riqueza e o poder são extraordinários e respeitados, enquanto podemos encontrar uma miríade de

³³² VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Op. Cit . p. 210

monstruosidades. Mandeville inclusive nos oferece sua definição de monstro no sétimo capítulo da obra: “um monstro é um ser disforme, seja homem, animal seja qualquer outro ser, por isso se chama monstro”.³³³ Essa definição um tanto quanto generalizante nos diz muito sobre a visão do narrador, tudo aquilo que difere do padrão é monstruoso, de forma que a seu ver temos uma enormidade de outros monstruosos, enquanto um pequeno número de outros efetivamente diferentes, mas positivos.

³³³ *Ibidem.* p.70

Conclusão

Os Livros de Maravilha, ou *Mirabilia*, estão inseridos na antiga tradição de descrição de lugares fantásticos, localizados nos extremos do mundo conhecido. O nosso estudo detalhado de Livros de Maravilha, tais como como *As viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento*, permitiu encontrar elementos comuns entre essas formas de narrativa e suas relações com as representações do maravilhoso legadas pela antiguidade, como pudemos observar. Deste estudo foi possível reconhecer e analisar a presença dessas representações também em outras formas de manifestação e produção cultural da Idade Média e do Renascimento, como a literatura de viagens e a cartografia.

Nosso principal objetivo alcançado foi mostrar a relação entre esse imaginário maravilhoso e sua representação. Essa análise foi feita através de três estratégias: primeiro analisamos a literatura de viagens e a cartografia; depois analisamos o imaginário fantástico que vigorou na Idade Média e no Renascimento e fizemos um apanhado dos seres, lugares e objetos maravilhosos que povoam esse imaginário, mostrando onde se originam e onde foram representados; por último, através de uma análise aprofundada das fontes, especialmente as *Viagens de Jean de Mandeville* e o *Libro del Conosçimiento*, em conjunto com um debate historiográfico acerca dos problemas de alteridade, conseguimos entender porque esse fantástico é representado da forma como é, mostrando qual o seu sentido.

Foi possível observar, através da leitura de literatura de viagens, a enorme importância de obras da antiguidade na formação desse imaginário. Obras como a *História*, de Heródoto, a *História Natural* de Plínio, o Velho, e as *Etimologias*, de Santo Isidoro formaram o pensamento da Europa medieval acerca do mundo e da sua natureza, estabeleceram uma base escrita para histórias e narrativas posteriores. É fácil perceber a enorme influência dessas obras em outras obras de teor enciclopédico do período medieval, como o *Libro del Conosçimiento*, e em narrativas de viagem como as *Viagens de Jean de Mandeville*, que descrevem com acuidade os mesmos povos, lugares e seres descritos na antiguidade.

A cartografia por sua vez se mostrou indispensável como receptáculo iconográfico desse imaginário. As mesmas obras e teorias teológicas da antiguidade e da alta Idade Média marcaram a representação do mundo de forma extrema, o esquema T/O e suas diversas representações foram por muito tempo a mais propagada visão do mundo. Paralelamente é possível observar a enorme influência de narrativas de viagem no desenho do mundo, sendo as viagens de Marco Polo certamente o maior e melhor exemplo; por quase três

séculos as memórias do mercador veneziano foram a mais usada referência para a representação cartográfica do Oriente. Posteriormente o desenvolvimento de uma cartografia mais elaborada revelou um imaginário mais elaborado acerca do mundo, da descoberta e primeiras representações da América, até os primeiros atlas modernos, produzidos por Mercator e Ortelius.

A análise das diversas tradições culturais que formaram o imaginário medieval nos revelou uma enorme diversidade de criaturas, povos e lugares. Pudemos observar a origem e a representação de diversos desses elementos tanto na literatura de viagens quanto na cartografia.

Pudemos observar quais as características marcam a descrição e a representação do outro dentro do *Libro* e das *Viagens*. Percebemos uma divisão desse outro em positivo e negativo, assim como Todorov percebe na fala de Colombo. No entanto, observamos que essa divisão não é tão simples: a narrativa de Mandeville revela uma gradação da diferença. Da mesma forma observamos uma grande disparidade na quantidade de descrições do outro negativo em relação ao outro positivo, sendo o primeiro muito mais abundante.

Essa representação abundante do outro negativo, cujo maior objetivo é estabelecer a superioridade do narrador, forma a matriz do que posteriormente virá a construir os discursos de superioridade do fim da modernidade e início da contemporaneidade que foram usados para justificar discursos racistas. Essa construção da monstruosidade, que se dá, como vimos, nos extremos do mundo, na Ásia, na África, na América, é a base para a construção do racismo. Relatos de viagem dos séculos XVI e XVII, como o de John Lok encontram na África os blêmios: “Também existem pessoas sem cabeça, chamados blêmios, tendo os olhos e a boca no peito. Também Strocophagi, e nus Ganphasantes: sátiros também, que nada tem de homem além da forma”³³⁴. Essa afirmação categórica estabelece não só a superioridade do narrador, como também justifica o seu domínio sobre aquele que nada tem de homem.

³³⁴ The second voyage to Guinea set out by Sir George Barne, Sir John Yorke, Thomas Lok, Anthonie Hickman and Edward Castelin, in the yere 1554. The Captaine whereof was M. John Lok. Retirado de: <http://www.perseus.tufts.edu/> Acessado em: 22/12/2015

Paralelamente esse imaginário está presente ainda na atualidade, diversos dos elementos maravilhosos que estudamos são reconhecidos atualmente, como a sereia ou o dragão. A imagem do último, por exemplo, é facilmente reconhecida em todo o mundo, está presente em brasões e bandeiras, como a bandeira do País de Gales; figura na cultura popular nas mais diversas mídias. O fascínio pelo desconhecido, que antes estava representado nos confins da terra, hoje se representa na ficção científica, na exploração espacial, as ilhas perdidas se tornam planetas, e as monstruosidades se tornam alienígenas.

Por último devemos apontar outros aspectos do imaginário medieval que podem e devem ser explorados. Escolhemos aqui trabalhar com as representações do Maravilhoso, porém outros aspectos, como a Magia e o Milagre, que Jacques LeGoff também cita como indispensáveis para o entendimento do pensamento medieval, apresentam questionamentos interessantes. Estes dois aspectos do imaginário, com sua origem antiga, ou mesmo pré-histórica, e ainda outros, como as representações cosmográficas medievais, apresentam um campo abundante para questionamento e pesquisa.

O imaginário medieval e renascentista apresenta uma infinidade de possibilidades, aqui exploramos uma dessas possibilidades. O entendimento da construção desse imaginário ilumina o nosso próprio imaginário; entender o processo de transformação dos mitos, histórias e relatos ao longo da Idade Média é indispensável para entender a transformação desses mesmo mitos, histórias e relatos até os dias de hoje e perceber como esses elementos maravilhosos ainda povoam nosso imaginário, ainda que de outras formas. Afinal, o pensamento é como água, flui e se altera, se adaptando aos seus diferentes receptáculos ao longo do tempo. Cabe ao historiador entender e explicar suas mais variadas formas.

Referências

- Fontes primárias

- BENEDEIT. *El Viaje de San Brandan*. 5. ed. Madrid: Ediciones Siruela, 1995.
- BÍBLIA SAGRADA. Trad. De João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil. 1993.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril Cultural. 1979.
- DA VINCI, Leonardo. *Bestiário, fábulas e outros escritos*. Porto: Assírio e Alvim. 2005.
- EVELYN-WHITE, Hugh G. (Org.). *Hesiod, the homeric hymns and homeric*. Cambridge: Harvard University Press. 1943.
- VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE. Tradução, introdução e notas Susani Silveira Lemos França. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- GERVASE. *Otia imperialia: recreation for an emperor*. Edição e tradução de E. S. Banks e J. W. Binns. Oxford: Clarendon, 2002.
- HERÓDOTO. *The history of Herodotus*. Edição e tradução de G.C. Macauley. Londres: Macmillan and Co. 1890. v. 1
- HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Edição e tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- IBN BATUTA. *Voyages et périples choisis*. Paris: Gallimard, 1992.
- ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Edição e tradução de José Oroz Reta e Manuel-A. Marcos Casquero. Madrid: Editorial Católica, 1994.
- LACARRA, Maria Jesus; LACARRA DUCAY, María Carmen; MONTANER FRUTOS, Alberto (compil.). *Libro del conocimiento de todos los rregnos et tierras et señoríos que son por el mundo, et de las señales et armas que han*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico", 1999.
- PLINIO, O VELHO. *Pliny's natural history: In thirty seven books*. Edição e tradução de Jonathan Couch. Londres: G. Barclay. 1847.
- POLO, Marco. *As viagens*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.
- RALEIGH, Sir Walter. *The Discovery of Guiana, and the journal of the second voyage thereto*. Londres: Cassel and Company. 1887.

- Bibliografia

- ALBUQUERQUE, Luis de. *Introdução a história dos descobrimentos*. Coimbra: Atlantida, 1962.
- BAGROW, Leo. *History of cartography*. Londres: C.A.Watts and Co. 1964
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Ed. Difel. 2002.
- DAVIDSON, H.R. Ellis. *Gods and myths of northern Europe*. Londres: Penguin Books. 1965.
- DELUMEAU, Jean. *Historia do medo no ocidente, 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.
- DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O Descobrimento da Terra*. Trad. Alfred Josef Keller. São Paulo: melhoramentos; Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- EUBEN, Roxanne Leslie. *Journeys to the other shore: Muslim and Western travelers in search of knowledge*. Princeton: Princeton University Press, 2006.
- FEBVRE, Lucien. *Ver uma outra história (1949)*. In *Combates pela história*. Paris: Armand Colin, 1953.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Rio de Janeiro, RJ: Martins Fontes, 2001.
- _____ *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciencias humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.
- _____ *Ditos e escritos, Volume III, Estética*. São Paulo: Editora Forense Universitária. 2009.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2012.
- HARTOG, François. *O espelho de herodoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1980.
- _____ *O maravilhoso e cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa: Ed.70, 1990.
- _____ *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____ *O imaginário medieval*. Lisboa: Ed. Estampa, 1994.

- _____ *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LESTRINGANT, Frank. *O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da Utopia*. In *Revista Morus*, número 3, Campinas, 2006.
- LOPES, Paulo. *O medo do mar nos descobrimentos: representações do fantástico e dos medos marinhos no final da idade média*. Lisboa: Tribuna da história, 2009.
- MICELI, Paulo. *O tesouro dos mapas: a cartografia na formação do Brasil*. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2002.
- MICELI, Paulo. *O desenho do Brasil no Teatro do Mundo*. Campinas: Editora da Unicamp. 2012.
- MORRISSEY, Robert. *Charlemagne and France, A thousand years of mythology*. Notre Dame: Editora University of Notre Dame. 2003.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.
- SQUIRE, Charles. *Mitos e lendas celtas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Era, 2005.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.
- TUCCI, Ugo. *Atlas*. In. ENCICLOPEDIA Einaudi. Porto: IN/CM, 1984. v. 1
- ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madri: Cátedra. 1994.

- Fontes digitais

- Biblioteca Vaticana: <https://www.vatlib.it>
- Biblioteca Estense de Modena: <http://bibliotecaestense.beniculturali.it>
- Biblioteca Britânica: <http://www.bl.uk>
- Catedral de Hereford: <http://www.herefordcathedral.org>
- Biblioteca nacional da França – Gallica: <http://gallica.bnf.fr>
- Universidade de Heidelberg: <http://www.ub.uni-heidelberg.de>
- Museu Nacional Alemão: <http://www.gnm.de>
- Armada Espanhola: www.armada.mde.es

- Biblioteca do Congresso: <https://www.loc.gov>
- Enciclopédia Britânica: <http://global.britannica.com>
- Biblioteca James Ford Bell – Universidade de Minnesota:
<https://www.lib.umn.edu/bell>
- Biblioteca Morse – Universidade Beloit:
<http://www.beloit.edu/nuremberg/index.htm>
- Belgeo – Revista Belga de Geografia: <https://belgeo.revues.org/7711>
- Biblioteca da Sociedade Geográfica Americana – Universidade de Wisconsin:
<http://collections.lib.uwm.edu/cdm/landingpage/collection/agdm>
- Universidade de Leiden:
<http://www.dutchrevolt.leiden.edu/dutch/symbolen/Pages/p2n60.aspx>
- Biblioteca digital Perseus – Universidade Tufts: <http://www.perseus.tufts.edu/>